
JUNIOR ROSTIROLA
PREFÁCIO POR CARLITO PAES
ENCONTREI UM PAI
A PATERNIDADE QUE VOCÊ PRECISA
Vida

A grande mensagem de um homem é sua própria vida. Junior Rostirola ensina o que aprendeu em anos de experiência prática na sua própria vida. Ao abrir E*ncontrei um* P*ai*, você depara com o testemunho de alguém que tem encontrado a verdadeira paternidade e ajudado muitos a vencer o espírito de orfandade que assola nossa sociedade.

— JB CARVALHO,
Bispo líder da Comunidade das Nações em Brasília, DF, conferencista e autor

A família é a base da sociedade, e sem ela, uma nação não progride. Quando vemos famílias destruídas, encontramos um povo sem destino. Em E*ncontrei um* P*ai*, Junior Rostirola nos apresenta com profundidade, por meio de seu próprio testemunho, a verdadeira saída e solução para todas as gerações. É possível ter um Pai de amor que pode revelar o seu destino e mudar a sua realidade. Eu recomendo este livro porque aqui você desenvolverá sua jornada até encontrar seu verdadeiro Pai.

— DAMARES ALVES,
Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, engajada socialmente na prevenção e conscientização sobre automutilação e suicídio de crianças e jovens.

Tenho percorrido todo o Brasil e encontrado histórias de uma geração escrava por passados que machucaram muito. Casamento dos pais que foram péssimo exemplo, filhos que nunca souberam o que é ter um pai de verdade e não receberam amor. Junior Rostirola, com sensibilidade e grandeza, nos mostra que existe uma forma de catalisar toda a sua dor em uma história de sucesso. E*ncontrei um* P*ai* mostra que é possível amar após viver num cenário no qual você nunca foi amado e desenvolver uma jornada pessoal de transformação. Tenho certeza de que este livro mudará a sua vida. Recomendo esta leitura.

— DEIVE LEONARDO,
YouTuber com o maior canal de pregação individual do mundo, com quase 2 milhões de inscritos e autor

Em E*ncontrei um* P*ai*, meu amigo Junior Rostirola narra a sua história de criança autoidentificada como órfão de pai vivo, pois, apesar de o pai residir na mesma casa, ele não era um pai amoroso. Lendo este livro, você vai perceber que em Deus podemos suprir todas as nossas carências paternas e ainda transformar a história daqueles ao nosso redor.

— LUCINHO BARRETO,
Pastor líder da juventude da Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte, MG, e autor

Este livro de Junior Rostirola prova que é possível reverter em bondade tudo aquilo que a vida aplicou a você como tristeza. Você pode dar propósito às suas dores e aqui há princípios que impulsionarão a sua vida para a liberdade. Desfrute!

— CARLOS DAMASCENO,
Pastor Sênior da Power Church em Belo Horizonte, MG, autor do livro V*ida poderosa*, publicado por Editora Vida.

E*ncontrei um* P*ai* trata de uma realidade difícil e desafiadora, mas com um final bem diferente dos traumas e revoltas que encontramos na maioria das pessoas. Você verá a beleza de ações extraordinárias que foram impulsionadas pelas deficiências e dores de alguém que encontrou em Deus suporte para vencer. Jesus poderia ter dito M*eu* P*ai*, mas disse P*ai nosso*. Indico este livro.

—CLAUDIO DUARTE,
Pastor e conferencista

ENCONTREI UM PAI

JUNIOR ROSTIROLA

ENCONTREI UM PAI

A PATERNIDADE QUE VOCÊ PRECISA

Vida

©2019, Junior Rostirola



Editora Vida
Rua Conde de Sarzedas, 246 - Liberdade
CEP 01512-070 - São Paulo, SP
Tel.: 0 xx 11 2618 7000
Fax: 0 xx 11 2618 7030
atendimento@editoravida.com.br
www.editoravida.com.br

Todos os direitos desta obra reservados por Editora Vida.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.
Todos os grifos são do autor.

Scripture quotations taken from Bíblia Sagrada,
Nova Versão Internacional, NVI ®.
Copyright © 1993, 2000, 2011 Biblica Inc.
Used by permission.
All rights reserved worldwide.
Edição publicada por Editora Vida,
salvo indicação em contrário.

Editor responsável: Gisele Romão da Cruz
Editor-assistente: Marcelo Martins
Preparação: Sônia Freire Lula Almeida e Vagner Sabino
Revisão de provas: Josemar de Souza Pinto
Projeto gráfico e diagramação: Luciana Di Iorio
Capa: Maycon Pereira
Conversão para ebook: Cumbuca Studio

Todas as citações bíblicas e de terceiros foram adaptadas segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em vigor desde janeiro de 2009.

1. edição: j**ul.** 20**1**9

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rostirola, Junior
Encontrei um Pai : a paternidade que você precisa / Junior Rostirola. -- São Paulo : Editora Vida, 2019.

ISBN 978-85-383-0392-3

1. Família - História 2. Histórias de vida 3. Pastores - Biografia 4. Rostirola, Junior 5. Superação I. Título.
19-26001

CDD-280.4092

Índices para catálogo sistemático:
1. Superação : Pastores evangélicos : Histórias de vida 280.4092
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Ao Deus Pai, que nunca me abandonou e sempre esteve de braços abertos para me receber como filho.

Dedico este livro a você, que é um filho amado de Deus Pai. Deus sempre estará de braços abertos para receber você.



Agradecimentos

Chegar até aqui não foi fácil, mas possível. A graça de ter encontrado um Pai me fez ver também que hoje sou rodeado de amigos e pessoas especiais. Neste momento, quero dedicar algumas palavras para agradecer essas pessoas importantes por sua contribuição para a construção deste livro tão profundo e grandioso. A gratidão é uma atitude nobre e engrandece os amigos.

Quero agradecer em primeiro lugar à minha mãe que, praticamente sozinha, nos ensinou os maiores valores e princípios da vida e que, com uma bondade incrível, nunca desistiu, mas sempre foi intensa e perseverante. O amor incrível da minha mãe me fez vencer as piores situações. Ela é o anjo que está sempre ao meu lado, torcendo por mim e sempre mostrando que é possível permanecer em vitória. Obrigado, mãe, por nunca ter desistido da nossa família! Você marcou a nossa história para sempre.

À minha linda esposa Michelle. Você é a mulher mais incrível que conheci em toda a minha vida. Você tem sido auxiliadora, compreensiva, companheira e a minha maior incentivadora. Você é a voz que fala mais alto nas minhas vitórias. Sua fé em mim permanece sendo a força que tem me feito sempre acreditar que é possível.

Aos meus amados filhos João Pedro e Isabella. Vocês me deram o privilégio de ser pai. Hoje tudo que recebo do meu Pai celestial posso dar a vocês. Amor, provisão, proteção e promoção.

Às minhas irmãs Kátia, Cristiane e, em especial, a Michele que colaborou contando um pouco da sua história e do seu ponto de vista do que vivemos na infância. Agradeço também aos meus cunhados e sobrinhos por sempre estarem ao meu lado e por vivenciarem momentos marcantes e vencerem junto com nossa família.

Aos meus sogros Francisco e Zilma por sempre estarem ao meu lado me apoiando.

A todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, fizeram parte da minha história e marcaram a minha vida. Aos vizinhos e amigos que sempre acolheram e abrigaram a nossa família quando precisávamos.

Ao convite especial da senhora Irene Maria Teixeira que mudou toda a minha vida.

Agradeço à minha amada Igreja Reviver, onde tenho vivenciado o amor de Deus todos os dias. Hoje sou pai de uma multidão porque tenho uma igreja que me honra como pai. À equipe pastoral que me auxilia e sempre está à disposição para servir e estar ao meu lado. Aos líderes de ministérios, líderes de célula e a todos os voluntários que têm acreditado na visão que tenho recebido do meu Pai celestial. Vocês formam a melhor equipe do mundo!

Aos pastores Carlito e Leila Paes, por mentorearem a minha vida e me ajudarem nesta jornada ministerial me aconselhando, inspirando e emponderando.

Aos amigos Damares Alves, Carlos Damasceno, J.B. Carvalho, Cláudio Duarte, Lucinho Barreto e Deive Leonardo por cooperarem com esta obra.

Ao pastor Vagner Sabino, por me ajudar a completar este projeto. Sua dedicação, extensa pesquisa, percepção e contribuição ajudaram a tornar este livro uma realidade.

Ao pastor Ivonei, pastor Anísio, Francisco, Fábio e Gláucia que colaboraram na leitura e correção deste projeto.

Aos fotógrafos Carlos Francisco Furtado, Mayckon e Vanessa Santos, Hamilton e Cássia, que contribuíram para que a minha história ficasse registrada em imagens.

Ao capista Maycon Pereira pelo design da capa desta obra.

Agradeço a Editora Vida, em especial ao meu amigo Sérgio, por acreditar que este projeto alcançará milhares de pessoas em todos os lugares.

A Gisele Romão, editora responsável, e a sua equipe de edição.

Agradeço a Deus e a você pelo privilégio de poder compartilhar esta obra.

Obrigado!



Sumário

Prefácio
Apresentação
Introdução

1 — Uma promessa, um filho
2 — Um sonho, uma família
3 — A dor do isolamento
4 — Um futuro, não o sonhado
5 — Noites frias
6 — Fora do time
7 — Encontrei uma família
8 — Uma nova história
9 — A realidade da orfandade
10 — Paternidade restaurada
11 — Descobrindo o seu propósito
12 — Encontrei um Pai
13 — Catalisador — Dor transformada em possibilidades

Conclusão



Prefácio

Carlito Paes

Encontrei um Pai fala sobre a jornada de um homem com Deus e sua nova história de filho espiritual e pastor. Conheço o pastor Junior Rostirola e sua esposa Michelle há muitos anos. E tem sido muito especial ver seu processo de restauração e crescimento, de forma pessoal e ministerial. Sua igreja, a Reviver em Itajaí, nasceu com 8 irmãos e cresceu para cerca de 3.000 pessoas sob sua liderança. A Igreja Reviver tem se destacado na cidade e em todo estado de Santa Catarina. Por meio da Rede Inspire, temos visto o quanto eles estão sendo inspirados e vêm inspirando outros, rompendo desafios e crescendo a cada dia!

Uma igreja saudável é um lugar de família. Esse plano perfeito de Deus trouxe ao homem pertencimento, aceitação e destino. É justamente dentro do contexto familiar que o homem descobre sua identidade, desperta para o seu propósito e escreve sua história, cumprindo a vontade de Deus em sua vida. Não fomos projetados para a solidão e o isolamento, mas para relacionamentos reais, profundos, relevantes e poderosos. Para isto a família foi criada: promover uma atmosfera capaz de nos conectar às pessoas de maneira tão significativa que descobriremos o propósito maior da nossa existência.

Tanto a família biológica como a espiritual são um memorial de que temos um Deus que concede sua paternidade a todos, que se esvazia de si mesmo para nos redimir e que se move para nos consolar. Tudo aponta para o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Deus é o centro da família. Os nossos relacionamentos familiares deveriam sempre revelar o caráter e a presença de Deus.

Dentro do contexto familiar, fomos criados à imagem de Deus para espelhar e espalhar a sua glória. A liberdade é uma marca da imagem do criador em nós. Somos livres para escolher seu plano perfeito ou para rejeitá-lo. Deus continua governando a História, sem controlar a nossa vida, mas nunca participaremos da sua glória e das suas bênçãos se não tivermos seus princípios e valores. A presença de Deus é a garantia do sucesso familiar.

O pecado tem destruído o registro das digitais de Deus na família, criando lares completamente disfuncionais, nos quais traumas, rejeição,

violência, abandono, morte e insegurança tornam-se as sombrias marcas do homem livre para rejeitar a Deus, mas aprisionado numa vida destrutiva. Onde a paternidade deveria ser revelada, a orfandade tem se manifestado, desfigurando a identidade das pessoas, levando-as a uma vida pequena, sem sentido e sem esperança. Certamente, é desolador e assustador ver as consequências da ausência de Deus nas famílias marcadas pelo pecado.

O mais difícil de se retirar Deus da família é o vazio eterno que esse ato causa. Como reparar tantas vidas destruídas pelo vício? Como trazer esperança em meio ao caos de famílias permeadas por ódio, abandono e violência?

Aqui você encontrará uma história real. O Pastor Junior é um milagre. Deus não está escrevendo o ideal que desejamos, está interferindo na realidade que vivemos e trazendo a sua perfeição, transformando o impossível em milagre. Esta é a história de um homem que permitiu o toque de Deus em seu coração, blindando-o da amargura e do rancor, promovendo a cura, apagando os sinais de destruição do seu passado e movendo-o para o seu destino.

Participar da sua história e ver o que Deus está escrevendo em sua vida e ministério é de fato uma lembrança poderosa de que, no final, o amor sempre vence e o mal perde. A escravidão da orfandade será completamente destruída pelo poder redentor do amor de Cristo revelado por sua Igreja, que nos conecta ao Pai e nos proporciona a identidade de filhos amados de Deus.

Onde a família biológica falhar, a família espiritual poderá alcançar e restituir. A igreja é a esperança para as famílias. Deus está despertando homens como o pastor Junior e sua esposa Michelle para destruir os bloqueadores gerados pela orfandade, mudando a realidade por meio do despertamento das suas vocações.

O toque de Deus não promove apenas a cura, mas traz destino. Homens e mulheres que um dia choraram por causa do pecado enxugarão as lágrimas de outras pessoas, trazendo as marcas de Cristo em suas vidas.

As dores de muitas pessoas destruídas pela marca do pecado estão sendo transformadas em ministérios relevantes e influentes que têm se

manifestado para restituir o que o Inimigo roubou, ressuscitar o que ele matou e reconstruir o que ele destruiu. Nada pode parar a revolução do amor liberada pela paternidade de Deus.

Todos precisamos de paternidade. Todos precisamos do toque consolador e de cura do Espírito Santo que é o único que tem a habilidade de tocar no nosso passado sem nos destruir. Uma nova história Deus deseja escrever nas páginas brancas da sua vida levando-o além da dor e das perdas. Que este livro-testemunho o ajude a não desistir!

Faça uma boa leitura e ore ao Deus Pai para que ele também se revele Aba Pai para você! Creia que o melhor de Deus está por vir!

—Carlito Paes

Pastor Líder da Igreja da Cidade e Fundador da Rede Inspire de Igrejas, autor de 26 livros, dentre eles I*grejas que prevalecem* e C*omo pregar para transformar vidas*, ambos publicados por Editora Vida



Apresentação

Palavras de Neemias, filho de Hacalias: No mês de quisleu, no vigésimo ano, enquanto eu estava na cidade de Susã, Hanani, um dos meus irmãos, veio de Judá com alguns outros homens, e eu lhes perguntei acerca dos judeus que restaram, os sobreviventes do cativeiro, e também sobre Jerusalém. E eles me responderam: "Aqueles que sobreviveram ao cativeiro e estão lá na província passam por grande sofrimento e humilhação. O muro de Jerusalém foi derrubado, e suas portas foram destruídas pelo fogo" Quando ouvi essas coisas, sentei-me e chorei. Passei dias lamentando-me, jejuando e orando ao Deus dos céus.

Neemias 1.1-4

Encontrar o propósito verdadeiro pode mudar fundamentalmente a vida de uma pessoa para melhor, além de ajudá-la a contribuir de forma eficaz para algo positivo no mundo em que vivemos.

Quando uma pessoa tem um propósito claro ou o que denominamos "chamado", ela passa a ver o trabalho que desenvolve como uma fonte de sentido, realização e amor, porque passa a ser algo que se transforma em contribuição para a sociedade como um todo.

Foi exatamente isso que comecei a sentir quando me voltei para o próximo. Eu me senti atraído a seguir o propósito que Deus tinha para mim, e isso mudou radicalmente a minha identidade.

Mas nem sempre foi assim...

Durante muito tempo da minha vida, fiquei imóvel, sem iniciativa. Eu podia passar dias sem expressar nem sequer uma reação. O mundo desmoronava ao meu redor, e eu não tinha nenhuma vontade de viver. E isso talvez possa estar acontecendo com você neste exato momento.

Já tinha chorado muito. O lamento e a gritaria foram meus amigos íntimos ao longo de muitos anos. Meus e da minha família. Não havia sonhos para mim que pudessem se tornar realidade. Eu simplesmente não era capaz de sonhar. Ser órfão de pai vivo, a meu ver, é a pior coisa que uma criança indefesa pode vivenciar: medo, insegurança, raiva, vergonha, horror, pavor, gritaria, corre-corre...

Certo dia, porém, descobri meu propósito de vida. Passei pelo filtro do Catalisador. Assim como acontece com os veículos a combustão, os gases tóxicos da minha vida, resultantes da combustão da alma e de experiências mais que dolorosas, foram transformados em gases inofensivos, reduzindo a emissão de poluentes na atmosfera; poluentes estes que eu poderia estar emitindo até hoje. De alguma forma, consegui mudar a atmosfera da minha vida. Agora não sou mais aquele menino que fica no banco da escola, sentindo-se abandonado e desamparado. Agora me sinto com capacidade e emponderado para transformar não só a minha realidade, mas também para transformar a realidade de muitas pessoas.

É assim que vejo o meu passado. Todos os traumas e sentimentos de orfandade da minha infância geraram dentro de mim, depois de adulto, uma inquietação para transformar esses sentimentos em algo positivo e mudar a história de muitas pessoas. Assim como um catalisador, Deus blindou o meu coração para absorver os gases tóxicos e tornou-o capaz de transformá-los em combustível que pode gerar mudança na sociedade. Hoje sou capaz de influenciar uma geração e estender a mão para ajudar pessoas que passam por sentimentos com os quais debati por muitos anos.

Este livro narra um pouco da minha história. Apenas uma parte, ainda que imprescindível, para que eu seja o que sou hoje. Muitos foram os anos em que eu só ouvia notícias ruins e vivia fechado para mim e para o mundo. Os muros da minha família estavam todos derrubados. Nossa família estava em ruínas. Não havia uma janela ou porta de segurança. Literalmente.

Mas, em meio à humilhação e ao sofrimento, surgiu um raio de esperança, uma luz no fim do túnel que me dizia que era possível reconstruir a minha história, ainda que a ruína e o desespero tivessem sido o meu pão diário praticamente toda a infância e grande parte da adolescência.

Na dor, nosso sistema de valores é abalado,
nosso coração se volta para aquilo
que realmente importa.

Convido você para percorrer comigo a jornada da minha família, orando para que o Catalisador da paternidade se torne pleno em você também.



Introdução

Eu tinha um irmão

Michele Lima, irmã de Junior Rostirola

Quando minha mãe, Edite, tinha 18 anos, ela estava noiva de um bom rapaz de família que vivia em Laurentino, Santa Catarina. Eles se conheceram em Lages, e ele a visitava todo mês.

Certo dia, o Domingos (meu pai), que tinha recém-chegado do Paraná, montou uma oficina mecânica ao lado de uma pequena mercearia que meu avô tinha. A minha mãe ajudava a cuidar do comércio trabalhando ali com ele. Acontece que o novo rapaz da cidade sempre aparecia pela mercearia para comprar comida e tomar umas pinguinhas, algo que não era muito diferente do que muitos homens da cidade também faziam.

O meu pai não bebia de cair no chão, mas gostava dos pilequinhos. Todas as vezes que aparecia na mercearia do José — o meu avô —, ele sempre puxava conversa com a minha mãe, e a conversa era boa e agradável. Chegou o dia em que ele a convidou para ir a um baile e, para não ficar constrangedor, pediu para que ela convidasse também o noivo, mas com a condição de dançar pelo menos uma música com ele. Foi aí que começou toda a desgraça.

Todos foram para o baile, inclusive a minha avó, porque obviamente a minha mãe não saía sozinha de casa. Depois da primeira música com o noivo, chegou a hora de dançar com o meu pai. Por debaixo da mesa, ele dá um ligeiro toque na minha mãe e pede ao noivo permissão para dançar com ela. Acabada a música, os dois continuam de pé conversando, até meu pai confessar que gosta da minha mãe e a pedir em casamento. Isso aconteceu no ano de 1965.

No dia seguinte, o noivo aparece para tirar satisfação:

— Você está namorando com o Domingos?

A minha mãe, uma mulher de família e recatada, confessa seus sentimentos, mas diz que nunca aconteceu nada antes do baile, e o noivo, depois de oito meses de relacionamento, toma a iniciativa de terminar tudo.

— Você vai se arrepender! — arremata.

Ao saber dessa história maluca, meu avô ficou muito bravo, mas a minha mãe, por estar tão decidida a ficar com o meu pai, ameaça tirar a

própria vida caso a obriguem a se casar com o então ex-noivo. Oito dias depois, o pai aparece na mercearia da família para pedir a mão da mãe em casamento.

— Eu não faço gosto nesse casamento — disse meu avô —, e ninguém aqui vai ficar "alisando o banco". Dou três meses para vocês se casarem. Eu sei que ela vai sofrer com você, mas se é isso o que ela quer...

Três meses foi o prazo. Meu avô foi categórico. E eles se casaram em dois meses. A minha avó não dizia nada, a não ser que ela estava deixando um ótimo rapaz sem conhecer nada do outro.

No dia 8 de novembro, o pai falou com o vô, e no dia 8 de janeiro do ano seguinte eles se casaram.

Ah, se arrependimento matasse...

Quanta dor! Quanto medo! Quantos traumas a minha mãe e toda a nossa família sofreram por conta dessa escolha! E a história continua...

Eu tinha um irmão que, durante toda a infância e pré-adolescência, tive que carregar comigo. Eu era dois anos mais velha do que ele. E éramos muito próximos. Como estava constantemente com ele, eu sempre percebia que havia algo diferente nele. Ele tinha um coração bom, uma atitude diferente de qualquer criança. Mesmo com um coração bom, ele passou por muitos traumas na infância. O meu irmão era aquele que sempre permanecia mudo e que jamais expunha suas vontades.

Enquanto o mundo caía em casa, ele se agarrava a uma fralda e paralisava... Aquela fralda era seu porto seguro, era sua companheira. Lembro-me de que, antes de ir para a escola, ele chupava o dedo e cheirava a fralda; logo depois, saía correndo. Quando voltava da escola, a mesma coisa. Era seu ritual.

Como não conseguia encarar ninguém nos olhos, o meu irmão estava sempre de cabeça baixa. Lembro-me de tê-lo visto poucas vezes de cabeça erguida, mesmo com pessoas próximas como nossos amigos em comum. Quando saíamos para brincar, por ele ser muito introspectivo e ter medo de rejeição, sempre ficava sentado no muro de casa com a fralda nas mãos nos olhando brincar na rua com os amigos. De vez em quando, ele brincava! A maioria das vezes, ele ficava de longe, apenas observando. Com o passar do tempo, entendemos que a fralda, o ficar parado no

portão e o não conseguir ir brincar com os amigos eram indicativos do medo e da insegurança que o paralisavam. Quantas vezes na vida somos paralisados por causa dos nossos medos e das nossas inseguranças! Quantas vezes nossos medos nos bloqueiam e nos impedem de conhecer e experimentar nosso futuro e aquilo que Deus está disponibilizando para nós!

Lembro-me ainda de que, por causa dos medos paralisantes, o meu irmão também teve traumas que eram sentidos na escola. Eu ficava aterrorizada quando a professora dele chegava e me dizia que ele estava *outra vez* na secretaria. Ele estava *sempre* lá por causa de uma dor na barriga recorrente que não se sabia o motivo. Quando eu ia vê-lo, sempre o encontrava chorando de desespero e dor. Eu pensava que talvez a professora fosse muito exigente e brava, mas entendemos depois que toda essa dor e essa situação da escola eram reflexo de todo o drama emocional da nossa família. Como sempre estávamos juntos e vivenciamos diariamente essa situação de briga e desespero dentro de casa, passei a entender quanto essa dor que ele sentia na barriga era, sim, um reflexo da nossa casa.

Já a nossa irmã Cris, mais velha que eu, sofria de outro jeito. Ela se fechava em si mesma e vivia dentro do quarto. Ela tentou muitas vezes sentar com o pai e dar conselhos para que ele parasse de beber, mas não tinha jeito. Você sabe como é: poucas pessoas assumem que têm um problema de alcoolismo antes de ter feito um estrago grande demais!

Na escola, ninguém sabia nada sobre o nosso pai. Nunca falei nada a ninguém. Alguém chegou a me dizer que eu não tinha pai, porque eu só mencionava a minha mãe nas conversas. Eu nem sequer conseguia responder; sempre desconversava e saía, porque esse era um tema proibido para mim. Se alguém dissesse para fazer trabalhos da escola na minha casa, eu desconversava ou dizia que não era possível porque a minha mãe não gostava. Sempre tentava fugir de alguma situação embaraçosa. Deus me livre se descobrissem! Eu morria de medo que soubessem a verdade e de ser desprezada pelos meus amigos.

Nós já tínhamos visto algo parecido perto de casa com uma vizinha. O marido dela era alcoólatra, e a família sofria horrores porque ninguém gostava dos filhos deles.

Eu me esforçava para ser aceita. Na verdade, eu me impunha e me incluía no esporte, no vôlei, no handebol, no pingue-pongue. Eu sempre tomava a iniciativa do que quer que fosse; se era para escolher um time, por exemplo, eu pulava na frente para escolher todo mundo, porque eu tinha medo de ficar para trás. Já o Junior era totalmente o contrário.

Como ele sempre estava comigo, eu sempre o ajudava para que ele nunca ficasse sozinho, mas os amigos na verdade eram meus. O meu irmão não chegava a se relacionar com as pessoas, apenas me acompanhava. Nunca tomava decisões ou partido. Assim, posso dizer que, por muito tempo, ele não teve decisão própria, nem escolhas. Alguém sempre tinha que estar ao lado dele. Até ele ter 13 anos, não me lembro de algo diferente. Junior apenas ficava ali, de cabeça baixa, sentado no muro na frente de casa, observando o movimento da rua por horas, enquanto eu brincava com várias crianças.

Mesmo diante de tanta rejeição e de sempre ser deixado de lado pelas pessoas, era perceptível que havia algo de diferente com o Junior, pois sempre agia bondosamente com as pessoas. Quando brigávamos, ou ele fazia coisas de que eu não gostava, bastava eu dizer que o coração dele ficaria preto ou que ele não iria para o céu, que na mesma hora ele fazia o que eu queria. Ou, então, eu dizia que estava passando mal e que o meu rim estava doendo... Na hora, o pobrezinho ficava apavorado e dizia para eu parar. Mesmo ele sendo rejeitado e sofrendo com o ambiente dentro de casa, o Junior sempre foi preocupado com as pessoas, ele sempre se importou com o próximo.

Eu tinha um jeito especial de manipulá-lo... e ele de ser manipulado e guardar silêncio. Era um menino ingênuo e, de certa forma, como filho mais novo, era o mais indefeso. Também é verdade que ele era o menino protegidinho da mamãe. Não fazia nada em casa. Por isso, eu aproveitava e pedia que ele me ajudasse com a louça ou na hora de lavar o banheiro.

— Oh, Junior, limpa lá o banheiro para mim que eu tenho que limpar a cozinha! — mas ele sempre dizia não.

— Ah, é! O seu coração vai ficar preto. Aliás, já está preto, já está pela metade...

Ele ficava apavorado e me ajudava.

Diante de qualquer briga, eu soltava a do coração preto, a história da dor no rim, ou me lançava no chão e fazia cena de novela para ele acreditar; simulava e tudo. E gritava:

— T*ó* mal, muito mal.

Quando tínhamos 10 e 12 anos, respectivamente, quebramos um pé de limão do qual a minha mãe gostava muito. Tudo aconteceu porque o Junior foi podar o pé de limão para a minha mãe, mas acabou cortando o galho errado, e o limoeiro caiu. O medo e o desespero de a minha mãe chegar e ele apanhar, ou de ela o repreender, era enorme.

Para isso não acontecer, nós amarramos o galho a um pedaço de sarrafo para calçá-lo. E lá ficou parado, com os limões e tudo... Só que foi amarelando com os dias, e a mãe notou.

Como o Junior não queria decepcioná-la de jeito nenhum, fiz chantagem com ele, dizendo que contaria tudo para a mãe. Não foi preciso. Quando ela se deu conta, achou até engraçado. Menos mal.

É verdade que a ruinzinha era eu. Também, se eu não me virasse, quem é que me protegeria? Na escola não tinha ninguém para me defender. Eu tinha que encontrar a minha maneira de sobreviver. Mas Junior sempre foi um menino obediente. Nunca reclamava. Em geral, as pessoas o elogiavam porque não era uma criança de incomodar ninguém. Nunca foi rebelde, e o que a mãe dizia para ele era lei.

Crescemos em meio a muitas dores e traumas, e o nosso pai faleceu quando eu tinha 16 anos, e ele, 14. Confesso que foi um alívio e, ao mesmo tempo, uma profunda tristeza, pois dali em diante tinha acabado qualquer chance de termos um *pai de verdade*. Você consegue entender a contradição desse sentimento?

Nesse período de descanso e alívio, posso dizer que finalmente começamos a viver. Eu já havia perdoado o pai. E isso se deve também ao fato de a minha mãe sempre ter dito que *ele era um homem bom, se não fosse a bebida*! A minha mãe sempre nos blindava de um pai mal e ruim, ela sempre tentava mostrar que o meu pai era bom e que a bebida tinha causado esse mal nele. No fundo, no fundo, isso tinha uma parte de verdade, pois o meu pai nunca fez algo estarrecedor contra nós. Ele nunca encostou uma mão em nós com o desejo de abusar sexualmente. Quando estava são,

não nos agredia, e sempre que podia de alguma forma nos respeitava. O que o meu pai não tinha era amor de pai, porque seu pai também era da mesma forma. Ninguém dá o que não tem.

É verdade também que ele nos tratava a todos do mesmo jeito, ainda que fosse da pior maneira. Não havia diferença entre uns e outros. Pelo menos disso não guardo tristeza nem trauma de rejeição.

No entanto, cinco meses depois da morte do meu pai, a minha mãe, que só tinha 47 anos, conheceu o João, e começaram a namorar. Cristiane, nossa irmã, e eu estávamos na adolescência, por isso foi difícil aceitarmos o fato de que a mãe tinha arrumado outro homem e que a história poderia se repetir, mas o Junior pensava que seria sua chance de ter um pai. No início, eles se deram até bem. Mas bastou que ele se casasse com a nossa mãe para que o nosso padrasto começasse a sentir ciúmes do Junior.

Como o Junior tinha sido o primeiro a incentivar que a mãe se casasse, acabou sofrendo e se decepcionando mais uma vez. Acontece que o nosso padrasto tinha um comportamento muito possessivo; logo no começo ele deixou claro que *a mãe era dele*. E isso rompeu o laço que tínhamos com ela, principalmente o do Junior, que era muito forte. Ele não largava do pé do menino. Fingia situações e punha toda a culpa nele.

Quando o João namorava a mãe, ele era um amor com o Junior, cuidava, levava para passear e fazia de tudo para agradar, mas, quando ele casou com a minha mãe, se transformou, começou a ter ciúmes do Junior. Como ele começou a nos tratar com falta de respeito e a brigar por causa de ciúmes, eu fiquei muito brava e várias vezes comprei briga, porque o Junior simplesmente não se defendia.

Além disso, o Junior e o João trabalharam juntos na área da construção durante três anos. O João sempre dava um jeito de maltratar o menino de cerca de 16 anos, que não contava nada para a minha mãe, porque sabia que ela estava feliz no casamento.

Depois que a mãe casou, ela sempre tinha medo de o Junior ficar sozinho com ele, pois pensava que eles poderiam brigar. Até que chegou o dia em que o menino saiu de casa, dizendo que ia morar comigo. Nessa época eu já estava casada. A minha mãe finalmente exigiu que o meu

padrasto pedisse perdão ao Junior, caso contrário não ficariam juntos.

O Junior sempre perdoava, mas não víamos da outra parte nenhum arrependimento nem reconhecimento, por isso demorei muito em perdoar o meu padrasto.

Depois de passar tudo com o meu pai, era difícil aguentar certas coisas e fingir que não estava acontecendo nada. Ele errava outra vez, e voltava a pedir perdão, e todos perdoavam. Comigo já era diferente. Para dizer a verdade, cheguei a desejar que ele morresse. Eu não queria passar de novo por uma situação-limite.

Foram dezenove anos de casados. O João nunca agrediu minha mãe ou a maltratou; seu problema era a possessão e o ciúme que ele tinha da mãe em relação a nós.

Depois de vários anos de casamento, o João teve mal de Alzheimer e começou a requerer cuidado total. A minha mãe cuidou dele até o final: dava banho, trocava na cama, dava comida na boca. A única pessoa de quem ele se lembrava era da minha mãe.

Pouco antes da doença, quando começou a ir à igreja e se converteu a Cristo, foi que ele mudou. Transformou-se em um assíduo frequentador. Inclusive ajudou a fazer o piso da igreja e se alegrava com isso.

O Junior, depois de casado e já curado da rejeição, passou a vê-lo como um parceiro. Quando a história do Junior mudou a ponto de ele fundar a Igreja Reviver e todos irmos para esse ministério, o nosso padrasto já era um verdadeiro fã do meu irmão. João adorava vê-lo pregar. Meu irmão até o contratou para construir sua casa.

Eu cheguei a morar duas vezes na casa da minha mãe depois de casada. Eu via como o nosso padrasto, depois de se converter, era simplesmente apaixonado pelo Junior e fazia de tudo para agradar a ele e às crianças. Ele tinha mudado de verdade.

Mas o meu ódio só passou porque comecei a pedir a Deus que me ajudasse. Eu tinha mania de querer fazer justiça porque era o que eu tinha aprendido toda a minha vida. E pedi a Deus que mudasse o meu coração para poder aceitar as pessoas, mesmo que elas falhassem comigo. Junior e eu conversamos muito sobre isso e sobre como liberar perdão me faria bem e me transformaria em outra pessoa.

Eu sei que Deus ouviu a minha oração de uma forma que não sou capaz de explicar. Tanto é assim que, ao nascer o Pedro, meu filho, fiquei dois meses na casa da minha mãe junto com o João, apesar de ele também ter ciúme do bebê. Mas isso já não me afetava. Jesus me ajudou a ter um coração mais acessível, e toda aquela revolta da infância e da adolescência começou a desaparecer.

Só Deus poderia mudar a vida do Junior e a de cada um de nós. Ele não só superou o passado, como também tem sabido encontrar caminhos para ajudar pessoas que passaram por problemas parecidos com os dele. Aquele menino calado, inerte, sem reação, emocionalmente doente, finalmente conheceu alguém que lhe deu esperança e um novo sonho.

Hoje sou capaz de ver como Deus cuidou dele em meio a todo o sofrimento e o preservou apesar de tudo. Quando vejo as pessoas do colégio que caçoavam dele e hoje o veem com outros olhos, eu me sinto orgulhosa. Quando vejo os projetos sociais, eu fico realmente emocionada por ver como Deus entrou para ficar na nossa vida. Deus existe! E eu agradeço a ele por tudo o que fez e fará na vida de uma pessoa humanamente improvável, porque sou testemunha ocular desse processo.

De órfão de pai vivo e emocionalmente frágil a uma pessoa restaurada e pastor de milhares.

Graças a Deus, eu também fui abençoada. Conheci um bom homem, Geovane, com quem me casei, e que, aliás, era vizinho nosso e conhecia muito bem o nosso drama familiar. Com ajuda dele, eu também fui curada e tenho aprendido a amar e a perdoar. Quando olho para ele, vejo o que é ser um pai de verdade. Ele e o Pedro têm um relacionamento pai-filho que me leva a agradecer a Deus todos os dias.

Embora eu não tenha conseguido ser mãe para o Pedro no início, por não demonstrar amor e carinho, o Geovane me ensinou a dar e a receber amor. Eu tive que aprender a entender que o meu filho precisava de mim, do carinho de mãe, não só de pai; necessitava do meu abraço, algo que me custava o mundo. Por isso, digo que Deus também teve paciência comigo e foi renovando e transformando todas as áreas da minha vida. E o processo continua!

Hoje construí a minha família... estou crescendo a cada dia!


1

Uma promessa, um filho

Como todo casamento, as primeiras semanas da união dos meus pais foram muito lindas. Ele a agradava; ela se dedicava como esposa; e os dois eram felizes. Ela conta que estava muito feliz e que aquelas palavras do meu avô de que Domingos não serviria para ela como marido não faziam sentido algum para ela.

Contudo, logo nos primeiros meses, a minha mãe começou a ver que o meu pai não era bem o que dizia ser.

A lua de mel tinha acabado, e ele começou a se tornar uma pessoa muito agressiva. O meu pai começou a bater na minha mãe logo no início do casamento. Acredito que o relacionamento amoroso durou por volta de quinze dias. Obviamente, isso a fez sofrer muito, porque ela não podia simplesmente voltar para a casa dos meus avós. Afinal, ela tinha que enfrentar as consequências das suas próprias escolhas.

Ele bebia e se tornava agressivo, e ela sofria as dores das agressões. Ele se desculpava, e ela aceitava. E assim a vida seguia: com a promessa de que ele ia mudar, que ia deixar de beber (coisa de alcoólatra) e que deixaria de ser agressivo.

Começaram, então, a vir os filhos. Durante os três primeiros anos, meus pais tiveram os três primeiros filhos: o primeiro filho morreu pouco depois de a minha mãe apanhar do meu pai, o que a levou a entrar em um trabalho de parto bastante arriscado. O segundo nasceu aos 7 meses de gestação e morreu 24 horas depois do parto, de tanto a minha mãe também apanhar. E com o terceiro aconteceu o mesmo. Todos morreram.

Ela não acreditava em mais nada; lá se iam alguns anos de relacionamento no qual só havia sofrimento. Foi quando ela decidiu adotar uma criança, Kátia, a primogênita, minha irmã mais velha, para não morrer de depressão. E o meu pai continuava prometendo que ia parar de beber, o que obviamente não acontecia; muito pelo contrário, ele ficava cada vez pior.

Ele prometia que, quando tivesse um filho homem, finalmente deixaria a bebida de lado. Sempre fiel e esperançosa, a minha mãe tentou engravidar pela quarta vez, e nasceu a minha irmã Cristiane. Ele não só não parou de beber, como continuou a agredi-la. E a história se repetia e envolvia cada

vez mais pessoas, porque a família continuava crescendo.

Tudo se tratava apenas de promessas que ele não pretendia cumprir.

A minha mãe teve uma quinta gravidez e veio a Michele; mais uma vez não era um menino. A vida da minha mãe estava totalmente despedaçada; ela apanhava muito, bem como todas as minhas irmãs; e, sem nenhum planejamento, ela voltou a engravidar, pela sexta vez.

No terceiro mês dessa gestação, o médico lhe disse que ela deveria abortar porque estava com rubéola, e o bebê poderia nascer com sérios problemas. Mas a fé de ter um filho perfeito era maior. Graças a Deus, nasceu o filho homem, e com muita saúde. O meu pai ficou tão contente por ser menino que puseram em mim o nome de Domingos, como o dele, em sua homenagem. O filho homem havia chegado, e com ele a esperança de a minha mãe ver a promessa de que, de fato, ele deixaria a bebida cumprida.

A alegria foi tanta que ele realmente parou de beber — *por um dia*!

Durante toda a minha vida e a da minha família, nós vivemos situações que, em ambiente normal, nenhuma família conseguiria suportar. Nossa vida, racionalmente falando, não tinha futuro. Nós não conseguíamos ver nada em nossa frente; sonhos, desejos, alegria, nada existia em nossa família. Talvez não seja diferente com você. O que eu sei de sobra é que, durante a minha mocidade, eu senti na pele como isso pode acontecer. Alguns eventos da minha vida relatam muito bem como eu estava fadado ao fracasso, à escravidão das minhas emoções e à falta de perspectiva de vida. Até que finalmente descobrimos como romper o ciclo.

Eu comecei a apanhar com 7 meses de idade. Você leu corretamente, 7 *meses* de idade! A minha mãe conta que eu estava com ela quando o meu pai chegou alcoolizado em casa e me bateu muito, e ela não pôde impedir.

Eu cresci em um lar completamente disfuncional e fui guardando muitos traumas. Com apenas 1 ano de idade, comecei a desenvolver uma dor na barriga sem explicação que me fazia rolar no chão e a minha mãe passar a noite em claro comigo. Embora todos dissessem que eu não tinha nada, era a somatização nervosa do nosso drama familiar. Eu, uma criança que não tinha sido planejada pelos meus pais, vim ao mundo por acidente.

Poderia ter sido abortado por indicação médica por causa de uma rubéola gestacional, e agora estava enfrentando uma dor que não passava. Tudo contribuía para que a minha infância, e consequentemente a minha vida adulta, fosse marcada por traumas, depressão e rejeição.

Durante toda a infância, o nosso ambiente era marcado por brigas, agressões, tanto verbais como físicas, humilhação, vergonhas, discussões etc. Quando eu atingi a idade de ir para o jardim de infância, foi um momento de grande dificuldade para mim, porque tive de sair do único lugar em que realmente me sentia seguro: o colo da minha mãe. Resultado: o pavor era tão grande que eu nunca conseguia ficar até o fim do horário na escola, as professoras sempre tinham que me levar para casa antes.

O meu pai nunca me segurou no colo. Em toda a minha vida, ele nunca disse que me amava. Nunca sequer recebi um abraço dele. Hoje eu sei que muitas pessoas passam por situações semelhantes que lhes infligem muita dor, como foi comigo.

Quando entrei no primeiro ano do primário, foi pior ainda, porque, como eu presenciava grande parte das agressões em casa, comecei a me esconder e a me tornar uma criança totalmente isolada. Não gostava de estar perto de ninguém, porque eu não conseguia me relacionar; simplesmente não tinha amigos que fossem meus companheiros de verdade.

Eu era a típica criança esquecida no banco da escola! Quando chegava a hora do intervalo, eu me escondia no último banco da quadra e ficava ali até o sino bater para voltar à sala de aula.

Creio que o problema maior não estava nos "amigos"; o problema estava em mim, o problema estava na minha família. Eu não tinha nenhum prazer de estar em casa, mas também não tinha prazer algum de ir à escola. Eu estava sempre só.

Quando tinha uns 7 anos, lembro de certo dia no qual o meu pai chegou totalmente alterado em casa, derrubando inclusive um dos portões.

— Corre porque o pai *tá* chegando! — gritei para a Michele e para a Cris porque ele tentou avançar na mãe.

Ele foi direto para o quarto, e a mãe, a Michele e eu corremos na frente

e pulamos a janela para escapar. Como ele não conseguiu pegar nenhum de nós três, foi atrás da Cristiane, que sempre ficava dentro de casa e nunca corria. Ela dizia que não tinha medo dele.

Ele bateu intensamente na porta do quarto dela e, como ela não abriu, acabou arrombando-a. Em seguida, ela apanhou muito. A Cris costumava ficar roxa de tanto apanhar. Dava para escutar os gritos de longe, porque é fácil reconhecer à distância os gritos de dor e desespero que afligem as pessoas, não é mesmo?

A mãe voltou para defendê-la e, quando entrou, ele soltou a Cris e foi para cima dela, mas ela conseguiu correr outra vez. Enquanto estávamos fora de casa, só ouvíamos o barulho dele quebrando tudo. Houve gritaria, que era ouvida por todos os vizinhos ao redor.

Passamos toda a madrugada debaixo de uma árvore, a Michele e eu de cócoras, abaixadinhos, bem juntinhos, só ouvindo a loucura dele dentro de casa. Enquanto isso, os pernilongos faziam a festa. Aquilo tudo foi me gerando uma revolta tão grande que só um pensamento passava pela minha cabeça:

Eu tinha uma preocupação enorme: proteger a minha mãe.

— Mãe, o pai faz isso com a senhora porque eu sou pequeno. Mas, quando eu crescer, eu mato o pai.

— Menino, nem pense nisso — dizia ela. — Teu pai é uma pessoa boa. É a bebida que faz isso. Ele não é uma pessoa ruim. Você tem que entender...

Ela sempre dizia isso. Em primeiro lugar, acredito que era porque ela mesma tentava acreditar e, depois, porque não queria que nós tivéssemos mais traumas do que já tínhamos. Enfim, ela conseguiu me convencer, mas a ideia de me livrar dele permanecia guardada aqui dentro.

Com o passar do tempo, eu estava me tornando um adolescente com valores distorcidos e com os piores exemplos de masculinidade. Mas eu tinha uma preocupação enorme: proteger a minha mãe. Por mais que eu me sentisse protegido por ela, e próximo a ela, eu costumava ficar em alerta em muitos lugares, prestando atenção se o meu pai estava se aproximando ou vindo de longe. Ele tinha o costume de andar com uma

faca na cintura, a qual dizia ser para matar a minha mãe. Ele tentou muitas vezes e quase conseguiu, mas nós sempre gritávamos, corríamos ou fazíamos o maior escarcéu. Inclusive, para ela poder dormir, nós tínhamos que ficar vigiando. Sempre mantivemos uma postura de alerta em casa. Éramos crianças e ao mesmo tempo guarda-costas. Eu não podia permitir que algo acontecesse à minha mãe. Jamais. E ela fazia o mesmo com cada um de nós. Um instinto de sobrevivência e proteção mútuo.

Foram muitas as vezes em que eu entrei na frente para apartá-la, quando ele tentava bater nela, mas, claro, eu não tinha nenhuma chance de protegê-la. Ele me lançava longe.

Lembro-me de uma vez em que ele encurralou a minha mãe, puxou os cabelos dela e começou a dar-lhe socos. Isso aconteceu em um momento de descuido da minha parte e, quando cheguei à cozinha, ela estava acuada e espancada, quase caída no chão. Pulei nas costas dele e tentei enforcá-lo. Ele só precisou me dar uma cotovelada, que me fez parar longe; em seguida, ele continuou batendo nela. As minhas irmãs correram para ajudar, mas não conseguiram. Em apelo desesperado, chamaram a vizinhança, que chamou a polícia. Somente eles conseguiram separar a briga. E assim aconteceram muitas outras vezes.

Eu corria...

A minha mãe corria...

As minhas irmãs corriam...

Um gritava para o outro...

Os vizinhos acudiam...

A polícia chegava. Tomava nota. Liberava.

Dormir fora de casa foi se tornando uma rotina para nós. Ao voltar para casa, o pai nos agredia; não havia segurança em nenhum lugar daquela casa.

Os vizinhos ouviram tanto os nossos gritos que até os moleques começaram a me pôr um nome nada agradável. Como era eu que tinha de comprar a cachaça e o cigarro do meu pai, no caminho já começava a

escutar a zombaria nas ruas:

— Lá vai o filho do cachaceiro!

Eu voltava com aquela garrafa de cachaça na mão, e aquelas palavras retumbavam na minha cabeça. Eu queria morrer. Era uma forma dura de *bullying*, e talvez você também tenha sido vítima de algum tipo e saiba como é.

Eu não tenho nenhuma lembrança de ter feito um passeio agradável com o meu pai. Ele nunca nos chamou para sair ou para uma viagem familiar. Exceto a única vez quando me fez um convite. Eu estava no portão de casa, como sempre olhando os meus amigos jogarem bola, quando o meu pai me chamou para ir ao bar com ele. Ele já estava de saída, e, quando me viu ali parado, me convidou:

— Junior, você quer ir *no* bar tomar uma laranjinha com o pai?

Eu mal podia acreditar que ele estava me chamando de verdade, porque nunca havíamos saído juntos. Nunca tinha me convidado para nada. Até hoje, aquele foi o único momento que lembro do meu pai olhando nos meus olhos e me chamando de uma forma diferente, algo verdadeiro e profundo. Eu me senti filho pela primeira vez. Nunca vou esquecer desse momento.

Eu aceitei na hora e fiquei superfeliz. Fui lado a lado com ele e até tentei dar a mão para ele, mas ele não respondeu ao meu gesto. Ele disfarçou e tirou a mão. Creio que ele nem sabia fazer isso nem dar afeto, mas eu não me importei. Segui a seu lado, e fomos.

Chegamos a um pequeno bar da região. Quando nos sentamos nas cadeiras, eu me senti muito importante. Era como se eu tivesse sendo reconhecido pelo meu pai. Ele pediu uma laranjinha só para mim, e para ele, uma cachaça, claro.

Ele tomou a primeira, e eu bem devagar com a laranjinha. Passado um tempo, pediu outra dose. Em seguida, foram chegando os amigos dele, e eu ali no meio. Pediu outra. E chegaram mais amigos. Alguns amigos perguntavam com um tom de brincadeira:

— E aí, Nono (como era chamado), esse é o seu filho?

E ele dizia:

— Sim, é o meu herdeiro.

Eu estava me sentindo relativamente bem e aceito. Na verdade, estar com o meu pai me fazia sentir importante. Afinal, ele tinha me convidado. Todos os meus amigos tinham um pai e saíam com eles, mas eu não tinha uma história para contar de ter saído com o meu pai nem que tivesse me dado um abraço.

Passada uma hora, ele já não estava bem e começou a dizer uma porção de asneiras, ao mesmo tempo que ria muito e alto; a coisa foi piorando, e começou a anoitecer. Quando escureceu, ele já estava caindo e não respondia direito. De repente, ele disse que eu fosse para casa. Alterado, brigou comigo para ir embora; se eu não fosse, poderia apanhar ali mesmo. Acabei voltando sozinho.

Estar com o meu pai me fazia sentir importante.

Por volta da meia-noite, umas pessoas vieram chamar a minha mãe para dizer que o meu pai estava jogado na esquina de casa. Fomos juntos buscá-lo. Ele estava todo ensanguentado porque tinha caído de tanto cambalear bêbado pelas ruas. Esse foi o único dia em que me senti filho pelo menos por pouco tempo. Pelo menos uma vez. Uma memória ao menos de filho de um pai dependente alcoólico.

Conviver – Centro de Recuperação Feminino

Durante muito tempo da minha adolescência, eu nutria o sonho de ajudar as pessoas a não seguirem o mesmo estilo de vida que o meu pai. Eu sempre queria fazer mais. Eu não poderia deixar outras pessoas passarem por situações semelhantes sem demonstrar empatia. Deus tem me chamado para transformar a realidade. Com o passar do tempo, implantei diversos ministérios de atuação social, que são apresentados, ao final de cada capítulo, demonstrando como a dor que vivi com a minha família foi catalisada, para transformar a vida de muitas pessoas.

Neste primeiro capítulo, apresento o Conviver, um centro de recuperação feminino que atende mulheres dependentes de substâncias psicoativas e mulheres portadoras do vírus HIV.

Como filho de pai alcoólatra, vivenciei o caos que o vício causa em uma família. Como o meu pai faleceu quando eu tinha 14 anos, não pude ajudá-lo a abandonar esse vício terrível. No entanto, eu tinha o enorme desejo de poder ajudar outras famílias a vencer essa batalha, porque consigo ver o potencial do ser humano, independentemente da situação em que esteja, quer morador de rua, quer alcoólatra, quer dependente químico, quer mulher violada e abandonada.

Depois de conhecer alguns centros de recuperação na minha cidade e região, observei que não havia nenhum centro de recuperação de mulheres e, quando perguntava por quê, a resposta era: "Mulher dá muito trabalho! É melhor não se meter por aí". Claro que enfrentei muita oposição por parte de pessoas, autoridades e até colegas pastores.

Comecei a coletar dados para identificar os motivos que levam mulheres aos vícios com substâncias psicoativas e cheguei à constatação de que a grande maioria em algum momento havia sido vítima de violência sexual, psicológica e física na infância. O mais assustador é que os abusadores em grande parte eram familiares ou pessoas do convívio familiar.

As vítimas de violência acabam recorrendo aos vícios como via de escape e, para financiar o vício, muitas apelam para a prostituição e

acabam contraindo o vírus HIV Como um todo, a dependência química é uma situação-problema que vem afligindo tanto homens como mulheres, assim como seus familiares, amigos e a sociedade em geral, além de estar diretamente envolvida com a criminalidade e o sustento do crime organizado.

A pessoa que está em dependência de substâncias psicoativas tem seu vínculo familiar afetado e também se afasta de boas amizades e dos demais relacionamentos interpessoais, desestruturando e desajustando lares e quebrando bons princípios. O somatório leva a pessoa à exclusão social e, assim, ao envolvimento com práticas da marginalidade, pervertendo e corrompendo o princípio moral, inicialmente com práticas de pequenos delitos, chegando a crimes hediondos e, por vezes, até a morte do próprio sujeito.

Dessa realidade, nasceu em 2012 o **Conviver — Centro de Recuperação Feminino** no formato que existe hoje, que tem como finalidade oferecer atendimento institucional, dando suporte a mulheres em situação de vulnerabilidade social, quer por uso, quer por abuso, quer por dependência de substâncias psicoativas.

Atualmente no estado de Santa Catarina, uma das única comunidades terapêuticas femininas é o Centro de Recuperação Conviver. O município de Itajaí, por se tratar de uma região portuária, favorece o envolvimento dessas mulheres com a dependência química e a prática da prostituição. Dessa forma, oferece não apenas a criminalidade, mas também o contágio de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, o que leva a termos crianças crescendo em ambientes desestruturados e suscetíveis a vulnerabilidade física, social e familiar. Portanto, a instituição tem muito a contribuir e agregar aos serviços socioassistenciais, como também à saúde e educação do município no qual atua.

Como falei anteriormente, a dependência química não afeta apenas a pessoa e quem está próximo a ela, mas, sim, toda a sociedade. É por meio desse olhar que o Conviver se propõe a atuar na superação das mulheres em dependência química. Busca também oferecer acompanhamento a essas mulheres no fortalecimento do vínculo familiar e comunitário, a fim de que elas tenham novas oportunidades, venham a ocupar um novo lugar

na sociedade e a estabelecer uma rede de apoio, para que não haja a recaída e o envolvimento novamente com a criminalidade.

Em âmbito nacional, o Conviver apresenta um dos maiores índices de recuperação entre as mulheres. Trabalhamos em parceria com a prefeitura da nossa cidade, promovendo a reinserção social, acompanhamento médico, além do tratamento para abandonar as substâncias químicas.

Para que isso seja possível, o Conviver propõe um ambiente residencial protegido, com técnica e ética, possibilitando à mulher um novo estilo de vida, resgatando sua identidade e autoestima, por meio de oportunidades de aprendizado social e crescimento pessoal, nos quais há um resgate da cidadania à medida que a mulher em restauração assume vários papéis sociais como membro do projeto. O trabalho é desenvolvido por uma equipe multiprofissional, composta por líderes espirituais/pastores, psicóloga, assistente social e monitores, em parceria com a Rede de Saúde e Educação.

Durante o período de acolhimento, são oferecidos a essas mulheres suporte espiritual e adesão a novos valores/crenças; atendimentos psicológicos e/ou grupos psicoterapêuticos, com o objetivo de resgatar a identidade, superação da dependência química, empoderamento da mulher, promovendo mudanças construtivas de comportamentos; atendimentos individuais com a assistente social, com o objetivo de garantir os direitos assistenciais, de saúde e educação a essas mulheres, mediante assessoria para aquisição de documentos de identificação; acompanhamentos médico e odontológico; retorno ao mercado de trabalho. Todo o suporte oferecido é de acordo com a singularidade e adaptado às demandas de cada caso.

Além do trabalho desenvolvido diretamente com as mulheres, é oferecido suporte às famílias, por meio de atendimentos com equipe técnica, grupos psicoterapêuticos e/ou visitas domiciliares, com o obje tivo de promover o resgate ou o fortalecimento do vínculo familiar.

O Conviver é um sucesso! Agora você vai ler alguns testemunhos de mulheres que tiveram suas histórias transformadas.

RAQUEL

ex-acolhida

Raquel Ferreira da Cunha, nascida em Balneário Camboriú, SC, hoje tem 38 anos. Raquel entrou no Conviver em 2013 e concluiu o tratamento. Faz seis anos que está "limpa", não bebe mais e não usa nenhuma substância entorpecente.

Existe neste mundo uma grande necessidade de que cada pessoa reconheça sua própria identidade. Lutamos por aceitação e atenção em todos os momentos, e assim começou a minha história.

Desde a infância, sempre procurei me destacar em tudo que podia. Aos 7 anos, lembro-me muito bem de que eu ia ao mercado e sentia vontade de comer um salgadinho, ou de chupar determinado tipo de bala ou um chocolate, principalmente na época da Páscoa e do Natal, mas, como eu não tinha condições, disfarçava e dava um jeito de roubar bolacha ou chocolate de algum lugar e colocar dentro de uma mochilinha que eu levava a tiracolo.

Voltava para casa feliz da vida. E isso se repetiu várias vezes até que se tornou um hábito. Era fácil roubar, pois eu era uma criança simples, de aparência inocente e ingênua. Ninguém suspeitava de mim. Com apenas 10 anos, eu aprendi a praticar estelionato; na época, eu não sabia o que era isso e descobri na minha adolescência que, no meu caso, era a emissão de cheques sem fundos.

Eu fazia compras nos mercados e levava tudo o que precisava... Tudo o que eu desejava ter. Aprendi muito rápido a ter uma vida totalmente errada. Fui desenvolvendo algumas habilidades que marcaram a minha personalidade, tais como observação, estratégia e manipulação.

Aos 11 anos, o meu pai me ensinou lutas marciais, briga de rua, defesa pessoal... Até que aos 12 anos um incesto marcou profundamente a minha vida e me encheu de rebeldia e revolta.

A partir daquele momento, toda a minha vida veio abaixo. Comecei a sentir muito ódio e raiva, a ponto de bater em várias colegas na escola, arrumar confusão e ausentar-me das aulas para fumar. O meu comportamento, no entanto, se voltou contra mim.

Acabei tendo que abandonar a escola porque os meus amigos descobriram que eu tinha sofrido um incesto e me apontavam pelos corredores. Os vizinhos também se deram conta e me apontavam com o dedo quando eu passava. Em casa, não havia nenhum tipo de apoio, simplesmente porque não sabíamos lidar com a situação. Inclusive parecia que a minha própria família tinha se tornado meu maior inimigo.

Revoltada, acabei me envolvendo com um grupo de amigos que fumava maconha, com o qual eu passava todas as tardes no meio do mato. Éramos um grupo de alienados que fingia rir da própria desgraça; pelo menos ali eu não era

incomodada, nem acusada, nem apontada. Eu me sentia aceita entre eles.

Briguei com a minha mãe, saí de casa, me envolvi com o *crack* e fui morar no mato. Morei por dois anos literalmente no meio do mato, do qual eu me sentia dona. Eu me sentia importante porque, à medida que uma pessoa se envolve com o crime, vai criando certo *status*, uma posição. O Diabo me fazia crer que eu era alguma coisa: "Você é a mina do corre, você faz acontecer, você tem estratégia, você é bandida, você é corajosa, você vira as noites na rua, você foge da polícia, você sabe fazer as pessoas sofrerem".

Por isso tudo, a pessoa pensa que tem uma posição garantida no mundo do crime. E comigo não era diferente. Eu pensava que tinha um lugar seguro onde viver e atuar.

No mato, eu tinha uma barraca e comia comida do lixo; tomava banho com uma mangueira e dormia ao relento. Assim era a minha vida. Até que, sem esperar, aquela área foi invadida por alguns homens e tudo era resolvido na pancadaria; brigávamos entre nós mesmos. Nos jogaram *spray* de pimenta e nos botaram para correr nus no meio da rua. Foi uma situação bastante humilhante.

Passado algum tempo, eu engravidei e, mesmo assim, não parei de usar droga até o sétimo mês de gravidez. Além de fazer assalto, eu traficava, torturava e fazia sequestro-relâmpago. Permaneci nessa vida por dezessete anos até que um dia Deus deu um basta nisso e, em resposta às orações da minha mãe, ele me resgatou.

Cheguei a sofrer uma tentativa de homicídio. Uma pessoa entrou na minha casa e me deu três tiros, um deles pegou no intestino, outro no peito, perto do coração, e outro no braço. Enquanto eu estava caída no chão, essa pessoa apontou para a minha cabeça, mas o revólver falhou no exato momento de acabar com a minha vida. Quando ela se moveu, eu me levantei rapidamente, abracei outra pessoa que estava perto de mim e gritei, desesperada:

— Senhor, eu o aceito como meu único e suficiente Salvador.

Quando me levantei do chão, eu senti uma dor profunda. Eu cria que ninguém gostava de mim. Eu realmente tinha me arrependido, mas me dei conta de que estava sozinha; cheguei a pensar que eu merecia aqueles tiros e que morreria. Eu merecia morrer.

Exatamente naquela hora, o Senhor ministrou amor no meu coração e me deu uma nova oportunidade. Eu escutei ao longe o barulho da ambulância e fui conduzida ao hospital. Fiquei hospitalizada por sete dias. Logo em seguida, consegui uma vaga no Conviver — Centro de Recuperação Feminino. Permaneci por três anos. Ao chegar ao Conviver, conheci a Glória, coordenadora do Centro, que me recebeu com muito carinho e amor e que também me ensinou as regras e os limites que me permitiram ficar na casa.

No Conviver, Deus operou uma grande transformação na minha vida e verdadeiro arrependimento. De fato, a dor, o sofrimento e o abandono da solidão são a maior escola para pessoas como eu. Aprendemos grandes lições quando passamos por grandes desertos. Sei disso, porque fiquei um bom período sem receber nenhuma visita dos parentes e sem poder ver a minha filha. Eu me sentia realmente sozinha, mas até isso foi um aprendizado importante com o Senhor.

Durante uma das campanhas de oração de que participei nesse período, acabei dormindo; às vezes, despertava, orava e voltava a dormir. Lembro-me perfeitamente de ter sonhado que eu estava sentada no colo do Senhor, e ele penteava os meus cabelos. Durante o sonho lhe perguntei: "O que o Senhor está

fazendo, Pai?". Ele não me respondeu. Em vez disso, continuava penteando os meus cabelos, até que de repente trocou a minha blusa; tirou a blusa com a qual eu estava vestida e me pôs outra blusa nova e limpa. Eu fiquei com a aparência de uma criança de 3 anos. Novamente perguntei: "O que está fazendo, Papai?". Escutei sua resposta no sonho: "Estou trocando as suas vestes".

A partir daquele momento, comecei a entender que algo grande estava acontecendo dentro de mim: uma nova pessoa estava surgindo, uma nova mentalidade; eu finalmente estava aprendendo algo novo, aprendendo a me respeitar, aprendendo a limpar uma casa, aprendendo a ter valor e a dar valor às coisas, aprendendo a cozinhar, aprendendo a cuidar das pessoas e a cuidar de mim mesma.

O tempo foi passando, e eu fui crescendo. Eu estava me tornando uma pessoa com valor. Durante os três anos que fiquei na instituição, concluí o ensino fundamental, o ensino médio e ganhei uma bolsa para o curso de técnico de enfermagem.

Depois de dois anos, eu me formei em Técnico de Enfermagem e hoje atuo na área. Aprendi a cuidar de pessoas, acolher os enfermos da alma, a dar amor, a ouvi-los, a entendê-los e a motivá-los. Conheci Jesus, que é o único caminho, a verdade e a vida; posso dizer que conhecer esse amor infinito muda a história de qualquer pessoa. Eu reconquistei o amor da minha filha e o da minha família. Hoje tenho a minha casa própria e tirei a carteira de motorista.

Vivo uma nova história porque entendo que todo dia é um presente de Deus. Sou muito feliz pela oportunidade que ele me deu de ter uma nova vida. Cada dia me surpreendo com esse grande amor e com sua graça infinita, pois é por esse motivo que posso contar a minha história.



MARIA

ex-acolhida

Maria da Graça Souza, nascida em Tijucas, SC, já terminou o tratamento no Conviver - Centro de Recuperação Feminino há três anos. Ela entrou na casa para se recuperar em fevereiro de 2015 e finalizou o tratamento em 2016. Como a família não aceitou Maria de volta, decidimos adotá-la como filha e dar abrigo a ela no Conviver, com um quarto e um ambiente em que ela possa ficar por toda a vida. Aqui está um relato da história da Maria nesses anos de luta contra a dependênciaquímica.

Antes de chegar ao Conviver, eu era uma mulher rebelde, prostituta, drogada, e fazia tudo que tinha de errado neste mundo. Bebia, fumava, saía na noite, tinha uma vida totalmente destruída. Eu era viúva.

Minha inserção nas drogas começou quando eu consegui um emprego de

faxineira na casa de algumas pessoas que eram traficantes de drogas. Na época eu não conhecia nenhuma droga.

Por trabalhar por muito tempo na casa dessas pessoas, acabei participando de algumas coisas que elas faziam. Fui ganhando intimidade e confiança da parte deles, até que um dia me convidaram para ajudar a fabricar cocaína para uso e o *crack.* Eu, na inocência e sem saída diante de uma situação que criaram, tive que ajudar na fabricação dessas drogas.

Como o *crack* é uma mistura de várias substâncias, eles tinham que fazer alguns testes para ver a reação e consequentemente a aceitação do mercado negro. Para fazer esses testes, eles me forçavam a experimentar aquelas drogas.

Lembro-me que, quando eles me ofereceram pela primeira vez, pensei que era bom, confesso. Então fiz um cachimbo e usei. Como acontece com a grande maioria, eu me tornei dependente. Não levantava da cama se não fumasse uma pedra de *crack.* Passei cinco anos dependente. Fumava duas pedras por dia. E continuava trabalhando naquela casa, mas como fabricante de *crack*.

Um dia, eu estava na casa deles, e a polícia bateu à porta. Foi aquela correria, e eles pegaram todos que estavam ali. Eu estava deitada fumando o cachimbo e, quando a polícia me viu, fingi que estava com tosse. O policial perguntou se eu estava com tuberculose e, para me livrar, disse que estava, e eles me deixaram lá deitada. Lembro-me de uma colega que estava lá comigo que eles pegaram e deram uma surra nela; pegaram ela pelos cabelos, bateram de cassetete e a jogaram em um canto da sala. Revistaram a casa, pegaram tudo e levaram também essa colega, mas não me levaram por conta da minha mentira.

Enquanto eu saía pelo portão para ir embora, os traficantes da casa chegaram e me fizeram voltar para dentro. Falaram que eu não poderia contar nada, me ameaçaram e ameaçaram minha família. Quando me liberaram para ir embora, uma vizinha viu toda a situação, me chamou, me disse que isso não era vida para mim e fez um convite para irmos à igreja.

Ela alugou uma *kitnet* para mim e me ajudou a sair daquele trabalho e daquelas pessoas. Fui com ela à Igreja Reviver. Lá, eu conheci o Conviver, mas não me internei de imediato. Nesse meio-tempo, entre eu começar a frequentar a igreja e me internar, sofri um acidente.

Lembro-me de que era véspera de ano-novo. Um amigo me convidou para a virada do ano em Zimbros, SC, até me ofereceu carona. Quando ele foi me buscar, eu estava indo em direção ao carro dele, e uma moto me atropelou.

Fui parar no hospital. Passei por uma cirurgia na perna e tive que colocar fixador externo na minha perna direita e ficar um tempo em cadeira de rodas. Nesse período de internação, todos aqueles que se diziam amigos sumiram. Eu fiquei sozinha todo esse tempo.

Decidi, então, ir à igreja, falei com o pastor Junior e pedi para me internar. E fiquei um ano na cadeira de rodas, sem fazer nada, só parada. O processo de recuperação no Conviver foi muito bom. Tudo de que eu precisava, eles fizeram por mim. Como estava naquela situação da cadeira de rodas, eles cuidaram de mim de todas as formas. Ali eu tive uma família de verdade, pessoas que realmente me amam e querem me mostrar o caminho certo.

Foi no Conviver que aprendi o que é amor, aprendi o que é família. Passei pelo processo completo durante os nove meses. Aprendi a ter respeito pelas pessoas. E o mais importante: resgatei minha identidade. Hoje eu sei quem eu sou. Sou uma

filha amada de Deus e uma mulher de verdade.

A Maria é uma nova mulher. Tenho as marcas no corpo, mas só para não me esquecer de quem eu era e de quem eu sou. Hoje é tudo diferente. Hoje eu sou gente, tenho no Conviver uma casa, pois, como não tive para onde ir no fim do tratamento, voltei a conversar com o pastor Junior, e recebi a alegria de ser adotada por ele. Como fui abandonada por todos, tive no pastor Junior o carinho de pai.

Ele me adotou de fato e me colocou para morar no Conviver com todas as despesas pagas. Hoje eu tenho um quarto só para mim, um cantinho que posso chamar de meu e uma pessoa que posso chamar de pai.

O pastor Junior é uma referência para mim, pois, diante de tudo que eu passei — ser abandonada pelas pessoas, não ter para onde ir —, uma pessoa que tem a idade para ser meu filho se tornou meu pai, não tem explicação! Realmente minha vida mudou, e eu posso dizer que tenho uma vida e uma família. Meu desejo é ficar aqui até que Deus venha me buscar, e agora posso dizer para todo mundo: tenho uma família, tenho um pai que cuida de mim, que me dá amor, atenção, e tenho uma nova vida. Eu agradeço muito por tudo isso, pois realmente não tem preço. Com certeza, se não fosse essa família, essas pessoas, hoje eu já estaria morta.

Deus foi muito bondoso comigo!


2

Um sonho, uma família

Nós tínhamos um dependente do álcool em casa. Então, aquele modelo de família que se espera ter em qualquer casa normal era apenas um sonho para mim. Eu não tinha algo a ser considerado como um padrão de família; isso havia sido tirado de nós. Na verdade, eu sabia como deveria ser um modelo de família, porém esse modelo definitivamente não era o nosso. Era o da família do meu vizinho e amigo que era o único colega com quem eu costumava brincar.

Certo dia, estávamos brincando na rua quando o pai dele apontou com o caminhão no final da rua. Meu amigo saiu ao encontro do pai gritando feliz:

— Meu pai! Meu pai chegou de viagem.

Essa cena está gravada na minha memória até hoje, porque isso era tudo o que eu queria. Esse era o meu sonho! Essa cena terminou com os dois se encontrando: o pai do meu amigo o colocou no colo, e os dois vieram dirigindo o caminhão juntos, buzinando até chegar à casa deles.

P*or que eu não nasci em outra família*? P*or que não tive um pai assim*? Eu sempre tinha esses pensamentos de revolta.

Era em momentos como esse que eu percebia minha orfandade. Até que aos 12 anos, finalmente, me dei conta de que, na realidade, era órfão. Eu era órfão. Pior, eu era órfão de pai vivo!

O meu pai nunca esteve presente, nunca demonstrou por mim nenhum afeto. Até então eu sempre acreditava na promessa da minha mãe de que ele ia melhorar. Ela nunca nos pôs contra ele, mas, por outro lado, vivíamos uma mentira. Era a forma de ela nos fazer crer que havia esperança. Mas ele nunca mudava.

Encontrei um Pai capaz de curar e preencher esse vazio em mim.

Com a compreensão que tenho, olhando a minha vida em retrospecto, bem como a vida de muitas pessoas com as quais tenho contato, entendo que a orfandade é a raiz de muitos males emocionais.

Como em minha casa o ambiente era sempre de destruição, brigas e

confusão, eu tinha aquela dor forte na barriga que, muitas vezes, me paralisava. Esse foi um dos motivos que me levou a abandonar a escola no 7º ano do ensino fundamental. Eu não conseguia mais ir para a escola.

Aquele foi um dos piores anos da minha vida, porque eu pensava que tinha encontrado a solução para os meus problemas, mas não. O problema continuava porque não estava na escola. O problema estava dentro de mim. Eu chorava desesperadamente pela pressão na escola e pelo sentimento de rejeição.

Era uma sensação desesperadora. Muitas vezes cheguei ao ponto de me automutilar. Nunca me cortei a ponto de sangrar, mas ficava cheio de marcas. Eu me apertava, dava socos em mim, puxava os cabelos e pedia pela minha morte. Contudo, eu não tinha coragem de tirar a minha própria vida. A questão era que eu não tinha mais vontade de viver.

As frustrações e os bloqueadores nos paralisam tanto que podemos perder o interesse pela vida. A orfandade gera uma única coisa: paralisia, deixa de fluir o melhor que já existe em você. Quando entendemos isso e removemos esses bloqueadores, vivemos a aceitação como filhos amados de Deus. A certeza desse amor gera em nós frutos: o amor, a alegria, a paz, a paciência, a amabilidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão e o domínio próprio. Passamos, então, a viver a melhor versão de nós mesmos.

Passamos, então, a viver a melhor versão de nós mesmos.

Voltando ao meu passado, a nossa casa real, não a utópica ou a dos meus pensamentos, era muito diferente da do meu amigo. Não tinha portas nem janelas. Na verdade, até tinha, mas estavam todas quebradas. Não havia nem fechaduras, nem cadeiras, nem pratos para comer, nem copos.

O nosso vizinho Geovane, hoje meu cunhado, foi quem nos deu algumas cadeiras depois.

Poucas são as lembranças registradas em família. E*m família*?! Essa é uma expressão cujo significado não incluía o meu pai; nem mesmo sabíamos muito bem o que queria dizer.

A minha mãe nunca sequer fez uma compra no supermercado. Só

comprava aos pouquinhos. Nós até pedíamos coisas que todos os filhos pedem: bolo, chiclete, bala... Mas nenhum desses desejos era atendido.

Nunca houve em casa, por exemplo, uma comemoração de aniversário, ou porque as condições eram insuficientes, ou porque o clima não permitia nenhuma alegria ou felicidade. Eu nem sabia que existia Dia das Crianças. Lembro-me de que eu desejava muito ser aquele meu amigo porque ele tinha aniversário; as pessoas cantavam parabéns para ele, mas eu nunca tive uma festa de aniversário. Nem eu nem ninguém em casa.

Natal? Nunca. Nunca tivemos uma árvore de Natal. Nem presente nós ganhávamos. Para nós, o Natal era um dia normal. Eu aprendi sobre o Natal porque víamos os vizinhos comemorando-o e fazendo os preparativos, e às vezes éramos convidados.

Não havia o que comemorar.

Os meus pais nunca comeram juntos, sentados à mesa. Com os filhos, menos ainda. Em outras palavras, posso dizer que nunca tive uma refeição em família. Ou porque ele nunca estava em casa, ou porque chegava sempre tarde para o almoço.

Quando ele chegava ao meio-dia, era uma verdadeira tragédia. Se, ao entrar, ele nos encontrasse almoçando, simplesmente virava a mesa, puxava a toalha, lançava as louças e a panela com comida nas paredes. Quebrava tudo o que encontrava pela frente. Todos tínhamos que parar de comer na mesma hora.

Houve um período de tanto abuso que, sempre que minha mãe conseguia correr das agressões do meu pai, ela, com medo de voltar para casa, dormia no chão, num puxado aberto de piso rústico da casa de uma vizinha. No inverno, ela se virava para se esquentar e passava as noites ali, porque era melhor dormir fora que estar em casa. Se ela entrasse em casa, e o meu pai ainda estivesse acordado, ele tentava pegá-la e bater nela, por isso ela corria e dormia fora; eu e a Michele íamos junto, e a Cris ficava.

Certa vez, o meu pai começou a gritar: — Você me molhou, sua p***. Você me molhou todo! — isso porque ele costumava agredir verbalmente a minha mãe de todos os nomes. De tanto gritar que estava molhado, a Michele foi espiar pela janela quebrada para ver o que estava acontecendo, e viu que ele tinha caído no chão. Ele havia chegado

bêbado, escorregado e batido com a cabeça no botijão de gás. Estava todo ensanguentado e gritava culpando a minha mãe por tudo.

Como sempre, nesse dia da batida da cabeça no botijão, a Cris dormia em casa. Ela nunca nos acompanhava, preferia ficar no quarto dela. Essa noite a deixou traumatizada, porque dormia com o rádio ligado e não tinha ideia do que estava acontecendo. Quando acordou, havia um tumulto na casa, sangue por todo lado, gente gritando, viatura da polícia... Pedimos a ajuda do seu Zé, vizinho nosso, e o levamos para o hospital com uma toalha amarrada na cabeça.

Desde essa noite, a Cristiane se fechou ainda mais em seu mundo. Aliás, o rádio dela desapareceu pouco tempo depois. O pai o pegou escondido e o vendeu para comprar cachaça, porque não tinha dinheiro que bastasse. A Cris ficou procurando o rádio, e nada de ele aparecer.

Você pode se perguntar: 'A essa altura, não tinha alguma saída?". Tinha. O nosso maior desejo era que Deus o levasse, ou a nós.

Então, nós até tínhamos uma casa... mas era um lar disfuncional.

Nela não havia facas pontiagudas. Somente entravam as arredondadas, e você deve imaginar por quê. Meu pai era muito agressivo e tínhamos muito medo de ele fazer alguma coisa com a mãe. Contudo, sempre soubemos que ele tinha facas guardadas embaixo do colchão, além da que ele carregava na cintura. Por isso, nunca a deixávamos sozinha, com medo de que ele a ferisse.

Ferir era o que ele mais sabia fazer. Às vezes, parecia que ele estava louco! Ele se embriagava tanto que ficava fora de si, perdia a sanidade mental. Ele ateava fogo ao sofá, urinava pelos cantos da casa. Nos últimos anos da sua vida, ele pegava fezes e passava pelo próprio rosto, na parede, em todo lugar. Depois disso tudo, ainda era a minha mãe quem tinha que ir lá e dar banho nele, limpar a casa etc.; até mesmo debaixo das unhas dele era ela quem limpava. Diferente do que possa parecer, ele não estava mentalmente doente. Era pura maldade ou inclinação para o mal, parecia que ele ficava possesso por espíritos malignos.

Sua maldade se via também nas pequenas coisas. Quando ele ficou com as pernas entrevadas por causa da bebida e quase já não andava, só ia da cama para o sofá, ou do sofá para a cama, e ficava bastante tempo com a

Michele.

Enquanto ela lavava a louça, ele bebia cachaça, porque nos mandava comprar. Quando ficava alterado, ele começava a brigar com a Michele: caso ela fizesse algum barulho enquanto lavasse a louça e as panelas, ele começava a gritar e a xingava de tudo que é nome. Ela continuava lavando a louça sem fazer ruído algum. Em seguida, ela tinha de varrer a calçada e, quando voltava, encontrava o chão O amor transforma da cozinha todo sujo novamente. Ele fazia de muda, situações propósito, só para maltratá-la. Ele jogava toda a cinza dos cigarros que havia fumado no chão e, para piorar, escarrava por cima.

O amor transforma, muda, situações impossíveis.

A dependência é algo que escraviza uma pessoa a ponto de ela ficar em situação humilhante. O meu pai, de fato, era um bom homem, como minha mãe dizia, mas o vício o prendeu de tal forma que fez dele escravo da situação. E essa escravidão só pode ser quebrada com o amor, pois o amor aniquila o mal. O amor transforma, muda situações impossíveis. Deus o amava. Depois que o meu pai foi para o hospital, eu desejava muito que alguém pudesse ir lá e mostrar esse amor por ele. Eu gostaria de demonstrar esse amor libertador por ele, eu gostaria de poder ajudá-lo a se libertar daquela situação.

A minha mãe trabalhava muito como tecelã e, além das despesas da casa, tinha que sustentar o vício do meu pai quando ele deixou de trabalhar. É verdade! Até os móveis da casa também eram vendidos para pagar por tudo isso.

Nossas condições eram tão precárias que me lembro de uma vez em que o pai fez um mau negócio, e a justiça veio para cima de nós.

Como não tínhamos dinheiro para pagar, eles pegaram os móveis; do pouco que sobrou depois disso, o pai ateou fogo: sofá, cama, colchão etc.

Para piorar, o meu pai ameaçava quebrar uma máquina de tricô, que era o único ganha-pão da família. Nossa situação se prolongou a tal ponto que a polícia já nem aparecia mais lá em casa! Até a polícia sabia que isso se repetia praticamente todos os dias.

O meu pai costumava ficar caído nos bares e calçadas das ruas. E quem tinha que ir buscá-lo muitas vezes? A minha mãe e a gente. Isso nos fazia passar muita vergonha, pois era uma situação de muita humilhação.

Quando ele morreu, havia 14 vidros de janelas e portas quebrados pela casa. Ele tinha uma força de outro mundo, a ponto de levantar a geladeira e lançar ao chão com tudo dentro. A panela de feijão era jogada para o teto. Até gordura tinha nas paredes. Ao fazer essas cenas, ele gritava, e a vizinhança mais próxima escutava.

A Michele tinha umas colegas da escola que viviam perto de casa. Quando ficaram sabendo a rua onde morávamos, as garotas diziam: — Nossa! Você mora na rua onde vive aquele homem louco?!

A vergonha levava a Michele a sair correndo para não prolongar a conversa e para que ninguém descobrisse que essa pessoa era o nosso pai. A Kátia, nossa irmã mais velha, casou com 18 anos. Graças a Deus, a partir daí ela pôde se ver livre daquela situação.

Já a Cristiane casou com 22 anos. Ela se esquivava de levar qualquer namorado lá em casa, por medo da reação do pai.

Ter de resgatar o pai era recorrente. Lembro-me de que, quando eu tinha cerca de 10 anos, certa vez estava brincando com as crianças na rua, em frente de casa, e vieram me dizer:

— Ô, Junior, diz para a sua mãe que o seu pai está caído lá dentro do rio.

Eu não disse nada. Continuei brincando.

Mas, chegando em casa, a minha mãe estava preocupada porque o pai não chegava. Foi somente então que me lembrei do recado a ser dado:

— Ah, mãe, é verdade. Ele está caído dentro do rio! — Inconscientemente matei o meu pai ali mesmo.

Ele foi tirado com a ajuda de outros e chegou todo encharcado. Lembrando disso hoje, parece que não fiz questão nenhuma de que ele sobrevivesse. Era como se ele fosse uma pessoa qualquer, que só fazia mal para mim e para a nossa família. Você já desejou inconscientemente a morte de alguém?

Como eu disse, quando ele tomava banho, era a minha mãe quem o

banhava e até levava a toalha antes de ele sair do banho. Ela diz que sempre foi assim, desde que eles se casaram. Ela também fazia a barba dele, cortava-lhe a unha e o cabelo. Uma mulher à moda antiga. Lendo isso hoje, ninguém acredita que ainda existisse uma mulher no mundo que, depois de aguentar tanto sofrimento, se prestasse a esse papel!

Já adulto, durante o processo de eu pedir a minha cidadania italiana, comecei a pesquisar sobre a família do meu pai. Era uma necessidade, mas também uma oportunidade para conhecer mais sobre sua vida de criança. Bem, descobri que ele também tinha sido muito agredido na infância. O meu avô também era alcoólatra e maltratava a família a ponto de nem deixar a minha avó limpar a casa. Se ela limpasse ou lavasse a casa enquanto ele não estivesse, ele espalhava terra com a pá pela casa assim que chegasse.

Há testemunhos de que a minha bisavó paterna era tratada feito um animal. Meu bisavô chegava a queimar as pernas dela durante as agressões e brigas que tinham. A história se repetiu com a minha avó, que teve três filhos e morreu oito meses após o nascimento da terceira filha. O meu pai se tornou órfão de mãe aos 6 anos de idade; meu tio, Celeste, aos 4 anos; e outra bebê, que foi criada pela outra avó, tinha apenas 8 meses quando isso aconteceu.

O meu pai foi morar com uma tia. Nessa casa, ele também sofreu maus-tratos. Já com essa idade, o meu pai comprava cachaça para o pai dele e a bebia no caminho de casa. Eu mesmo o ouvi contar isso várias vezes aos amigos e também para a minha mãe em casa.

A mente do meu pai estava saturada de maus-tratos e agressão física em um ambiente em que o álcool estava sempre presente. Não foi à toa; tudo que ele fazia era um autorretrato do que tinha vivido nos primeiros anos de vida. Isso não é desculpa. Só um fato. Um fato irremediável. É importante frisar que a chance de esse tipo de situação ser recorrente, por conta dos maus exemplos, é grande demais! O meu pai não foi exceção.

O meu pai não teve a chance de encontrar um Pai como eu tive. Infelizmente sua vida nunca foi transformada.

A minha mãe cuidou do meu pai até o fim da vida dele. Chegou o dia em que ele precisou ser internado e ficou dez dias hospitalizado. Quando ela

e a Cris foram visitá-lo na quinta-feira, ele já não falava, nem fumava mais. Estava completamente entrevado das pernas; praticamente em posição fetal. E ele só tinha 54 anos de vida.

Naquela época, em hospitais públicos somente se podia receber visita duas vezes por semana, quinta-feira e domingo, no horário indicado. Não era permitido que nenhum parente ficasse com ele.

No fim de semana seguinte, quando foram visitá-lo, ele estava deitado com uma grade de proteção na cama porque havia caído. A minha mãe se aproximou dele e disse:

— Domingos, quero te dizer uma coisa... quero que você me perdoe se eu não fui a esposa que tu *queria* que eu fosse, e eu te perdoo por tudo o que tu me *fez*... Agora pensa somente em Jesus porque só ele pode tirar você dessa situação.

Por vezes, pensei: "Que pessoa em sã consciência tem uma atitude dessa?". A minha mãe foi lá se humilhar e pedir perdão para o meu pai diante de tamanha barbárie sofrida por tantos e tantos anos. Realmente a minha mãe é uma guerreira. Ela tinha entendido o poder do amor de Deus em sua vida. Ela sustentava a nossa casa não só financeira, mas também emocionalmente. Ela foi a coluna de nossa casa, pois não é fácil para uma mulher, praticamente mãe solteira, porque o meu pai não ajudava em nada e ainda exigia muitas coisas. Só ela para fazer isso! E tudo que somos e temos é resultado de a minha mãe ter se colocado como coluna de nossa casa e ser essa mulher batalhadora e desbravadora que foi.

Elas voltaram na terça-feira seguinte porque a minha mãe queria falar com o médico e saber do estado real. Assim que o encontraram, ele lhes informou que o meu pai havia acabado de falecer. Ele tivera uma parada cardíaca dentro do banheiro.

Cinquenta e quatro anos. Mal vividos.

Finalmente o "homem forte" tinha sido amarrado. Somente Deus poderia ter mudado a história do meu pai. A força que antes o detinha e o levava a causar tantos males a mim, à minha mãe e à nossa família chegava ao fim, e ele pôde encontrar descanso. E nós também!

O meu pai tinha sido um bom profissional na área de mecânica de carros. Na verdade, um

Realmente minha mãe é uma guerreira.

excelente profissional. Enquanto era mais sóbrio, no início do casamento, chegou a comprar vários carros zero, o que significa que poderia ter se dado muito bem na Realmente vida. Mas também teve alguns acidentes de carro já nesse período, o que era de esperar. Além disso, tudo que tinha era jogado fora. Gastava tudo e não trazia nada para casa, mesmo quando já tinha duas filhas, a Kátia, com cerca de 7 anos, e a Cris, que tinha por volta de 1 aninho. Houve um tempo de prosperidade em que eles tiveram duas casas, três lotes e mais de um carro. Contudo, a bebida o levava a tomar decisões irracionais. Chegou a trocar uma casa nossa que estava alugada por um carro velho.

— Tu *vai* dar uma casa que está alugada para comprar um carro velho?

Ele respondeu que sim à minha mãe e ainda disse que ia reformar o carro para ela. Pouco tempo depois, saiu com o carro para dar uma volta e bateu. Da mesma forma que ele ganhava, jogava fora. Não sobrava nada.

Não sobrava para ele! Não sobrava para ela! Não sobrava para nós!

Associação Lar da Criança Feliz

O Lar da Criança Feliz foi mais um dos projetos que nasceram no meu coração de filho sem pai.

Durante o estágio obrigatório da minha esposa ao cursar serviço social, realizado na Vara da Infância e da Juventude no fórum da comarca de Itajaí, ela estava impactada com algumas situações vivenciadas por pessoas na nossa cidade, especialmente as crianças. Quando conversávamos sobre isso, tudo o que ela dizia me fazia recordar coisas que eu tinha vivido na infância.

Em determinado dia, minha esposa, Michelle (sim, minha esposa e uma das minhas irmãs têm o mesmo nome, com um "l" de diferença), chegou muito aflita a nossa casa, porque tinha sido informada de que o único abrigo responsável pelo acolhimento de crianças de zero a 12 anos da nossa cidade seria fechado por falta de recursos financeiros.

Ela mal acabara de me dar a notícia e já veio com a solução:

— Junior, você tem que fazer alguma coisa! Eu sou apenas uma estagiária do fórum, mas você é pastor nesta cidade!

Quando entrei em contato, o abrigo já havia sido entregue à prefeitura. Voltei triste para casa por não ter me informado com antecedência. Dois meses depois, em janeiro de 2015, eu estava na praia do Mariscal com a família e, enquanto brincava com os meus filhos, vi uma mulher entrar no mar que me chamou a atenção. Tentei iniciar uma conversa quando ela se aproximou:

— Oi, eu conheço a senhora?

— Não, não me conhece.

Insisti na conversa: — A senhora não é professora?

— Não, nunca fui professora.

— Já sei! A senhora é de Itajaí? Nós temos um centro de recuperação para mulheres lá na cidade. Não é de lá que conheço a senhora?

— Sou de Itajaí, mas nunca ouvi falar desse centro de recuperação...

Mas talvez você me conheça porque fui coordenadora de um abrigo de crianças durante muitos anos na cidade de Itajaí.

— Você é a Nora? — perguntei, surpreso.

Ela respondeu que sim. Eu me apresentei como pastor da Igreja Reviver, que tinha entrado em contato com ela dois meses antes para me pôr à disposição e assumir o abrigo. E ela confessou:

— Pastor, eu procurei o seu telefone, porque me arrependi de entregar o abrigo para a prefeitura; desde então fiquei inquieta, mas não lembrava o nome da igreja para procurá-lo.

Depois desse encontro, marcamos uma reunião com o prefeito da cidade, que nos deu a autorização para reiniciar o projeto por causa do excelente trabalho feito pelas associações que dirigimos, a ABAAS (Associação Beneficente de Ajuda e Auxílio à Sociedade) e o Conviver.

Assumi a coordenação do Lar da Criança Feliz e, desde então, depois de ter vivido tanta dor na infância, maus-tratos, negligência, abusos físicos e emocionais, e vários tipos de trauma, temos podido acolher e transformar a realidade de crianças que são retiradas de suas famílias por determinação judicial, inserindo-as em um ambiente seguro.

Atualmente, temos vagas para 20 crianças de zero a 12 anos. O Lar oferece uma equipe técnica que realiza o acompanhamento das famílias biológicas e a devida análise para verificar se as crianças podem voltar a seu lar de origem. Depois disso, informamos o Juizado, que toma a decisão de retorno ou se as crianças serão encaminhadas para adoção.

Durante todo o período em que são acolhidas no Lar, nós registramos sua história conosco por meio de relatos e fotos, porque muitas dessas crianças vêm direto da maternidade. Isso quer dizer que cabe a nós acompanhar seus primeiros dias de vida, o primeiro dente, os primeiros passos, as primeiras palavras. O nosso desejo é que elas tenham essa memória preservada para quando forem maiores.

Uma das coisas que mais me deixava feliz na infância era quando a minha mãe pegava o meu álbum de bebê para mostrar às visitas. Eu fui um bebê muito bonito, loiro, de olhos verdes, e bem gordinho. Eu ficava todo orgulhoso ouvindo a minha mãe comentar cada foto. Essa era uma das formas de eu saber que era amado.

Anos mais tarde, quando a minha mãe se casou com o meu padrasto, tudo indica que, por se sentir enciumado ouvindo a minha mãe me elogiar, ele sumiu com o meu álbum de fotos. Hoje ainda me lembro de quanto essas memórias eram importantes para mim; por esse motivo, quero preservar o máximo das memórias das crianças do nosso Lar.

O Lar funciona no mesmo espaço físico anterior, mas fizemos uma reforma completa na casa, transformando-a em um verdadeiro lar, estruturado com tudo aquilo a que eu não tive acesso e muito semelhante ao que os meus filhos têm.

Os quartos estão decorados com papéis de parede coloridos, têm camas e espaço individual no guarda-roupa para cada criança, sala de estudo e brinquedos. Além das instalações físicas, buscamos capacitar os nossos profissionais para que estejam preparados para acolher cada uma dessas crianças no período em que estiverem sob os nossos cuidados.

DIONES e KARINA

pais adotantes

Quando o Guilherme chegou à nossa vida, já estávamos orando por mais de sete anos pedindo a Deus por um filho. Nós não podíamos engravidar e, apesar de já termos tentado todos os métodos da ciência, não tínhamos obtido êxito, de modo que decidimos entrar para a fila de adoção. Esperamos por dois anos até conhecermos o Guilherme.

Conhecemos o Guilherme por acaso. A igreja estava promovendo uma festa da família, cuja organização estava sob a nossa responsabilidade. Quando as crianças do Lar da Criança Feliz chegaram em uma *van,* eu estava na porta e vi aquele menino tímido que se recusava a descer. Depois de muita insistência, ele desceu do veículo e passou a festa toda com um casal que se propôs a ser padrinhos dele naquele dia.

Passei o dia observando-o; Diones e eu nos propusemos a convidá-lo para passear conosco depois da festa. Falamos com a coordenação do abrigo, que nos deu a permissão. Naquele mesmo dia, nos apaixonamos pelo menino, e voltamos a estar com ele outras três vezes.

Quando precisávamos levá-lo de volta, sofríamos e ficávamos com o coração apertado, embora não tivéssemos intenção alguma de adotar uma criança de 10 anos. Segundo o nosso perfil, queríamos uma criança de zero a 3 anos, mas algo estava sendo ligado no céu.

Não havia passado nem um mês do nosso primeiro contato quando fomos chamados pelo fórum da cidade para uma reunião. No início, pensávamos que se tratasse de algo relacionado à fila de adoção, porque ainda não estávamos inseridos. Fomos certos de que teríamos boas notícias. A assistente social foi muito direta e nos perguntou se tínhamos a intenção de adotar o Guilherme. Respondemos que, embora não tivéssemos pensado na possibilidade, de fato era uma opção que falava muito forte ao nosso coração. De modo nenhum, dissemos que queríamos burlar a fila de adoção. Se assim fosse, nós aceitaríamos.

Como já era perto do fim do ano, sugerimos que fosse naquele mesmo mês para que o Guilherme estivesse conosco nas festividades de Natal e de ano-novo. Deus foi perfeito e nos abençoou com a guarda do Guilherme no último dia de trabalho do ano do fórum e do meu também.

Desse modo, conseguimos ficar com ele durante todo o período de fim do ano. Depois disso, estive com o nosso filho em tempo integral durante os sete meses seguintes, pois Deus, em sua imensa bondade, me concedeu licença de adotante e férias, o que para mim foi um milagre. Quando solicitei esse benefício como professora na rede pública, a administração da cidade me negou esse direito. No entanto, Deus abriu as portas para que a procuradoria da cidade deferisse o meu pedido.

Nunca tínhamos pensado que pudéssemos ser pais de uma criança grande, até conhecer o Guilherme. Mas a nossa experiência nos diz que os encontros de futuros pais e futuros filhos precisam acontecer, principalmente quando falamos em adoção tardia, pois não são somente os pais que adotam; nós também somos adotados pelos filhos.

Aprendemos dia após dia com essa relação. O tempo nos fez ver que o Guilherme não foi gerado por nós, mas para nós. O Senhor nos dá um presente cada dia do ano. Já se passaram três anos, e o Guilherme está com 13 anos. Todo esse tempo passou muito rápido e nos fez crescer muito como pessoas.

VALDEMIR e BIANCA

pais adotantes

Casamos com 21 anos. E, como todo jovem casal, decidimos esperar algum tempo para ter filhos, aproveitando a vida de casados ao mesmo tempo que vivíamos o processo natural de adaptação dos primeiros anos.

No início, resolvemos usar o método contraceptivo tradicional (pílula), que provou não ser o melhor no nosso caso por causa dos efeitos colaterais. Depois de três anos usando a pílula, resolvemos parar. Em uma consulta de rotina, o médico perguntou se usávamos algum preventivo para evitar a gravidez. Como fazia pouco tempo que tínhamos parado, ele achou comum que eu não tivesse engravidado ainda. No ano seguinte, contudo, começamos a investigar por que o bebê não vinha.

Depois de muitos exames realizados em ambos, a conclusão do médico foi: “Vocês têm apenas 10% de chance de uma gravidez natural. Com o auxílio da

medicina, isso será possível, porque de maneira natural é quase impossível".

Saímos de lá um pouco tristes, embora com alguma esperança, pensando que talvez ainda não fosse o tempo certo. Ainda assim, críamos no Deus do impossível, por saber que só ele faz que todas as coisas sejam possíveis.

Três meses depois, estávamos novamente no médico; dessa vez para uma consulta obstétrica. Isso mesmo! Eu estava grávida do nosso primogênito! Ficamos superfelizes, mas com a alegria veio também a preocupação, pois eu estava com sangramento. Ao completar nove semanas de gestação, sofri um aborto retido.

Quando soubemos pelo ultrassom, voltamos para casa, entramos no nosso quarto e entregamos o nosso primeiro filho ao Senhor. "Ele deu. Ele tomou. Bendito seja o nome do Senhor." Todos os que vieram nos visitar depois dessa notícia não entediam por que estávamos tão serenos, mas era Deus quem nos consolava.

Entendíamos que não era o tempo de Deus e que ainda havia outros sonhos para realizar, por exemplo eu (Bianca) fazer a faculdade de pedagogia. Em 2012, depois de formada e concursada, resolvemos que havia chegado a hora de realizar o grande sonho de "ter o nosso filho".

Tivemos sabedoria para entender que havia várias formas de nos tornarmos pais, e aí nasceu a ideia da adoção, algo que surgiu com força no nosso coração. Vimos que o desejo de ser pai e mãe era muito maior do que engravidar.

Ainda que a fertilização pudesse ser muito mais rápida, demos início a um longo processo de adoção, porque Deus tinha posto em nós um desejo maior e nos mostrou outra forma de gerar filhos. O texto de Romanos 8.16,17 foi importante nesse processo porque vemos que Deus nos demonstra seu grande amor, que, por meio de Cristo, nos fez seus filhos adotivos.

A gestação da adoção não foi nada fácil, pois foram quase cinco anos de espera em todo o processo, mas Deus foi fiel até o fim, cumprindo sua promessa em nós. Enquanto escrevo este testemunho, ouço ao meu lado uma voz me chamar de mamãe e recebo vários beijinhos.

Ítalo chegou com 2 anos e 3 meses, um menino alegre e carinhoso. Tudo aquilo e muito mais do que havíamos imaginado e pedido ao Pai. Ele ficou na fase do acolhimento por um ano e três meses no Lar da Criança Feliz, onde cremos firmemente que recebeu o melhor tratamento e cuidado.

Sabendo que a instituição estava para fechar e de como Deus reverteu essa situação, também por meio do pastor Junior Rostirola e da pastora Michelle Rostirola, o nosso menino teve um lar até que chegasse o momento certo de conhecer e ter uma família.

Quando Ítalo chegou, nasceu um pai; nasceu uma mãe; nasceu uma família. Ele não nasceu do meu ventre, mas nasceu dos sonhos de Deus para nós. Com sua chegada, pudemos ver e sentir o amor de Deus de maneira concreta.

Cremos que Deus nos presenteia com filhos para que mostremos seu amor incondicional, que é infinitamente maior do que o amor que somos capazes de sentir pelos nossos filhos.

Adoção não é caridade nem ajuda. Adoção é a decisão de o casal formar uma família e de se tornar pais.


3

A dor do isolamento

Eu era estudante, mas eu tinha uma escola? Não é bem assim na minha lembrança.

O que eu tinha? Um dependente de álcool em casa, uma casa destruída, um pai ausente e um lugar para chamar de escola. Na verdade, o que eu tinha era um lugar sem amigos nem segurança, um lugar de dor e isolamento. A escola poderia ser meu lugar de refúgio, meu lugar de fuga de casa, mas não era.

A situação na escola era a pior possível para um menino como eu, que já não vivia em um lar equilibrado e saudável. Na verdade, a escola foi traumática desde o jardim de infância.

Quando se aproximava a hora de ir, eu já ficava com medo. Pouco tempo depois, era levado para casa com aquela forte dor no estômago. Como eu não conseguia ficar longe da minha mãe, a escola para mim não era um lugar seguro. Eu tinha medo da professora, dos amigos; eu tinha medo de qualquer outro ambiente que não fosse o aconchego do colo da minha mãe. Por mais que a minha casa fosse ruim, o colo da minha mãe era um lugar seguro. O único lugar seguro!

Ninguém descobria a fonte da minha dor. Depois de muitos exames e idas ao médico, não existia um diagnóstico que me ajudasse. Na verdade, essa dor era um reflexo do meu sistema nervoso; por isso mesmo, a minha mãe sempre exigia que eu fosse para a escola. Resultado: sempre tive que ir forçado.

Entre 8 e 10 anos, não me lembro de ter tido nenhum amigo. Nunca me convidavam para brincar ou fazer alguma atividade de grupo na aula de educação física, ou nem mesmo para jogar uma partida de futebol. Na verdade, eu ficava sempre de fora nas poucas vezes em que tentava participar. Eles sempre disfarçavam, deixando-me por último. E diziam: — Depois você entra, Junior.

Eu não me lembro de ter entrado em campo com os meus amigos. Cheguei a pensar que fosse pelo fato de eu não ter uniforme, uma bermuda ou uma camiseta de time. Certa vez, consegui até um uniforme emprestado e uma chuteira, e fui todo alegre com algumas pessoas da rua.

Estava empolgado para jogar. Mas aquele dia foi muito humilhante, porque eles escolheram todos os meus colegas, e, uma vez mais, eu não fui escolhido. Voltei para casa chorando. Eu costumava me isolar, mas ansiava por ser aceito e fazer parte do time aquele dia, mas não foi isso que aconteceu. Hoje eu entendo que aquela ansiedade que tinha destruído a minha alegria, roubado os meus sonhos e assassinado a minha esperança era causada pela orfandade. E *ansiedade destrói sua paz, rouba seus sonhos e assassina sua esperança*!

Hoje eu entendo que aquela ansiedade tinha destruído a minha alegria, roubado os meus sonhos e assassinado a minha esperança.

Entre o 3º e o 5º anos do ensino fundamental, comecei a sofrer *bullying* na escola. E um dos motivos era o meu primeiro nome.

Eu era chamado de tudo que é nome. Eu tenho o nome do meu pai, e só esse fato me fazia sentir muita raiva. Eu me sentia um ser deformado como ele, que não tinha nada de bom para oferecer. Os meninos me chamavam de *sábado*, *feriado*, *terça-feira*, *quarta*, *quinta*. Todos os dias da semana. Menos Domingos. E ainda diziam: "Quem morre no sábado é enterrado no Domingos". Como o *bullying* maltrata e isola uma criança! Eu senti isso na pele. Sei que há muitos como eu.

Eu tinha que fingir que não estava escutando ou olhar para baixo.

Quando tinha por volta de 13 anos, parei de estudar porque simplesmente não conseguia mais ir à escola. Eu desisti de tudo. Menos da minha mãe, porque ela continuava sendo o meu porto seguro.

O *bullying* maltrata e isola uma criança!

Ao crescer, infelizmente tive que sair do colo dela. Quando isso aconteceu, parecia que o cordão umbilical tinha sido rompido e eu estava sendo jogado no mar sem saber nadar, por isso eu não conseguia mais ir à escola. Ficava trancado dentro de casa, sem vontade de viver.

Cursando a 7ª série, cheguei ao fundo do poço e pedi a morte. Tudo que eu queria era morrer. Eu me trancava no quarto e dizia para mim mesmo: "Por que eu nasci? Por que eu nasci nesta casa? Por que alguns amigos

meus têm pai e eu não?".

O isolamento parecia ser o melhor lugar e o mais seguro. Mas veja bem, o isolamento é um lugar de perigo! No isolamento podemos desenvolver revolta e rebeldia. Quanto mais nos afastamos, mais sozinhos e doentes nos sentimos, pois não há cura para as emoções sem relacionamentos pessoais. O isolamento abre feridas que não cicatrizam facilmente. Parece até controverso, mas era nesse isolamento que eu me sentia seguro! O banco da escola, por exemplo, era o lugar perfeito para eu estar durante o recreio. Lá naquele cantinho da quadra, ou naquele banco no cantinho de alguma sala. Onde quer que tivesse um banco afastado, eu me sentava nele e ficava todo o intervalo ou durante a aula de educação física.

O isolamento abre feridas que não cicatrizam tão facilmente.

Como eu me sentia um zero à esquerda, para mim o isolamento era a única saída. Verdade é que, por toda a dor sofrida em casa, eu não soube me relacionar com as pessoas, o que foi altamente negativo para o meu processo de socialização.

É certo também que algumas pessoas até tentavam conversar comigo, mas era algo sempre superficial, porque eu simplesmente não abria a boca. Imagine que alguém chega até você e faz uma pergunta qualquer, e você nunca responde. Dá para continuar a conversa?

Foi assim até quase os meus 20 anos. Dificuldade de comunicação, medo de falar, inclusive das professoras, dos colegas, dos vizinhos, do mundo todo.

Mas o *bullying* existia. Ele foi o pior vilão para um garoto como eu (sem contar o meu pai, claro). Os colegas de escola batiam na minha cabeça e me davam chutes. Eu apanhava tanto que às 11h40 já estava no portão da escola para ir embora. Começava a sentir um nervosismo e a suar, a barriga doía, e eu saía correndo para que, quando o sino tocasse às 11h45, eu não desse com ninguém pelo caminho que pudesse me bater na saída.

No dia em que a professora, dona Márcia, ou a diretora, dona Cida, não me deixavam sair mais cedo, ou quando a porta estava fechada e, por

causa disso, eu tinha que sair com os colegas da classe mais todos os outros alunos da escola, eu me sentia atordoado e perdido. Era como se eu fosse um estranho no meio daquelas pessoas; aquilo me trazia um pavor e um medo inexplicáveis, a ponto de eu entrar em pânico e chorar.

Foram muitas as vezes em que apanhei na saída ou no caminho para a escola. Então, eu tentava sair escondido. Tentava burlar a secretaria e o guarda da escola. Quando eles me bloqueavam, eu preferia ser o último da escola e, ao sair, mudava de caminho. Quantas vezes tive de mudar de caminho! Quantas vezes o seu medo também fez que você "mudasse de caminho"? Para mim, era mais fácil mudar de caminho do que enfrentar os gigantes da minha vida.

Como eu não apresentava nenhuma forma de defesa, isso levava os meus agressores a aumentar a dose e a me fazer de saco de pancada. Por onde eu passasse, me pegavam pela orelha, davam tapas na minha cabeça e me chutavam.

Por tudo isso, a escola para mim era sinônimo de terror.

Pavor.

Injustiça.

Falta de perspectiva.

Eu não era tão machucado por fora quanto era de fato por dentro.

Eu era literalmente ridicularizado na frente de todo mundo.

Lembro-me de um dia quando, ao finalizar a aula e bater o sino, eu saí pelo portão grande junto com centenas de alunos de toda a escola, alguns que eu nem sequer conhecia. Do meio da multidão, um menino me bateu nas costas com uma mochila, e eu caí. Muitos começaram a dar risada, e alguns supostos colegas me chutaram mesmo eu estando no chão.

Eu não tinha forças para me levantar.

Todos continuavam rindo.

Sem dúvida, esse foi um dos maiores motivos para eu deixar a escola. Em casa, eu apanhava, a minha mãe apanhava e todos nós apanhávamos. Eu não tinha um pai decente, um pai de verdade, e, chegando lá, ainda

tinha que sair correndo e tentar escapar.

A cada nova tentativa do meu pai de machucar a minha mãe, eu me sentia mais impotente, frustrado. Tudo isso na mente de uma criança era traumatizante. Não tinha como viver um terror em casa e outro na escola. Eu não tinha para onde fugir.

Afinal, eu era uma criança e não sabia o que fazer da minha vida. Para onde poderia ir? O que fazer? O único lugar que me deixava tranquilo e mais sossegado era o colo da minha mãe, só que ela tinha que trabalhar. Então, eu me trancava no quarto e chorava.

Em toda a minha infância e pré-adolescência, eu não tinha nenhum prazer de viver. Vivia angustiado e desesperado. A sensação era de estar em um avião sem piloto, ou até mesmo em uma lancha desgovernada enfrentando ondas gigantes. Até que chegou o momento em que eu } desejei que o avião caísse ou que essa lancha afundasse, e que a minha vida acabasse.

Quais são as ondas que têm se levantado em sua vida? Talvez essas ondas sejam tão grandes que parece que vão tragar você. Infelizmente muitos adolescentes se sentem assim atualmente: encurralados! Eles precisam acreditar que é possível ter sua realidade mudada. Eu era assim. Por muito tempo não acreditava em mais nada além da dor. Somente quando passei a acreditar foi que a minha vida começou a mudar e a minha realidade foi transformada. A esperança não é um sonho, mas a oportunidade de transformar os sonhos em realidade. É possível ter sua realidade transformada também.

A esperança não é um sonho, mas a oportunidade de transformar os sonhos em realidade.

Enquanto eu estava bem no meio da tormenta da minha vida, parei de estudar.

Fiquei sem escola durante um ano. Depois desse período, a minha mãe me matriculou em outra escola, e aí fui bem aceito. Isso coincidiu com o tempo em que eu comecei a ir à igreja, e por esse motivo comecei a destravar. Ainda que eu passasse pelos mesmos problemas em casa, já conseguia resolver as coisas de maneira diferente. A timidez já era menor,

e eu tinha força interior para resolver conflitos.

Lar do Adolescente

Como já tínhamos o projeto para crianças de zero a 12 anos, comecei a indagar onde os adolescentes da cidade seriam acolhidos caso fossem afastados de suas famílias de origem. Minha esposa, Michelle, sempre dizia que havia apenas um abrigo na cidade, e que a realidade deles não era muito diferente da que viviam em suas casas.

Por curiosidade, fui conhecer pessoalmente o projeto. Quando deparei com a realidade da casa, vi o filme da minha adolescência diante de mim: drogas, casa quebrada, adolescentes frustrados e sem perspectiva de futuro.

Da mesma maneira que fizemos com o Lar da Criança Feliz, fui até a prefeitura e me pus à disposição para assumir o abrigo de adolescentes. Como as nossas associações Conviver (Centro de Recuperação Feminino), Lar da Criança Feliz (abrigo de crianças de zero a 12 anos) e ABAAS já eram atuantes, aceitaram de imediato.

Nesse projeto também fizemos tudo novo. Dessa vez, porém, além da reforma, alugamos uma linda casa em um ponto turístico da cidade. A minha ideia era que o adolescente precisa ter uma casa como referência para chamar de lar. As instalações são realmente muito boas, com direito a piscina, além de ter uma vista privilegiada de toda a cidade.

Por meio de parcerias com algumas instituições, esses adolescentes fazem cursos profissionalizantes e são inseridos no programa Jovem Aprendiz, por meio do qual podem ingressar no primeiro emprego.

Como na adolescência muitas vezes pensei em tirar a própria vida porque não conseguia ver uma perspectiva de futuro e me tornei um adolescente apático e com medo das pessoas, eu compreendia o que os adolescentes que são acolhidos vivem no dia a dia. Trata-se de uma dor latente por negligência dos pais, pela vida marcada por maus-tratos, violência doméstica, entre outros; e muitos deles acabam recorrendo aos vícios, à prostituição e à marginalidade.

Diferentemente do que acontece com uma criança, é muito difícil que

um casal deseje adotar um adolescente. Meu desejo é que, por meio do Lar do Adolescente, muitos deles se sintam acolhidos, aceitos e protegidos, desenvolvam uma autoestima positiva, a fim de que possam ser cidadãos de bem com a esperança de um futuro melhor.

MARCELA ORTIS

ex-abrigada

Marcela Ortis, nascida em Xambrê, PR, hoje tem 20 anos. Ela viveu em abrigos desde os 12 anos, entrou na casa aos 16 e saiu aos 17, casada. Está casada há três anos e tem uma filha de 1 ano e 6 meses.

Eu morava no Lar desde adolescente. Minha família era totalmente destruída. Minha mãe, usuária de drogas, nunca me ofereceu aquilo de que eu precisava.

Por não concordar com essa situação, fui morar com uma tia em Joinville, SC. Fiquei um pouco lá e gostei, mas muitas coisas ruins aconteceram lá, coisas que não quero citar aqui, mas que me machucaram muito emocionalmente. Por isso, decidi morar com minha outra tia também em Joinville.

Por mais que seja casa dos nossos tios, não é como a nossa casa. Sempre tem desconforto e situações ruins. Então, pedi para voltar para a casa da minha mãe. Como era um lar disfuncional, com muitas brigas e problemas, pedi para ir morar em um abrigo. Como a minha mãe residia em Itajaí, fui morar no abrigo da cidade aos 12 anos.

No abrigo, meus problemas sentimentais só se agravaram. Por rebeldia, eu sempre fazia coisas erradas. Namorados, brigas, evasões etc. Certa vez, eu estava tão descontrolada pela situação que quebrei todos os móveis da casa. Ninguém conseguia me segurar. Eu achava que as pessoas ali tinham que me deixar livre sempre. Mas mal sabia eu que, na verdade, eu estava era aprisionada por traumas causados na minha infância em minha família.

Realmente ninguém dá aquilo que não tem, e eu não tinha amor, compreensão, mãe, pai, amigos, ninguém. Por conta disso, eu descontava a raiva contida em meu interior na casa. O fato é que eu dava muito trabalho. Arrumava namorados e fugia com eles. Teve um período que namorei até outro acolhido da casa.

Eu sempre estava envolvida em brigas e confusões. Chegou um dia em que achei a situação de minha vida insustentável e tentei o suicídio. Lembro-me de que muitas coisas se acumulavam na minha mente e, nesse dia, o término do meu namoro foi como a última gota que fez que o copo cheio transbordasse.

Entrei no quarto e peguei o cadarço do meu sapato. Fiz um nó especial que, quanto mais aperta, mais prende. Com esse nó, mesmo se soltar as mãos, ele não cede! Passei o cordão em volta do meu pescoço e puxei. Eu já estava perdendo a

consciência quando um cuidador entrou no quarto e tirou o nó do meu pescoço. Naquele dia, o pastor Anísio conversou comigo, oramos e entendi que minha vida precisava de uma mudança. A partir daquele dia, decidi mudar de vida.

Somente então fui capaz de entender quanto o lar e as pessoas que trabalham lá queriam o meu bem. Eles foram os únicos naquele momento que estenderam as mãos para me ajudar. Ofereceram amor, atenção, cuidado e proteção. Eles me entendiam, me ouviam e sempre estavam dispostos a me receber quando eu me evadia.

Enfim era verdade! Eu realmente tinha uma casa e pessoas em quem podia confiar. Por meio de toda ajuda que me ofereceram, eu adquiri valores e princípios que não havia na minha casa de origem.

A transformação em minha vida foi tão boa que hoje a minha mãe não usa mais drogas, e a minha irmã sempre está cuidando dela. Elas se mudaram para o Paraná, e sempre mantemos contato. Aquele sentimento que eu tinha em relação à casa da minha mãe, que me fez querer sair de lá por ser ruim, mudou, e hoje vejo quanto elas estão bem.

Com 17 anos, eu conheci o Ruam, meu marido. Como no Lar do Adolescente só podemos ficar até completar 18 anos, fomos ao juiz da Vara da Infância e da Juventude e pedimos autorização para me casar. Com a autorização judicial, pude realizar um sonho: ter uma família minha. Hoje eu sou casada legalmente, meu marido é muito bom para mim, e temos uma filha de 1 ano de idade.

Realmente tudo aquilo que estava ruim em minha vida foi transformado em coisas boas. Hoje eu posso dar um lar para minha filha e o futuro digno que ela merece.

Eu agradeço muito ao pastor Junior e ao projeto Lar do Adolescente, que me acolheram, me deram suporte e mudaram a minha vida.


4

Um futuro, não o sonhado

É muito difícil conceber como era possível a minha mãe continuar a acreditar que o meu pai mudaria. Aquele sonho de ter I— o casamento ideal não existia. Poucos dias depois de se casarem, meu pai a agredia. Para ela, ter um homem assim dentro de casa era horrível. Ela sempre dizia: "Se eu tiver um filho homem que seja como o pai e que vai fazer uma filha de família sofrer, prefiro que o Senhor o leve quando nascer".

A minha mãe trabalhava muito. Dia e noite. Noite e dia. Ela era o pilar da casa. Ela nos passava a confiança de uma mulher guerreira, batalhadora, valente e determinada. Sem ela, muito provavelmente não seríamos quem somos hoje. A minha mãe era aquela que tentava com todas as forças manter o mínimo de controle, proteção, sustento e dignidade para a nossa casa.

A primeira vez que a minha mãe fugiu para dormir fora de casa foi quando buscou socorro na casa do compadre Ramiro; ela só tinha a Kátia até então. Os vizinhos já conheciam sua história de sofrimento e sabiam que ela não tinha muita escolha.

Todas as vezes que meu pai tentava agredir minha mãe, o escape era correr com a gente para proteger tanto a si mesma como a nós. Saíamos pela abertura que encontrássemos, fosse janela ou porta, corríamos sempre que conseguíamos. Ou ela corria para a rua ou para os vizinhos, que sempre abriam a porta quando batíamos.

Sempre estávamos juntos. Ficávamos vigiando pela janela para ver quando o meu pai ia chegar para avisar a mãe, ou acordados para alertá-la se ele tentasse alguma coisa contra ela. Tínhamos medo de ele bater na mãe e de não conseguirmos defendê-la.

O sonho da jovem Edite de um futuro bom e amoroso com o príncipe Domingos que arrebatou seu coração tornou-se em um pesadelo do qual era impossível acordar!

Com certeza, por muito tempo a minha mãe pensou que não tivesse uma saída para o nosso problema, nem para ela. No entanto, quando depositamos nossa confiança em Deus, todas as coisas se tornam possíveis. Quando ela conheceu Jesus, não cansava de orar pelo meu pai para que ele mudasse de vida; chegou a participar de campanhas de

oração, pedia oração e apresentava a situação para que as pessoas a orientassem.

Muitas pessoas oraram por ele também.

Durante muito tempo, ela ficou triste por não ver nenhuma mudança visível nele. Somente no hospital é que caíram algumas poucas lágrimas de tristeza dos olhos do meu pai dias antes de morrer. A minha irmã Cris conta que teve um sonho em que o pai estava vestido de terno branco, em um lindo jardim, o que para a minha mãe, com toda a certeza, teve um significado todo especial a ponto de lhe trazer paz ao coração.

Quando depositamos nossa confiança em Deus, todas as coisas se tornam possíveis.

Mas voltemos à história onde realmente começou.

Quando ainda era muito nova, a minha mãe se apaixonou pelo meu pai. Mesmo que o meu avô tivesse tentado alertá-la de que, com ele, ela jamais seria feliz, ela insistiu e se casou. Você pode imaginar como deve ter sido. O meu pai não era do agrado do meu avô nem da família. Embora não bebesse muito, com o pouco que bebia fazia que o meu avô tivesse muito medo de lhe entregar uma filha criada com tanto amor. Mas a minha mãe não deu ouvidos a seu pai porque estava apaixonada

Chegou o sonhado dia do casamento. O meu pai bebeu tanto depois da cerimônia civil, durante o almoço, que, ao chegar o horário do casamento religioso, a minha mãe estava pronta, toda vestida de noiva, os convidados já estavam na igreja, e ele continuava bêbado e dormindo.

— T*á* vendo, *tá* vendo com quem tu *quer* casar! — recordou o meu avô.

Mas ela estava decidida a se casar. É uma lástima para tantas vidas que os jovens filhos não ouçam sempre os conselhos dos pais sábios. O meu avô o acordou e o levou para tomar um banho e se arrumar. E lá se foram os dois para a igreja e se casaram. Na festa? Voltou a beber. Resultado: a minha mãe dormiu já sua primeira noite com um alcoólatra.

Nas primeiras semanas do casamento, tudo foi lindo demais. Um sonho! Ela conta que estava muito feliz e que aquelas palavras do meu avô não faziam sentido para ela. Segundo ela diz, nos primeiros quinze dias, ele era um homem muito bom, trazia fruta à noite, fazia vitamina. Uma beleza.

Quando eles casaram, meus pais moraram por quinze dias com os pais da minha mãe, meus avós. Como o meu pai queria morar na casa do primeiro sócio, em Lages, ela teve que acompanhá-lo porque ainda não tinham casa própria. Mas só foi chegar a esse bendito lugar que ele se tornou violento. A minha mãe passou a ver que o meu pai não era bem o que dizia ser.

O pai passou a frequentar casas de prostituição e chegava em casa com marca de batom e tudo. Enquanto ela ficava pronta, arrumada e cheirosa, esperando por ele, ele, por sua vez, nem olhava para a minha mãe. Se tentasse abraçá-lo, era jogada para fora da cama a pontapés.

— Sai pra lá. Eu já tive mulher hoje.

Com um mês de casados, a vida já era um inferno e com agressões físicas. A mulher do sócio dele dizia:

— Domingos, você tem uma mulher linda, uma mulher boa, que te ama e escolheu ficar com você. Por que você faz isso?

Minha mãe sempre foi uma mulher linda, generosa, amável e compreensiva. É impossível entender como um homem poderia fazer isso com ela, porque ela sempre foi uma excelente esposa.

Segundo a minha mãe, o meu pai ficava dois e até três dias sem voltar para casa. O que ele ganhava de salário, que não era pouco, acabava jogando fora. O pai e a mãe se mudaram quando o tio dele ofereceu-lhes uma terra em Celso Ramos, em Santa Catarina. Antes disso, porém, viveram três meses em São Paulo, para onde o meu pai ajudou a levar um caminhão. Ele não tinha parada. Estava sempre de um lado para outro, sem rumo certo.

Chegando a São Paulo, numa noite enquanto se preparavam para comer, a minha mãe escutou por trás da cortina uma conversa do meu pai sobre ela.

— César, tu *pega* e tu *canta ela*, tu *faz* o que tu *quiser* e, quando chegar lá perto de Curitiba, eu quero jogar *ela* no rio.

Essa talvez tenha sido a pior decepção da minha mãe com relação ao meu pai. Ela sabia que não era amada, embora ele sempre dissesse que era uma brincadeira e vivesse pedindo desculpas. Em Celso Ramos, perto

de Lages, eles foram morar no meio do mato. O meu pai vendeu a oficina mecânica, e partiram. Ela estava grávida do primeiro filho. Ao chegar lá, ele a mandava embora, mas ela não ia porque não tinha para onde ir.

Até uma vizinha já tinha percebido o clima e disse a ela: — É, Edite, com um homem desse não sei o que é que tu *faz*. Eu, se fosse você, diria para ele te levar de volta pra casa do teu pai. Se foi de lá que ele te tirou, que te leve de volta, se ele não te quer mais.

Ela caiu na bobagem de dizer isso a ele. Esse foi o "motivo" de sua primeira grande surra. A primeira de centenas.

— Já que tu *qu*é, vou te levar já pra casa do teu pai.

Minha mãe, muito ingênua, sempre acreditava que ele poderia mudar, porque ela o amava profundamente.

Eles moraram também num sítio, longe da cidade. Ele não tinha acesso a bebida lá, mas costumava ficar dias fora de casa. Outras tantas vezes, ele ficava de jogatina com os vizinhos, e bebiam até não poder mais.

Já com 8 meses de gestação do primeiro filho, aconteceu o primeiro filicídio na família. A minha mãe estava capinando na roça enquanto o meu pai jogava e bebia com um rapaz. Ela se lembrou de que o tio já tinha dito que eles não pusessem ninguém para morar nas terras sem a autorização dele, porque, na realidade, era o meu tio quem os sustentava.

De repente, o meu pai diz para o rapaz que no dia seguinte podia passar a viver ali, porque tinha uma casinha de madeira onde ele podia ficar. Mas a minha mãe lembrou do recado do meu tio e lhe disse: — Domingos, o seu tio disse que antes de colocar alguém aqui é para tu *falar* com ele.

Para quê! Ele avançou sobre ela na frente do rapaz, levou-a para o quarto e a jogou em cima da cama com o barrigão de oito meses. Depois, jogou dois baldes de água fria nela e a obrigou a dormir molhada. Não demorou para que ela começasse a perder água e foi levada ao hospital de Lages, onde ficou em trabalho de parto monitorada por oito dias. Durante esse período, ela ficava entre a casa de uns parentes e o hospital até que o bebê nascesse. Ele chegou a nascer vivo, mas faleceu com 4 meses de vida. Durante o período de vinte e um dias em que ela ficou em Lages, ele nem sequer apareceu para ver o menino.

A vida seguia entre tapas, empurrões, desprezos, muitas promessas de deixar de beber e pedidos de perdão no dia seguinte. Quando estava são, era outra pessoa, e a minha mãe acreditava piamente que o meu pai mudaria.

Depois da morte do primogênito, a minha mãe ficou arrasada e só chorava. O pai dela foi buscar os dois de volta para Itajaí. E mesmo o meu pai não querendo muito, ele aceitou voltar... Venderam as terras e voltaram somente com a roupa e uma caminhonete. No início, moraram com o meu avô e só depois alugaram uma casa. Mas, mesmo morando com meus avós, eles brigavam muito. Ele chegava a bater nela na frente da própria mãe, que explodia:

— Tu não *vai* mais bater nela, tu não *vai* mais bater nela.

— Eu bato! Ela é minha mulher.

Pouco tempo depois, minha mãe ficou grávida do segundo filho. No sétimo mês de gestação, de tanto a minha mãe apanhar, o menino nasceu vivo, mas morreu vinte e quatro horas após o parto. Meses depois, minha mãe engravidou novamente, dessa vez de uma menina.

O primeiro filho nasceu no dia 16 de janeiro; o segundo, no dia 26 de janeiro do ano seguinte; o terceiro, uma menina, em 2 de maio do outro ano, e se chamava Rosane. Esta morreu depois de nove meses e vinte dias internada no hospital. Tinha hidrocefalia.

Depois de tanta decepção com relação aos filhos que nasciam, mas nunca sobreviviam, a minha mãe decidiu pegar para criar uma menina de 1 ano e meio, a Kátia, para não morrer de depressão. Naquela época, as adoções nem sempre seguiam o caminho adequado. A mãe dela foi até a minha e ofereceu a nenê. Foram ao cartório, e a menina já estava registrada. Como já tinha sido batizada na Igreja católica, foram à paróquia para obter o registro de batismo e integrá-la com o sobrenome da nossa família.

Embora o meu pai nunca tenha desejado adotar, ele acabou cedendo, mas era só beber e começava a implicar com a Kátia. A minha mãe sofria muito por causa dela, mas não sabia o que fazer.

Depois de voltar da missa num domingo, junto com a vizinha e a Kátia ainda bebê, a minha irmã chorava muito, o que acabou atrasando o

almoço, porque a minha mãe precisava cuidar dela antes de preparar a comida. A minha mãe foi fazer uma mamadeira e trocar a Kátia, mas o pai não se conformava. Quando ela passou com minha irmã no colo perto do sofá onde estava deitado, ele tentou alguma aproximação, e ela pediu que ele esperasse. Foi o suficiente para ir atrás dela e avançar por trás.

Ela conseguiu fugir pela janela com minha irmã e saiu correndo em direção à casa do vizinho. Como a porta estava trancada, ela deu a volta por trás da casa e caiu em um tambor. Ele a achou e começou a bater nela. A minha mãe só teve tempo de dar a Kátia para alguém segurar enquanto o vizinho gritava para que ele parasse de espancá-la.

Ela só sentiu o primeiro golpe. Acordou com a casa cheia de mulheres no quarto, e os homens na sala. Ela não se lembrava do que tinha acontecido depois do primeiro soco.

— O que foi que aconteceu?

Ela mal conseguia abrir a boca. Alguém lhe disse: — Foi ele que te bateu —, ao que, ao escutar da sala, meu pai desmentiu, dizendo que ela tinha caído da escada.

Contudo, não era possível esconder a verdade, porque ela ficou totalmente desfigurada, irreconhecível. Dessa vez ele ficou com medo de ir ao médico com ela e chamou um farmacêutico, que, durante dias, foi medicá-la e cuidar dos ferimentos. A minha mãe estava toda roxa e só podia tomar líquidos com ajuda de canudo, já que não podia mastigar; não conseguia enxergar nada, nem podia abrir direito a boca. Toda a vizinhança ficou horrorizada. Naquele tempo não existia a Lei Maria da Penha. Não havia nada para defender as mulheres, que, na grande maioria, tinham que conviver com isso até morrer.

A minha mãe ainda tinha um agravante. Ela escondia muita coisa do nosso avô. Ele não sabia o que a filha realmente vivia dentro de casa. As mulheres tinham o péssimo hábito de esconder a verdade das pessoas. Elas quase nunca procuravam ajuda efetiva, ou minimizavam sua real situação para não ficar sem marido porque não queriam criar os filhos sozinhas ou porque não viam perspectiva de futuro se tivessem que começar do zero, ou por simples medo e pavor, ou, ainda, por vergonha de admitir estar com a pessoa errada.

Assim foi com a minha mãe. Depois dessa surra com apenas 22 anos de idade, ela não buscou ajuda nem jamais teve coragem de falar com os pais dela *depois de deixar um bom moço e escolher justo aquele*! Mas alguém contou para a minha avó.

No dia seguinte, apareceu a minha avó em casa: — Tu não *sabe* quanto é triste criar uma filha com tanto carinho... Nunca dei um tapa nela... e ter que dá-la para um estranho maltratar.

A minha mãe, contudo, continuaria correndo e fugindo para a casa dos vizinhos, porque o meu pai continuaria fazendo isso muitas vezes. Ela continuava acreditando que as coisas seriam diferentes um dia, pois via que no fundo, no fundo, ele era um bom homem.

A Kátia, bem novinha ainda, depois daquela agressão tão terrível, ficou o tempo todo do lado da minha mãe com um lencinho para enxugar as lágrimas de choro dela. Quando era maiorzinha e tinha que correr com os outros irmãos, o desespero era tão grande que ela urinava na roupa de tão nervosa. Na verdade, a minha irmã Kátia não precisaria passar pelo que ela estava passando. A nossa família só piorou os traumas de infância que ela já tinha.

Quando a Kátia tinha 5 anos, veio a Cristiane.

— Meu Deus, vou colocar filho no mundo para ter problema? Porque o primeiro morre de repente, o segundo tem problemas no coração e a terceira com aquela doença...

Ela não pensava mais em ter filhos, mas naquela época os anticoncepcionais não eram tão fáceis, e o pai ainda queria cumprir o sonho de ter um menino.

Quando ela ficou grávida, alguns diziam: — Se fosse tu, eu tirava. Por que tu *vai* ter? A gente não sabe se vai nascer com problemas...

Mas ela também tinha uma vizinha evangélica que lhe dizia para acreditar somente em Jesus e pôr tudo nas mãos dele: "Há um Deus que a criou por uma razão, e sua vida tem um profundo significado!". Graças a Deus, a Cris nasceu com 4,150 quilos e era uma linda menina! Depois do nascimento, o meu pai foi buscá-la no hospital.

Sua vida tem um profundo significado!

Quando chegaram em casa, não tinha gás para fazer a mamadeira, porque leite materno não havia. A tristeza tinha secado tudo, segundo a minha mãe. O pai se ofereceu para comprar e só chegou três dias depois, e sem o gás. O compadre Ramiro, vizinho e padrinho da Cris, é que socorreu a família.

— Deixa, comadre, eu vou lá buscar!

Não é difícil imaginar que, se não todas, a maioria das gravidezes da minha mãe de alguma forma foi fruto de violência machista. Ele a violava física, emocional e verbalmente, e ela nunca dizia nada e aguentava tudo calada.

Era só ele chegar bêbado que tudo voltava a ser um inferno. Às vezes, ele chegava e deitava no sofá, e ela ficava quietinha, para ver se ele dormia. Porque, se ele visse que ela ia para a cama, ele ia atrás dela, e acabaria todo sossego. E ai dela se não fizesse o que ele queria...

Ela pedia: — M*e mata* de uma vez, pelo amor de Deus! Não me *judia* mais, não me *judia* mais! —, mas ele não parava nunca e continuava maltratando-a e abusando dela.

O abuso sexual era só mais um dos sofrimentos a que ela se via forçada a suportar. Seria de estranhar com todo esse histórico que isso não acontecesse. O meu pai era um homem enorme, com uma força de leão, e facilmente derrubaria uma mulher indefesa e que o amava.

Ela contou recentemente que havia noites em que ele literalmente não aceitava "não" por resposta e, diante de qualquer recusa da minha mãe para o sexo, ele lhe dava socos, pernadas e empurrões, além das ameaças com faca, que sempre tinha na cintura, ou das que ele mantinha escondidas pela casa.

Todos sempre diziam para ela: — Edite, tu não *pode* ficar com esse homem! Qualquer hora vai te passar alguma coisa!

Muitas mulheres, mesmo com uma lei para defendê-las, temem por sua vida. Vivemos em um país com altíssimos índices de feminicídio. Se você estiver passando por isso, ou se conhecer alguma mulher que vivencie tamanha dor, não hesite em denunciar o agressor.

Minha mãe trabalhava até 2 ou 3 horas da manhã para sustentar a casa

em uma máquina de tricô. Mesmo sem saber usar uma máquina tão profissional, a mãe a comprou com a ideia de sustentar os filhos. Ela foi à antiga Prosdócimo em Itajaí e a comprou em parcelas. Nem abrir a máquina ela sabia. Foi preciso pedir ajuda a um casal que morava em outro bairro que trabalhava com isso: — Pelo amor de Deus... Pelo menos para abrir a máquina e dizer por onde sai o tricô...

Depois disso, voltou para casa, montou a máquina e foi testando até conseguir. Ela precisava encontrar uma saída para nos sustentar e trabalhar em casa. E conseguiu. Eu me criei vendo a mãe trabalhar na máquina. Até hoje sou capaz de escutar aquele barulho se fechar meus olhos...

Com dívidas e cobradores na porta de casa, meus pais se mudaram para o Mato Grosso, por dois dias; em seguida, foram para o Paraná. A Cristiane tinha 1 ano e 7 meses. E a Kátia tinha quase 7 anos. O dinheiro disponível só dava para pagar o aluguel da casa; mais nada.

Chegando lá, conheceram a família Matei. O dinheiro que o meu pai pediu emprestado ao senhor Matei para comprar ferramentas e abrir um negócio próprio acabou rápido. Os 2 mil cruzeiros que ele conseguiu na época tinham virado pó três dias depois quando voltou da casa de prostituição.

Ainda assim, a família Matei lhe deu uma oficina para trabalhar. Mas não era suficiente porque não tinham sequer para pagar o aluguel de um porão. O meu pai, então, decidiu vender a casa de madeira que tinham em Itajaí e pediu para a minha mãe voltar com as duas crianças 800 quilômetros.

Lá foi a minha mãe, com duas crianças pequenas, a máquina de tricô e um carro com quatro pneus velhos, que acabaram estourando pelo caminho. Estourava um, ela parava o carro e comprava outro recapeado. Estourava outro, e assim os quatro. Como dizia ela: "Quando a água bate na bunda, a gente sacode". E dona Edite não desistia.

Chegando a Itajaí, ela negociou com o inquilino que tinha o contrato de um ano para sair. Pediu pelo amor de Deus que deixassem a casa quanto antes porque precisavam vender o imóvel. Uma casinha de madeira que eles tinham. — Mas eu tenho contrato, né? — disse a dona Celina.

Só tinha uma forma de a família sair da casa: era arrumar outra para onde eles pudessem ir: — Então tens que me arrumar outra.

Ela procurou por todo lado e não achava nenhuma casa para alugar. Só restava falar com o irmão da Celina para ver se ele podia entrar na jogada e comprar uma casa bem barata para a irmã. E assim foi; a minha mãe encontrou uma casa meia-água na região, que o irmão comprou para que Celina e a família pudessem se mudar. Enquanto isso, a nossa casa já tinha um comprador em vista que queria a casa vazia.

Ela vendeu a casa, e o irmão dela lhe deu como pagamento dois lotes no bairro São Vicente, na cidade de Itajaí, que valorizaram muito com o tempo. Era uma esquina muito perto da principal rua do bairro. Ela ficou com 10 mil cruzeiros em dinheiro e o restante pagou em forma de prestações de um carro Chevrolet Opala que estava financiado pelo meu pai.

Voltar ou não? Voltar para o marido que a violentava e maltratava todos os dias? Afinal, a minha mãe tinha um dinheiro na mão com o qual podia recomeçar a vida. Mas também tinha as ameaças do meu pai, que sempre dizia que, se ela o deixasse, ele botaria fogo dentro da casa com ela e as crianças.

Voltou. Passou na loja Macedo e comprou quatro pneus novos. E voltou feliz da vida para Corbélia, no interior do Paraná.

Como toda mulher vítima de violência machista, a minha mãe era movida pelo medo. Ela até arriscava: — Qualquer dia, eu vou embora.

—Vai! Pode ir, que eu acabo com a tua vida — ou então: — Se tu me *tirar* de dentro de casa um dia — porque ele sabia que, se ela buscasse um advogado, ele teria que sair de casa —, eu boto fogo na casa toda, com vocês *tudo* dentro.

E isso realmente aconteceria, porque ele era louco. Desequilibrado. Raivoso. Doente.

No Paraná, ela ficou grávida da Michele. Durante quatro meses, ele foi para o Pará e deu sossego para a família. Quando chegou perto de o bebê nascer, ele voltou. De uma hora para outra, lá estava ele de volta da farra novamente, retornando da folia.

Assim que abriu a porta, ele já começou a brigar, a falar alto, e a minha mãe passou a noite sentada em um vaso sanitário em um banheiro fora de casa.

As meninas não aguentavam sequer olhar para ele. Tinha acabado o sossego. A Cristiane tinha uma revolta enorme de viver com ele. Ela tinha uma revolta tão grande que sempre dizia:

— Mãe, *diz* que ele não é meu pai! Eu não aguento mais. Esse homem não pode ser meu pai. D*iz* que ele não é. Por que a mãe não deixa ele? Ele vai colocar fogo na nossa casa com a gente dentro... Não dá mais para viver aqui!

A Michele nasceu com 4,250 quilos e era a coisa mais linda, com muito cabelo e olhos escuros. Parecida com o pai. Quando a menina tinha 28 dias, ele decidiu vender tudo outra vez e ir embora para o Pará. E ainda sob ameaça: — Te quebro toda se não vender — e ela acabou cedendo.

A viagem era longa e difícil, fazia muito calor, e a menina precisava tomar mamadeira. Foi preciso comprar um fogareiro e levar uma garrafa térmica. Por cinco dias, viajavam durante o dia e dormiam à noite em qualquer hotel de beira de estrada. De madrugada, a minha mãe cozinhava sopa de arroz branco, coava e colocava na garrafa térmica para a bebê comer pelo caminho. Depois só misturava com o leite para engrossar. E assim foram rumo a São Félix do Xingu.

A Michele engordou no caminho mais de 600 gramas e ia deitada em cima de uma espuma só com a fralda, de tanto calor que fazia.

Do plano inicial de abrir uma oficina, nada deu certo. Abriu-se um temporal que não parava, e lá veio a família embora outra vez... sem dinheiro, com as filhas pequenas, a máquina de tricô, de mala e cuia. Voltaram para Itajaí e compraram a mesma casa que tinham vendido.

Essa casa tem história porque, além da violência, é testemunha da nossa resistência.

Aqui nem sempre tínhamos o que comer. Muitas vezes ganhamos comida dos vizinhos. Por exemplo, a mãe do Geovane cansou de nos levar o que comer, mesmo que nós ainda pequenos nem sequer nos déssemos conta de como aparecia a

A vida aqui na terra é pura doação.

comida lá em casa. A vizinha dona Marle também socorreu a minha mãe muitas vezes. Todos os vizinhos próximos se compadeciam dela e a ajudavam.

As refeições em casa eram bem escassas. Pela manhã, quando acordávamos para ir à escola, nem sempre tinha pão. De manhã, a mãe fazia café, apenas o café preto, porque pão e leite eram raros. Nós costumávamos fazer as refeições na escola na hora da merenda, porque era o único lugar que sempre tinha comida e que dava para fazer uma boa refeição.

Apesar de eu não ir muito à escola por causa dos meus traumas, medos e por me sentir inferiorizado pelos colegas, lá era o único lugar em que eu podia comer direito.

De volta a casa, quando chegava o meio-dia, geralmente nosso almoço era arroz com ovo ou com asa de galinha. Perto das 19 horas, no fim de tarde, a mãe geralmente fazia um café e comprava pão e margarina. De vez em quando, tinha banana, e nosso dia de alimentação acabava dessa forma, sempre com poucas refeições. Tínhamos no máximo duas refeições ao dia. Era muito raro ter três. Quantas vezes usávamos a desculpa de ir brincar na casa de um amigo só para ficar para o café da tarde, por conta de não ter em casa!

Lembro-me de uma vez em que o pai apareceu em casa com uma caixa cheia de pintinhos, uns 20. Nós os soltamos atrás de casa em um terreno para criá-los. Quando eles foram crescendo, com mais ou menos 30 dias, nós já começamos a matá-los para fazer a mistura e, em mais ou menos um mês, já tínhamos comido os franguinhos todos. Não deixávamos nem chegar a completar 1 quilo, já iam logo para a panela!

Para nós, aquele período foi de abundância, porque chegávamos a matar de dois a três por dia e comíamos tudo, mas foi por um período muito breve. Hoje, a gente ri da situação, mas na época era o que tínhamos para comer. Não tínhamos nada, e aqueles franguinhos que estavam começando a trocar as penas, do amarelo para o branco, eram nosso banquete diário. Comemos todos em um mês! Que delícia!

Como regra, nossa alimentação era bem escassa, pois o pouco que a mãe ganhava sempre era para pagar as contas, luz, água, gás e, muitas

vezes, para sustentar o cigarro e a bebida do pai. Não sobrava para a alimentação. Como a minha mãe era vendedora autônoma de roupas, não ganhava muito. Mistura em casa era sempre um luxo.

Na minha infância, nunca cheguei a comer um biscoito recheado em casa, um iogurte, um chocolate, sempre era o café preto, e raras vezes um café com leite e pão. Sabíamos o que eram essas coisas — biscoito e iogurte, por exemplo — porque meus amigos comiam. Quando estávamos na casa deles, comíamos de vez em quando.

Lembro-me também de sempre tomar vitaminas por indicação médica por causa do baixo peso. Eu era um pré-adolescente bem miudinho, com a estrutura corpórea bem magra, que não ganhava peso. Os médicos sempre me davam remédios, estimulantes de apetite, mas mal sabiam que a causa de eu ser muito magro, pequeno e estar sempre abaixo do peso ideal para a idade era falta de comida em casa. Nós não contávamos por vergonha.

Hoje eu vejo fartura em minha casa, e as crianças comendo sempre bem e percebo quanto isso ficou gravado em meu coração, pois até hoje não sou muito de carne e essas coisas de biscoitos etc. Claro que já sou adulto e entendo, mas esse simples fato de faltar comida na minha infância gerou um trauma em mim. Quando nos concentramos em tudo que está faltando, perdemos tudo que seria possível. Eu nunca tinha nada para comer se não fosse à escola. Mas hoje eu provo de uma vida abundante porque tenho me concentrado no Deus que abre as portas, provê o recurso e dá a vitória. Hoje eu vejo que é possível mudar realidades. Naquela época, a minha realidade não era mudada, mas hoje eu posso mudar a história de famílias.

Deus abre as portas, provê o recurso e dá a vitória.

Uma coisa naquela época era certa: nossa casa sempre foi uma casa que recebeu misericórdia. Fomos vítimas de violência, mas também fomos acolhidos pela vizinhança, por amigos de verdade, que, em meio a toda barulheira e gritaria, ofereciam uma mão amiga. A vizinha que vendia churros até deixava a chave da casa dela no verão com a minha mãe, porque, como ela trabalhava na praia, passava três meses fora. Era o

porto seguro da minha mãe para dormir sossegada.

Quando a Kátia tinha 12 anos, a Cristiane 7 e a Michele 2 anos e meio, a minha mãe engravidou pela sexta vez. Era 1979. A minha mãe não queria ficar grávida porque os outros filhos já tinham uma diferença de 5 anos, e já estava mais do que bom. Com tudo o que ela já havia passado, não cabia mais a ideia de outro filho. Ainda assim, ela foi ao médico, fez os exames necessários e começou o pré-natal, até que começou a ter muita coceira no corpo e deu rubéola no exame.

Grávida de mim e com rubéola. O médico indicou que ela fizesse aborto em Joinville.

A caminho de casa, ela se encontrou com uma vizinha e lhe contou o que o médico dissera. — Põe na mão de Deus, Edite, que Deus sabe todas as coisas.

Nesse momento, a minha mãe orou a Deus pedindo por uma direção. As orações têm o DNA dos céus, e elas não ficam sem resposta. Depois disso, sentiu tranquilidade e decidiu continuar com a gravidez. A coceira passou, e Deus a ajudou a esperar com paciência e fé, embora lá no fundo sempre houvesse certo medo.

As orações têm o DNA dos céus, e elas não ficam sem resposta.

No dia do meu nascimento, a minha mãe teve que mandar chamar o meu pai no boteco meia dúzia de vezes. A resposta dele era sempre a mesma:

— Diz para ela esperar mais um pouco.

Ele só apareceu às 8 horas da noite, quando ela já sentia fortes contrações. Para variar, ele estava bêbado. E foi alcoolizado dirigindo rumo ao hospital.

A minha mãe conta que ele apareceu no hospital, caindo de bêbado com uma rosa de plástico na mão. Tinham dito a ele que comprasse uma rosa e a levasse para a minha mãe. Quando soube que finalmente tinha nascido um filho homem, ele foi comemorar com a mulherada e gritava para todo mundo ouvir: "Eu sou pai de um filho homem!".

Recebi o nome Domingos em homenagem ao meu pai e para agradá-lo,

junto com o meu nascimento, renasceu a esperança na minha mãe de que, agora sim, ele deixaria de beber. Afinal, era uma promessa!

Mas não foi o que aconteceu. Como contei, levei uma surra quando tinha somente 7 meses. Tudo aconteceu porque a minha mãe resolveu me colocar no meio dos dois na cama do casal: — Ele já está dormindo... deixa ele dormir... Deita ali do lado... — disse ela.

Como ela fugia dele, acabava me usando para tentar escapar, mas acabei levando uma surra de tanta raiva que ele ficou. Alguém tinha que levar, e tudo indicava que eu era o responsável por tornar sua vida impossível. Ele me pegou e me deu uma surra com um cinto. Depois me lançou no berço. Você consegue imaginar um pai acertando cintadas em um bebê de 7 meses de idade que dormia? As marcas ficaram por muito tempo. Uma vida.

No berço, eu chorava sem parar, e a minha mãe não teve escapatória. Com choro e tudo.

Ele maltratava todos nós. Quando chegava bêbado de madrugada, ia ver se a Kátia estava dormindo no quarto. Ele a fazia levantar-se para queimar o papel do banheiro na rua, porque, se ela não fosse, apanhava. Se ele visse o sabonete no chão do banheiro, porque as vezes tomávamos banho e deixávamos o sabonete no chão, ele levantava uma das meninas de madrugada para pôr o sabonete no lugar.

A Cristiane foi a única que ele chegou a pegar no colo. Inclusive um dia às 4 da manhã ele a levou com 4 meses de idade a um boteco e foi dirigindo. Foi uma gritaria em casa. A minha mãe suplicava para ele deixar minha irmã. E para tirar a Cris dele?! Os compadres tiveram que intervir e foram ao bar, insistindo com carinho para ele devolver minha irmã.

No dia seguinte, os próprios amigos disseram que, se estivessem no bar, teriam chamado a polícia, e ele teria ido para a cadeia. P*orque isso não se faz, tirar uma criança com* 4 *meses de idade de dentro de casa* às 4 *horas da manhã*.

Ah, se não fosse essa rede de apoio que a minha mãe e todos nós tínhamos! O mundo não pode ficar impassível diante de situações de desespero, injustiça, maus-tratos, violência, falta de amor. Eu me nego a não fazer nada. Olhe ao seu redor. Há uma rede de apoio presente em cada lugar, se observarmos bem. Você também pode estar precisando de

uma agora. Ou, ainda, você pode ser o apoio de que alguém precisa neste exato momento!

Mesmo deitados na casa ao lado, dava para escutar o que meu pai dizia às vezes no portão de casa ou gritava no meio da rua. A sorte é que a minha mãe, entre idas e vindas, morou quarenta e cinco anos no mesmo lugar e os vizinhos a conheciam desde que ela era menina.

As surras do meu pai eram comuns em todos nós. A minha mãe sempre dizia para a Cris nunca bater no pai, porque, com a força que ele tinha, era capaz de matá-la de tanta raiva. Um dia, ela pegou um ferro de mais ou menos 6 centímetros de espessura, mas o pai o tomou da mão dela, e só o compadre Ramiro pôde acalmar o meu pai. Já tinha acontecido de outro vizinho tentar ajudar a separar o meu pai da minha mãe, e o que aconteceu é que o vizinho é que teve que correr. O homem tinha uma força diabólica.

Em um Natal, depois de eu ganhar um carrinho de presente do meu padrinho, tive uma daquelas crises estomacais e a minha mãe passou a noite inteira comigo para ver se acalmava a dor na barriga. Eu cheguei a fazer exames, fui ao médico, fiquei internado, mas nunca encontraram nada.

Já me deixaram até amarrado no soro, chupando o dedo e chorando. Gritando, na verdade. Fui deixado lá sozinho, porque ninguém podia acompanhar um filho naquela época.

— Enfermeira, você não vai lá ficar com o Junior para eu sair? Porque ele está num choro que vai arrancar o soro todinho! — perguntou minha mãe.

— Ah, é? Se ele arrancar, a gente coloca novamente!

A minha mãe ficou com medo e pediu ao médico que me desse alta. Teve que assinar a autorização para eu ser liberado. As vizinhas que estavam com ela não aguentaram:

— Edite, pega o teu filho e tira ele daqui. Olha, nós vamos pagar uma consulta *pra* ele em outro lugar. Tira o menino daqui... *pra* começar não fizeram nada com ele, porque o médico nem passou ainda...

— Doutor, pode dar alta para o meu filho.

— Tem que assinar aqui.

— Assino qualquer coisa para tirar o meu filho daqui.

Fui levado para Balneário Camboriú, SC, onde me pagaram uma consulta. O médico não achou nada. Pediu um exame, e não deu nada; mesmo assim, mandou tomar um remédio. No entanto, essa dor sempre voltava quando eu sentia raiva, medo, pavor, rejeição ou era vítima de *bullying* na escola.

Hoje a gente sabe que essa dor era emocional. Motivos não faltavam. Era um mecanismo de defesa. Eu fui crescendo, e a dor continuava. Segundo a minha mãe, quando eu era levado de volta para casa pela professora do jardim de infância, era só ela ir embora que eu voltava a brincar. A dor ia embora.

Para o meu pai, era tudo mentira. Mas não era. Eu sentia dor, mas por quê? Sempre que estava em um ambiente no qual eu não conseguia encontrar saída, ela se manifestava.

Mas eu tinha uma mãe. Uma mãe que para o meu pai era tudo, menos uma mulher maravilhosa. Poucas foram as vezes em que levei uma surra da minha mãe. Uma entrou para a história. Eu tinha 17 anos. A minha mãe nos criou com muita rigidez porque tinha que ser pai e mãe ao mesmo tempo. Até aí, tudo bem. Ela nos levava todos ali, firmes. Mas havia em casa uma varinha e um cinto de bater, aos quais ela recorria para nos assustar e às vezes também para surrar.

Como eu e a Michele brigávamos muito, toda hora a minha mãe apontava para a varinha. A mãe lavando roupa, e a gente brigando lá dentro. Ela mandava a gente ficar quieto, e nada. Tinha hora que ela passava a mão em um cinto ou mangueira, mas meu avô, que nessa época morava em casa com a gente, não a deixava usar a tal mangueira.

Um parêntese para esta história sobre meu avô. Depois que ficou viúvo, já idoso, ele veio morar com a gente. No entanto, ele dormia na casa de um vizinho. Como o vô já não tinha força física para combater a situação em que vivíamos, ele não conseguia lidar com tanta desgraça na vida da filha dele. Tudo o que ele havia previsto tinha se tornado realidade. Aquele homem não fazia sua filha feliz. Ah, quando os pais dizem algo por amor aos filhos! Quem pede conselho é sábio.

— Vai buscar a varinha...

Essa era a frase que ninguém queria ouvir. O cinto ou a varinha... A mãe com aquela mangueira na mão deixava a Michele apavorada, porque ela começava a cortar a mangueira com uma faca... Ela também tinha momentos de impor sua autoridade.

Enfim, com 17 anos eu tinha alguns amigos. Eles me convidaram para ir à praia com eles. Eu fui pedir autorização à minha mãe para ir, e ela disse que não. Mesmo assim, eu fui. Como eu nunca desobedecia, ela jamais pensou que eu fosse. Ficou tranquila. De repente, quando ela se deu conta, cheguei todo queimado do sol. Mentira tem pernas curtas!

— Aonde você foi?

Fiquei calado, pois sabia que tinha desobedecido, e minha irmã Michele já tinha contado. Então, o que me restou foi apanhar. Ela me mandou pegar o cinto. A casa estava cheia de gente. Foram duas cintadas. Das poucas surras que levei, foi a última vez que apanhei da minha mãe.

Como eu não tinha muitos amigos que me davam atenção, com exceção de um vizinho com quem eu andava mais vezes, dessa vez eu tinha sido incluído em um grupo de pessoas. Eu estava feliz com isso, pois tinha me sentido aceito. Eu não podia rejeitar aquele convite que estava gerando uma oportunidade para viver algo que nunca tinha vivido.

a mãe não permitiu, mas eles começaram a me desafiar:

— Não, Junior, não tem nada a ver, vamos juntos...

Justo dessa vez a mãe não tinha deixado. Você sabe bem como é adolescente: eu não ia dizer a eles que a minha mãe não tinha deixado. E a vergonha? Eu já tinha uma estatura baixa, e ainda filhinho da mamãe... Não!

Era uma questão de conquistar certa liberdade que eu não tinha. Quando montei na minha bicicleta, eu me sentisse livre aquele dia, porque estava com os meus amigos. Eu me senti o cara mais feliz do mundo!

Comecei a descer o morro em direção à Praia do Atalaia. Feliz da vida... Na verdade, aquela cintada valeu a pena, mas doeu muito porque eu estava todo queimado do sol...

Há três anos, a minha mãe deixou a casa onde morou por mais de quarenta e cinco anos. Nessa casa, ela cumpriu tanto o papel de pai como

o de mãe. Ela deu tudo o que tinha e o que não tinha. Sou apaixonado por ela, porque sei que ela foi e é uma mulher de coragem.

Mercado Solidário

> "Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos. Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade" (1João 3.16-18)

A área ministerial de ação social da nossa igreja tem como propósito cooperar para que a nossa comunidade cumpra sua missão, atuando em todas as áreas nas quais haja situação de vulnerabilidade e injustiça social. Todas as nossas ações contam com o apoio de voluntários em seu desenvolvimento, porque cremos que Deus transforma pessoas para que elas ajudem no processo de transformação de outras pessoas.

Para poder atuar de forma mais ampla, criamos a ABAAS, a Associação Beneficente de Ajuda e Auxílio à Sociedade, já mencionada, uma instituição de caráter filantrópico, sem fins lucrativos, com ações educacionais, beneficentes e assistenciais. Alguns dos nossos desafios nessa área são: olhar para as necessidades ao nosso redor, deixar que elas entrem no nosso coração e usar as nossas mãos para estender o amor de Deus por toda a comunidade.

E assim tem sido.

O Mercado Solidário, especificamente, nasceu depois que conheci um projeto com esse mesmo nome na Igreja da Cidade, em São José dos Campos, São Paulo. Eu me apaixonei por esse projeto.

Como eu havia passado por grande escassez de alimentos durante a minha infância e adolescência, e nem sempre a minha mãe tinha a quem recorrer, sei como é importante ter a quem pedir ajuda.

Uma das lições que a minha mãe sempre fez questão de nos ensinar foi a honestidade. Uma cena que ficou marcada na minha memória foi um dia ter ido comprar pão e banana com as moedinhas contadas no mercadinho da rua. Quando voltei com mais dinheiro do que tinha levado, a minha mãe me fez voltar ao mercado, pedir desculpas e devolver o dinheiro recebido a mais de troco. Como ela dizia, jamais um filho dela poderia se

envolver com nenhuma espécie de roubo ou furto. E, para isso, desde muito pequenos éramos vigiados de perto.

Fiz faculdade de economia e dou importância a não apenas dar o alimento ao necessitado, como também dar dignidade às famílias para que elas possam ir ao mercado, levar os filhos até as prateleiras e escolher os produtos. Faz parte desse processo ensinar cada membro de uma casa a fazer as escolhas corretas dentro das necessidades e prioridades de uma família.

O Mercado funciona com ciclo de quatro meses de auxílio por família. A família é cadastrada e começa a participar durante esse período. Como o Mercado acontece uma vez por mês, a família tem a oportunidade de efetuar quatro compras. Após essas compras, se houver necessidade de continuar, a família precisa voltar para a fila de cadastro, uma vez que a fila de espera é longa.

Assistimos 60 famílias mensalmente, envolvendo mais de 240 pessoas, incluindo pais, mães, filhos e outros participantes da casa. Cerca de 30 voluntários ajudam todos os meses no atendimento do Mercado Solidário, no espaço da ABAAS.

O primeiro passo para se chegar às famílias é contar com uma aproximação em forma de visita local, cujo objetivo é conhecer a situação de cada núcleo familiar. Após um levantamento socioeconômico, distribuímos uma moeda própria, que chamamos de "o Solidário", a qual dá acesso à participação do projeto.

No segundo sábado de cada mês, as famílias vêm ao Mercado, retiram suas senhas por ordem de chegada, tomam café juntas e recebem uma palavra motivacional e de orientação. Em seguida, são direcionadas a fazer as compras para sua casa. As famílias têm ali disponíveis mais de 1.500 produtos. Nenhuma família recebe uma cesta básica; na verdade, todos podem escolher os itens de que realmente precisam e que suprirão as necessidades de sua família.

As famílias atendidas aprendem a ver o mundo de outra forma. Damos a elas conhecimento para, a partir do momento que tenham alguma melhora em sua condição financeira, poderem ir ao mercado normal da cidade e fazer suas compras com uma nova perspectiva.

Podemos dizer que o impacto que esse projeto tem causado na sociedade é o de transformação e de resgate à dignidade. A equipe do Mercado Solidário tem como objetivo final procurar reinserir os pais no mercado de trabalho e entender o motivo de uma família estar passando por uma situação de necessidade, ajudando-a a ver caminhos para a superação do problema.

O projeto também auxilia com doação de roupas e calçados quando existem tais necessidades, facilitando dessa forma que os membros da família tenham condições de voltar a procurar emprego.

Temos notícia de inúmeras histórias de superação e de mudança nas pessoas. Pessoas que antes não tinham nada para comer, ou que eram moradoras de ruas, e que hoje têm uma moradia e voltaram a trabalhar. Algumas dessas pessoas entregaram a vida a Jesus e esperam o dia da reunião não só para fazer as compras, como também para se sentirem amadas, pois proporcionamos um ambiente amigável no qual o abraço e a demonstração de carinho são primordiais.

Nosso Mercado tem se tornado referência, pois pessoas e organizações de várias partes do Brasil têm ouvido falar do projeto e comparecido para ver de perto como funciona, com o objetivo de implantar em suas organizações, porque também têm um coração voltado para as pessoas.

Projeto Acolher

Mulheres vítimas de violência de gênero

O número de mulheres vítimas de violência de gênero cresce a cada dia. A minha mãe foi vítima de violência física, psicológica e sexual durante vinte e oito anos, e esses abusos iniciaram logo depois do casamento.

Em conversa com ela sobre o motivo de ter insistido em continuar com o meu pai em meio a tantas agressões, pude compreender que um dos motivos era o medo, uma vez que ela sofria ameaças de morte, além das ameaças aos filhos.

Após duas semanas de seu casamento, o meu pai começou a fazer uso do álcool de maneira descontrolada. Ele trabalhava durante o dia como mecânico e, no final do dia, em vez de voltar para casa, se dirigia a algum bar e depois disso, muitas vezes, seguia para os prostíbulos. Essa situação se tornou recorrente. Quando voltava para casa, começava a insultar a minha mãe desde o início da rua onde morávamos, com os nomes mais grosseiros que se possa imaginar. Essa entrada triunfal se dava até chegar a nossa casa, onde entrava todo sujo da rua e alcoolizado. Além de agredir psicológica e verbalmente a minha mãe, em seguida passava à agressão física e sexual, fazendo que ela se submetesse a seus desejos mais absurdos.

A minha mãe também sofria de uma dependência, não do álcool, mas do marido alcoólatra. Tipicamente, a esposa não alcoólatra fica totalmente presa ao esforço de tentar fazer o alcoólatra parar de beber ou, pelo menos, ao esforço de lidar com o comportamente imprevisível dele.

Outro motivo pelo qual ela não se separou do meu pai é o que acontece com muitas mulheres: não ter para onde ir. As mulheres em situação de risco, decorrente da violência machista, em geral preferem manter o *status quo*, por não ter perspectiva de mudança ou por não ter ideia de como recomeçar a vida.

A polícia ia praticamente todos os dias a nossa casa. Quando fomos

crescendo, a minha mãe fugia comigo e com a minha irmã mais nova para a casa dos vizinhos. Muitas vezes, essas fugas eram em plena madrugada; para não incomodar os vizinhos, dormíamos embaixo de árvores e éramos protegidos pelos braços da minha mãe. Assim tentávamos dormir; ela, porém, nunca dormia e passava a noite afastando os pernilongos e os bichos que nos pudessem causar algum mal. A minha irmã Cristiane, que nunca saía de casa, era agredida, motivo pelo qual a polícia foi chamada muitas vezes.

Pelo fato de a violência machista ter sido uma realidade traumatizante na minha vida, o Projeto Acolher tem por finalidade garantir a integridade física ou psicológica de mulheres que correm risco de perder a vida. Elas podem ter ou não dependentes e receberão um acolhimento institucional seguro, favorecendo, desse modo, o exercício de sua condição cidadã e de seu valor como pessoa conhecedora de que nenhuma vida humana pode ser violentada. Também há a intenção de promover o fortalecimento de vínculos e da autoestima, bem como a reconstrução do bem-estar, a proteção e a integração à sociedade da mulher vítima de violência doméstica e familiar, tanto quanto a reconstrução de seu propósito de vida.

O Projeto Acolher é o nosso novo projeto em fase de implantação. Pretendemos que essa casa se torne um local de refúgio para mulheres, muitas vezes com filhos, um refúgio no qual possam ver um raio de esperança e receber nova oportunidade de vida.

Mãos Talentosas

A minha mãe sustentou a nossa família durante anos por meio do artesanato e das atividades manuais. Ela fabricava blusas de lã e crochê e outros itens artesanais. O Projeto Mãos Talentosas não se restringe a oferecer aulas de artesanato para mulheres: seu objetivo é resgatar a autoestima da mulher, diminuindo o nível de depressão que decorre da ociosidade, valorizando a mulher como protagonista de sua própria história e permitindo que ela adquira princípios e valores por meio da troca social e da intercomunicação.

Nas aulas, as mulheres aprendem técnicas, confeccionam peças decorativas como bordados, pinturas, *patchwork*, colagem, crochê, *biscuit* etc., com artigos variados como feltro, EVA, linha, lã, entre outros. Por meio desse novo aprendizado, visamos que elas obtenham determinada renda com a venda dos produtos confeccionados.

Após a aula, é servido um lanche de confraternização.

Todos os produtos desenvolvidos pelas artesãs são vendidos em bazares desenvolvidos por elas, cujo lucro é revertido para o próprio projeto e repartido entre os demais projetos da ABAAS, a Associação Beneficente de Ajuda e Auxílio à Sociedade.

CROSS

Com o objetivo de angariar recursos para suprir financeiramente todos os projetos sociais, surgiu a CROSS: a marca do amor. Trata-se de uma marca de roupas e acessórios com mensagens de amor e otimismo. Todo o lucro gerado pelas vendasé revertido para os projetos sociais. Trabalhamos com um funcionário exclusivo para a marca e com ponto de venda físico e eletrônico (e-commerce).


5

Noites frias

A primeira vez em que eu dormi fora foi na casa da minha irmã mais velha, Kátia, quando eu tinha 6 anos. Ela já era casada, e eu me lembro de ela me levar para passar um fim de semana inteiro fora. Aquele foi um momento muito marcante para mim.

Quando chegou a hora de ir embora, no domingo à noite, ela me levou para casa, e foi um pouco desesperador. O medo e a apreensão começavam a se fazer presentes, porque eu já sabia o que me esperava em casa.

No início, eu pensava que, se deixasse a minha mãe sozinha, ela estaria sem proteção, assim como eu sentia a proteção dela e sabia que ela faria tudo por mim. Por isso, voltar para casa foi um pouco angustiante. Afinal, o fim de semana tinha sido muito bom e tranquilo.

Quanto tempo fazia que eu não dormia tão tranquilamente! Sem brigas, sem gritarias ou violência de nenhum tipo. Finalmente tive um pouco de paz e alegria. Claro que voltar para casa e estar perto da minha mãe também me fazia sentir seguro por estar com ela novamente.

Mesmo pequeno, eu me preocupava com a minha mãe, por isso eu não saía muito. Havia entre nós muita cumplicidade; eu a protegia com o que podia, e ela me protegia de todas as formas.

Finalmente tive um pouco de paz e alegria.

Foram muitas as noites frias em que nós saíamos de casa sem tempo de pegar nada. Entenda uma coisa: a minha mãe era a primeira a correr, mas nunca nos deixava, sempre nos chamava. Era uma coisa automática: ela corria chamando, e a gente corria atrás. Era ela sempre a primeira vítima em casa. Nós éramos os coadjuvantes, os que estavam no meio do caminho, por isso também éramos vítimas, mas a vítima ideal do meu pai sempre foi a minha mãe.

Houve uma noite em que garoava tanto que preferimos dormir atrás de casa. Dessa vez, não chegamos a pular o muro e preferimos ficar escondidos do pai lá mesmo. Dali escutávamos todo o barulho dele dentro de casa. Fazia muito frio; então a minha mãe abriu os braços e nos agasalhou, a mim e à Michele, debaixo do casaco dela. Ficamos assim até

amanhecer. Quando era dia, o pai finalmente foi dormir, e nós pudemos entrar em casa.

"Nossa esperança está no Senhor; ele é o nosso auxílio e a nossa proteção." (Salmos 33.20). Experimentamos essa verdade de todas as formas, mesmo sem ter conhecimento total de quem era Deus. Fé em Deus, a minha mãe tinha.

E assim ficávamos até a manhã seguinte ou madrugada adentro. Um de nós ia dar uma olhada para ver se o pai tinha dormido e se podíamos entrar em casa. E voltava. Ia de novo e voltava. Até que, finalmente, pudéssemos entrar e descansar.

Recordo muito bem que, quando eu tinha uns 7 anos, começamos a dormir fora com frequência, porque era impossível estar no mesmo teto que o meu pai. Uma vizinha nossa tinha um terreno bem grande atrás da casa dela com algumas árvores de frutas. Nunca me esqueço de que dormimos um ano e meio embaixo de um limoeiro. Essa acabou sendo a minha cama. Debaixo de um pé de limão. Ter passado por essa situação fez que eu tenha um olhar muito solidário aos sem-teto, seja qual for o motivo que os tenha levado às ruas. Eu até tinha cama em casa, mas não servia para muita coisa. Não quando mais precisávamos dela. Muitas das pessoas que vivem em situação de rua não têm nada além da roupa do corpo e, talvez, um pouco de papelão, que lhes serve tanto de cama como de coberta.

Dormimos um ano e meio embaixo de um pé de limoeiro. Essa acabou sendo a minha cama.

Quando meu pai fazia qualquer ameaça de quebrar tudo e pegar o primeiro que encontrasse, nós já corríamos para o nosso esconderijo. Além disso, éramos especialistas em pular muros. Quando não queríamos incomodar ninguém, dormíamos debaixo das árvores.

Se algum vizinho nos via, chamava a minha mãe, oferecendo ajuda. Ela sempre tinha vergonha de bater à porta dos vizinhos, mas às vezes era preciso. A área da dona Olinda ou a casa da vizinha da frente... Escapes de Deus para nossa vida. Os escapes mais necessários e providenciais que tivemos ao longo de mais de vinte anos.

"Ele é o meu aliado fiel, a minha fortaleza, a minha torre de proteção e o meu libertador, é o meu escudo, aquele em quem me refugio." (Salmos 144.2)

Deus nunca nos deixou sem um refúgio no meio da tormenta. Por mais duros que fossem naqueles momentos. Prova disso é que sobrevivemos e temos visto histórias tão parecidas ou piores que as nossas de tantos outros sobreviventes.

Comida era algo tão escasso que ter 20 pintinhos de uma vez foi uma festa! Lembra-se? Foi a única época de fartura em mistura! Vou explicar bem como isso, como regra, acontecia. Se tinha ovo, era um ovinho para cada um. Quando a minha mãe comprava uma mistura, em geral era asinha de frango (da qual até hoje eu gosto muito, mas a Michele não pode nem lembrar). Mas atenção. Ela mandava a gente comprar meio quilo de asinha... para a semana toda... E lá uma vez ou outra, uma ou duas vezes por ano, nos mandava comprar carne bovina, em geral bife, que obviamente tinha que ser dividido. Ela cortava em tirinhas para render. Ninguém pegava um bife inteiro.

Às vezes, o meu pai trazia linguiça(!), que era a protagonista de algo hilário. Imagine a família toda faminta, e ele anunciando que tinha linguiça já da rua. Ao chegar ao portão de casa, o pai começava a distribuir a linguiça, que quase nunca comprava, entre os cachorros dos vizinhos! Sim, entre os cachorros, que, diga-se de passagem, muitas vezes comiam melhor que a gente.

Já deu para perceber que mistura em casa sempre foi uma questão de luxo.

Até hoje como pouca carne. Os produtos lácteos quase não entravam em casa. Ainda hoje não tenho facilidade para incluí-los na minha dieta alimentar. Acabei me acostumando a ter pouco, para o mal e para o bem.

Com toda essa escassez, por um lado, tínhamos pelo menos que tentar beliscar coisas nas casas dos outros e, por outro lado, a nossa mãe desenvolveu uma técnica férrea de privação quando visitávamos alguém.

Em nome de suas manias de boas maneiras e educação, ela nos proibia até de olhar para o que havia nas casas alheias. E ainda fazia algo que para nós era um defeito. Se chegasse um amigo da minha idade ou mais velho, e eu estivesse sentado em determinado lugar, eu era obrigado a

ceder-lhe o meu lugar. Hoje posso fazer isso com naturalidade, e até se tornou um costume, mas não naquela época. No entanto, o pior de tudo continuava sendo como driblar a falta de comida.

Antes de sair de casa, ela já avisava, arregalando os olhos. Quando íamos à casa de um vizinho ou parente cuja situação fosse melhor que a nossa (ou qualquer pessoa do nosso círculo) e que tinha comida suficiente, a minha mãe sempre olhava para nós, e logo entendíamos que não podíamos pedir... Se a pessoa oferecesse, a primeira resposta era não. Depois olhávamos para ela, pois já sabíamos só pelo olhar dela.

Mas é verdade que uma vez ou outra escapava, porque as pessoas às vezes já colocavam algo no prato e nos chamavam. Nesse caso, ela autorizava. O problema é que, mesmo com tantas restrições e instruções de comportamento na casa de vizinhos e parentes, nós gostávamos de estar na casa deles, não por outra intenção, mas porque em casa não tínhamos tanta variedade de comida. Um caso interessante passou na casa cujo muro nós pulávamos para dormir na parte de trás do terreno. A dona sempre dizia que nos abriria a porta quando precisássemos e que tinha lugar disponível para nós.

Essa senhora vendia churros no verão. Como trabalhava muito na praia e em eventos, muitas vezes chegava de madrugada. Quando chovia ou fazia muito frio, algumas vezes a minha mãe deixava a vergonha de lado e pedia ajuda. Nesses casos, pedia a ela abrigo. E, quando acontecia de chegar dos eventos ou do trabalho e nos encontrar em sua casa, ela costumava fazer arroz e uma carne que cheirava muito bem e com muita abundância. Até hoje, guardo o gosto daquele arroz e das vezes em que ela pôs a mesa para nós.

Alguns nomes de vizinhos sempre surgem na nossa cabeça. Como o da dona Laci, em cuja casa sempre ficávamos felizes porque ali sempre tinha coisa boa para comer. Para não levar muitos beliscões da minha mãe, era preciso me comportar e olhar para ela. Diante de qualquer mudança nos lábios ou virada de olhos, era para pegar só uma coisinha do que nos oferecessem. Caso contrário, mais beliscão.

O final da história é que não adiantava falar muito antes de sair de casa. Além disso, nem toda a instrução do mundo nos impediria de morrer de

vontade de comer o que tinha na casa dos vizinhos.

A pobre Michele chegou a desmaiar na casa da Zilma por causa de um suco de abacaxi. Com apenas 3 anos, ela já sabia que não podia comer nada e que passaria todas as vontades do mundo. O cheiro apetitoso do suco de fruta era tão bom que ela não aguentou. Caiu no chão desacordada. A minha mãe já sabia que era por isso. Levantou-a e lhe deu um pouco do suco. Ficou boa na mesma hora.

Mesmo com toda a política de racionamento, a minha mãe era exímia com relação à administração da casa. Porque é verdade que ela nunca atrasou nenhuma conta, nem de luz nem de água. A ordem era: primeiro as contas, depois a comida. Em primeiro lugar, porque precisava da luz para trabalhar com a máquina de tricô. Como ela sempre diz, nunca cortaram a luz nem a água lá em casa. Graças a ela.

A minha mãe era exímia com relação à administração da casa.

Mas também se virava com o que aparecia para melhorar um pouco a economia doméstica. Além das blusas de tricô, também vendia joias, que retirava em Florianópolis. Mas o forte da economia doméstica eram os trabalhos manuais lindos que ela fazia para vender na rua. No total, foram trinta e cinco anos fazendo tricô, desde que a Kátia era pequena.

Como ela não podia contar com o meu pai para nada, ela é que se responsabilizava.

Chegavam as contas, e ele nada.

As prestações, e nada.

Não havia dinheiro.

Quando havia, ou o meu pai não chegava, ou estava na farra.

Ela não podia depender dele. Graças a Deus que, nesse sentido, ela era independente.

Ela chegou a trabalhar tanto com movimentos repetidos que hoje tem o "pulso aberto"; não pode nem segurar muita coisa, muito menos carregar

peso. As agulhas de tricô ou crochê também ficaram para trás.

Quando não tinha dinheiro para comprar e revender, ela comprava e pedia para pagar depois. E tinha crédito. Com isso, foi fazendo sua freguesia e mantendo a casa. Apesar de toda essa luta, a minha mãe foi uma grande administradora dos recursos que tinha à sua disposição.

A minha mãe também nos mantinha sob um regime de organização doméstica exemplar. Em casa, tinha o dia de lavar a roupa, o dia da faxina e o de passar roupa. Sempre fomos muito limpos.

Quem imaginaria que um homem que chegava em casa depois de trabalhar o dia todo em uma oficina mecânica, cheio de graxa, se deitaria em um lençol branco impecável e ainda sem tomar banho! Só a minha mãe para aguentar isso tudo. Toalhas e lençóis brancos.

De manhã cedo, ela encontrava as marcas de graxa do lado dele na cama, e o lençol branco impecável voltava a entrar na fila da roupa a ser esfregada. E assim começava um novo dia, mesmo sem que ninguém mais tivesse dormido como deveria.

RUAS

O projeto RUAS sempre esteve no meu coração de alguma maneira, porque dormimos na rua muitas vezes, já que, como contei, a nossa casa não era segura. Além disso, o meu pai muitas vezes dormia na rua. Por causa do vício do álcool, constantemente ele ficava caído pelas ruas; por vezes algumas pessoas nos avisavam e íamos buscá-lo, mas não foram poucas as ocasiões em que ele ficava caído em algum lugar durante dias e aparecia somente depois de estar sóbrio.

O projeto RUAS atende prioritariamente pessoas adultas que vivem nas ruas, algumas oriundas de outros municípios do estado. O trabalho é semanal, e o acompanhamento a essas pessoas é fundamental para tentar garantir sua reinserção na sociedade, quando se trata de moradores de rua.

A primeira aproximação se dá por meio de uma avaliação que identifica o público e lhe oferece um lanche ou refeição, roupas e cobertores. O contato é individual, com o objetivo de identificar quais motivos levaram o morador de rua à situação em que está e para que possamos proporcionar sua reinserção na sociedade de modo digno.

É de conhecimento de muitos que uma pessoa passa a morar na rua em geral quando se dá uma espécie de rompimento familiar, que pode suceder por vários motivos, entre eles o alcoolismo, o uso de substâncias psicoativas, os conflitos familiares, o desemprego e a separação conjugal.

Os que têm problemas com substâncias que causam dependência e querem ajuda são encaminhados a centros de recuperação. Depois disso, auxiliamos os que são de outras cidades a voltarem para sua cidade de origem.

O projeto também oferece lanches para profissionais noturnos, ou que estão em trânsito no período da noite, como pessoas em espera nas rodoviárias ou acompanhantes nas salas de pronto-socorros. O objetivo não é apenas levar uma refeição, mas também uma palavra de encorajamento e otimismo, demonstrando solidariedade e empatia por

meio de um pequeno gesto.


6

Fora do time

Aquilo que para mim deveria ser uma atividade de euforia e uma oportunidade para me conectar com pessoas e me sentir aceito era, na verdade, uma das piores experiências da minha vida, que me causava mais decepção e rejeição.

Fui um menino isolado, sem muitas amizades, que nem se aproximava dos meninos que brincavam na rua. Eles, sim, sabiam se divertir. Na escola, como já contei, não era diferente. Aliás, era pior. Eu era o menino esquecido no banco da escola. Você se torna o que imagina ser. Essa situação fazia de mim um menino rejeitado e sem amigos no meu modo de pensar. Eu já sofria em casa. A escola, um lugar que poderia ser um refúgio, com distração, alegria e aceitação, na verdade era um lugar de exclusão.

Você se torna o que imagina ser.

Eu estudava na escola Dom Afonso Niehues, e meu cotidiano lá nunca foi fácil. Não porque tinha problemas, mas porque tinha medos.

Sempre fui um bom aluno, prestava atenção nas aulas, nos professores e, no geral, me esforçava bastante, mas o medo me paralisava. Como tinha medo dos meus colegas bagunceiros, eu preferia sentar na frente, mais especificamente na segunda fileira. Mesmo assim, eu me enclausurava em mim mesmo, não conseguia ao menos levantar as mãos para tirar as dúvidas que tinha. Nunca me manifestava e, quando era para fazer um trabalho em grupo, até me juntava às pessoas, mas ficava paralisado no meu mundo sem expressar nenhuma opinião.

Em casa, a situação não era muito diferente, como você já percebeu. Não havia um tempo de calmaria para fazer as tarefas ou revisar as atividades anotadas em sala de aula. Eu voltava para a escola no outro dia sem ter feito as tarefas, ou ia mais cedo para fazer na sala antes das aulas.

Pela minha dificuldade de interação e pelos traumas que me assolavam, eu não conseguia pedir ajuda às professoras. As professoras ou eram boas demais e acabavam me entendendo, ou eram rígidas demais, e eu acabava tendo medo delas também. Isso sem contar as diversas vezes que tinha de apresentar trabalho em classe, ou responder a uma prova oral. Essas

situações sempre me causavam aquela dor de barriga. Quando a professora falava em prova então, eu já ficava desesperado. Eu queria faltar todos os dias, mas a minha mãe me ensinava que eu tinha que ir às aulas, não podia ficar faltando sem motivo.

Diante de tudo isso, eu senti essa dor da rejeição por muitos anos. Uma dor profunda de nunca ser parte de nada, o que me fazia lembrar constantemente que eu era o filho do cachaceiro. Muitas vezes, a dor pode se enraizar em nosso coração criando um buraco sem medida, nos enfraquecendo e nos fazendo acreditar nas vozes da escassez, orfandade e desesperança.

Pesquisas realizadas nos Estados Unidos demonstraram que a dor causada pela rejeição é igual à dor física. Exames neurológicos mostraram que a experiência da rejeição ativa no cérebro as mesmas áreas que são ativadas durante a dor física.[1] Isso explica por que o fato de sentir-se rejeitado dói tanto e é tão difícil de lidar.

Mal eu sabia que aquela dor insuportável na barriga estava também ligada ao sentimento de rejeição que eu tinha. Ao sermos rejeitados, experimentamos muitas emoções intensas: ansiedade, medo, raiva, tristeza, decepção, frustração etc. Todas essas emoções alteram o humor e comprometem o comportamento, fazendo que nos isolemos, evitemos relacionamentos, tenhamos dificuldades de nos expressar e nos sintamos inseguros para enfrentar desafios. Essa era minha realidade. Quantas são as dores físicas pelas quais você e tantos ao seu redor também passaram, e ainda passam, em razão de alguma forma de rejeição?

Eu nunca era escolhido para fazer parte do time.

A professora de educação física até tentava me inserir, mas, como ela era muito gentil, acabava por compreender meu medo e me deixava de lado também. Já os meus colegas, esses não me escolhiam mesmo. Eu ficava lá no canto somente assistindo a eles brincarem, parado, por medo de se relacionar. Isso gerava em mim uma sensação de desespero. A coisa que eu mais temia era que, depois da rejeição, alguém me visse.

O meu medo era pensar que alguém estava olhando para mim, ou que

poderia falar mal de mim, que tentaria me bater, ou que faria chacota de mim. Em qualquer lugar que eu chegava, não queria ser percebido para não chamar a atenção nem para falarem algo a meu respeito. Esse era meu maior medo.

Então, quando eu ficava escondido, repetia em pensamento: "Tomara que ninguém esteja me vendo. Que todos fiquem olhando para a bola". Essa atitude servia como um refrigério para mim. Em alguns momentos, até tentei jogar e vencer esse medo, mas, como nunca era escolhido, isso me frustrava ainda mais.

Às vezes, eles me diziam: "Junior, espere aí, quando chegar mais alguém, você entra". Outras vezes, eles escolhiam todos e simplesmente me ignoravam, ou ainda me mandavam sair porque o time já estava fechado. Isso me doía muito.

Eu era uma criança tão rejeitada que nem correr eu sabia, pois não tinha oportunidade de fazer sequer uma brincadeira que fosse de correr. Bem de vez em quando, muito raramente, eu participava de alguns exercícios de polichinelo, mas é possível contar nos dedos quantas vezes participei a cada ano.

Meu desejo era ser aceito pelas pessoas, era receber olhares diferentes. Tudo que eu queria era alguém que pudesse estender as mãos e dizer: "Eu estou com você. Aqui você é importante".

Houve muitos momentos em que questionei por que nasci! Fui intimidado, nunca escolhido para praticar esportes e passava por uma tensão constante em casa. Eu me afastava do meu potencial. Na verdade, nem mesmo sabia que existia potencial em mim. Por muitos momentos, eu acreditava que aquele era o meu limite. Eu achava que aquilo era a minha vida, e que assim sempre seria. Havia um limitador me paralisando. Por muito tempo, eu não conseguia enxergar quanto eu poderia ser melhor ao eliminar esse limitador. Por demasiado tempo, minhas circunstâncias eram minha realidade; esses limitadores definiam quem eu era: um menino rejeitado e isolado.

O medo da rejeição sempre foi grande em mim. Eu sempre tive medo das pessoas e do que poderiam pensar a meu respeito. O fato de estar fora do time para mim era mais um momento de rejeição. A quem eu

podia recorrer? À família? Com certeza não! O que eu tinha como refúgio era o colo da minha mãe. Para mim, o colo dela era o lugar seguro. Aquele era o lugar de aceitação e proteção.

Em muitos momentos, também fui privado desse colo. Imagine como se desenvolveria um menino que era rejeitado em casa pelo pai, rejeitado na escola pelos amigos e rejeitado na rua pelas pessoas. Como eu poderia me desenvolver?

A palavra "rejeição" significa "ser descartado, ser desprezado, não ter nenhum valor". Ser rejeitado é crer no que as pessoas pensam e falam em relação a você: "Eu nunca quis você"; "Não quero saber de você"; "Você não tem valor"; "Você não é o que eu esperava"; "Você não presta"; "Tudo que você faz é errado"; "Você nunca acerta" etc.

Por muitas vezes, essas sementes são plantadas tão profundamente que elas se desenvolvem até formar raízes. E as raízes se multiplicam e dão forças à planta, que pode virar uma árvore imensa.

Eu precisava vencer esse medo que já estava me consumindo. Todavia, não sabia como. Quanto mais o tempo passava, mais rejeitado e excluído eu era. Eu não sabia como sair daquela situação, por isso tinha o desejo de me enfiar em um buraco.

Não podemos escolher o nosso passado, mas podemos decidir onde queremos permanecer em nosso presente, transformando, assim, todo o nosso futuro.

Quanto mais o tempo passava e quanto mais eu tentava me relacionar, mais os meus sentimentos de rejeição, vergonha, desprezo ou medo se desenvolviam.

Havia um caminho de vitória que eu ainda não conhecia. Hoje eu entendo que não podemos escolher o nosso passado, mas podemos decidir onde queremos permanecer em nosso presente, transformando, assim, todo o nosso futuro.

Há um caminho de vitória, proteção e refúgio para você também. Mesmo em meio às rejeições que você possa viver, há uma vida de aceitação. Você é filho, herdeiro, príncipe/princesa. Você é muito especial!

Sempre vi os esportes com essa proposta de inclusão e de aproximação social que implica muitas vezes uma vida saudável física e

emocionalmente. Toda criança e todo adolescente merecem ter acesso a esse tipo de proposta.

Por tudo isso, hoje há uma vontade muito forte em meu coração de fazer que adolescentes e jovens se sintam inseridos e aceitos. Minha vontade é que nenhum adolescente e nenhum jovem de Itajaí se sintam excluídos por aquilo que pode ser uma ferramenta de transformação de vidas. Os nossos projetos dessa área dão oportunidades para todos, porque o intuito é incluir e dar a oportunidade de se sentirem aceitos. Eu nunca era escolhido na aula de educação física para nenhum time, porque não sabia jogar e porque ninguém queria ter o trabalho de me ensinar, ainda que se espere algo bem diferente numa aula que deveria se propor a fazer exatamente isso. Eles só queriam competir.

Ao olharmos ao nosso redor, principalmente nos ambientes em que prevalecem os adolescentes e jovens, é bastante comum observarmos que o clima competitivo costuma superar a cooperação entre as pessoas. É possível que até mesmo você, tenha sido do "eterno banco de reservas" e compreenda quanto isso é dolorido.

Sempre haverá pessoas que irão desprezar a sua aparência, o que você faz, aquilo em que acredita ou diz. Essas pessoas não podem controlar as suas emoções, a menos que você permita. A desaprovação ou rejeição delas não pode paralisar você.

Hoje em dia, a coisa é diferente. Aprendi a incluir pessoas no meu time. Primeiro, eu tive de incluir a mim mesmo. Joguei fora minha mentalidade limitante. Hoje nada mais me paralisa. Claro que não tenho um time de futebol, mas faço parte de um time muito maior e mais relevante. Não sou mais paralisado pelas crenças limitantes. Hoje posso muito mais, posso ir mais longe e conquistar muito mais, pois os meus sonhos são ilimitados.

De menino fechado para si mesmo e para o mundo, eu me tornei um líder que ama e investe em inclusão social por meio do esporte. Além disso, entendo que os esportes podem ajudar muitas crianças e adolescentes como eu fui, cujo potencial muitas vezes é como uma pedra preciosa em estado bruto ou está escondido e precisa ser aproveitado. Muitos líderes bons podem surgir desses projetos, muitas pessoas de bem se reencontram. Filhos não amados passam a se conhecer e a se valorizar,

preparando-se para dar amor a outros.

Os projetos sociais na área esportiva nasceram com a finalidade maior do desenvolvimento humano, educacional, cultural e psicológico, pelo qual se valoriza a integração social e esportiva, visando a ajudar crianças, jovens e adultos a encontrar equilíbrio, autocontrole e respeito. Por meio dos esportes, procuramos criar formas para que os jovens, as crianças e os adultos saiam da ociosidade e se afastem da criminalidade, dos vícios e da violência.

Suas circunstâncias não definem você.

Já curado, eu criei possibilidades, por intermédio dos esportes, para que outras crianças e jovens sejam inseridos, pois temos visão de potencializar aquilo que já está no coração deles. Como entendemos que suas circunstâncias não definem você, damos a oportunidade de, por intermédio dos esportes, cada pessoa descubra o potencial que há em seu coração.

Os esportes são uma ferramenta poderosa para impulsionar, emponderar e transformar a geração que está cada vez mais órfã, excluída e rejeitada.

Eis alguns projetos que temos na Igreja Reviver e por meio da nossa associação.

---

[1] Fonte: <https://www.psicologoeterapia.com.br>.

Moviments

O ministério de esportes começou em setembro de 2011 com o intuito de ganhar todas as pessoas para Jesus por meio de ações e atividades que busquem melhorar a qualidade de vida e saúde das pessoas, tanto na área física quanto na área mental e espiritual.

Quando tive o desejo de implantar o projeto de esportes, enfrentamos muitas dificuldades e críticas. "Como pode uma igreja, lugar de pregar a Palavra, incentivar a luta?" Contudo, quando foi possível demonstrar que o jiu-jítsu, além de ser uma arte leve, ajudava as pessoas a terem sua vida transformada das drogas para a restauração, da impulsão para o controle emocional e da vida escravizadora para a salvação em Jesus, vimos que estávamos no caminho certo. Sabemos que o desejo de Jesus é ver vidas transformadas e estávamos proporcionando isso. Então, entre as críticas e as pessoas que estavam se conectando a Jesus, decidimos ficar com os esportes.

Nosso projeto de esporte tem como missão não só mostrar que é necessário cuidar do corpo e da saúde das pessoas, mas levarmos de maneira estratégica a evangelização de transformação da realidade das pessoas. Os esportes são vistos como uma prática inclusiva e evangelizadora, pois têm a visão de fazer as pessoas descobrirem seu propósito de vida.

Temos os esportes estrategicamente como um multiplicador de anzóis. Entendemos que Deus nos chamou para sermos pescadores de homens. Esse braço da igreja tem proporcionado uma facilidade maior de aceitação do evangelho e do cuidado com o corpo de maneira saudável. Algumas vezes, a pessoa pode não se sentir tão à vontade indo à igreja pela primeira vez. Para ela é tudo muito novo. Mas se vai a um evento esportivo, um treino, algo mais interativo junto com um amigo, o clima fica mais leve, e a pessoa se sente confortável naquele ambiente até que consigamos conectá-la à igreja.

Ensinamos, em nossos treinos e esportes, princípios bíblicos que são aplicáveis ao dia a dia dos participantes. Acreditamos que todo ser

humano deve buscar experimentar um relacionamento com Deus, por isso sempre temos um momento de refletir sobre isso por meio de uma palavra, oração e leitura de um versículo bíblico.

No Moviments todos se sentem incluídos, se sentem parte. Não há discriminação, inferiorização ou qualquer outro sentimento de exclusão. Muito pelo contrário, é um ambiente de inclusão e aceitação. Não olhamos para o nível de conhecimento de cada um, mas para a vontade de aprender e integrar. É uma alegria muito grande ver as pessoas que começam a participar de alguma modalidade de esporte em nosso projeto se integrar depois à igreja. Nós até temos a estratégia de, por exemplo, uma pessoa que aceita Jesus no jiu-jítsu poder ser batizado com o quimono, mostrando que ela foi ganha por meio do esporte e que ela é aceita no Reino de Deus.

Cada vez mais, entendemos que os esportes são algo que aproxima as pessoas, eles se tornam uma chave para levar a salvação em Jesus. Nessa missão, cada pessoa resgatada do mundo é uma conquista ímpar.

Jiu-Jítsu

Como o jiu-jítsu é um esporte que tem se destacado bastante entre os jovens e os adultos, desenvolvemos esse projeto oferecendo aulas gratuitas três vezes por semana. A intenção é mostrar por meio da arte marcial a capacidade da criança e do adulto de se opor ao adversário, combatendo as adversidades com determinação. Transmite-se uma lição importante para a vida, na qual valorizamos o fortalecimento da força interior, que muitas vezes é subjugada pelo agressor, pelas drogas e por influências contrárias no meio em que vivem. Quando o aluno desenvolve autocontrole, equilíbrio emocional e psicológico a toda força contrária, passa a ver a si mesmo de outra forma e, assim, está mais preparado para lidar com o mundo que o cerca.



Aluno

PEDRO

A esposa do professor do projeto trabalha como professora do ensino fundamental na rede municipal de ensino da cidade de Itajaí. Um de seus alunos apresentava dificuldades na sala de aula com *déficit* de atenção. Ao chamar os pais na escola para uma conversa, ela sugeriu que o casal levasse o filho ao projeto de jiu-jítsu e justificou que seria muito bom para o aluno, uma vez que o esporte focaria questões como disciplina e concentração.

Os pais aceitaram o convite e levaram o filho para participar do projeto. A partir daquele momento, foram notórias algumas mudanças. O aluno começou a desenvolver gosto pelo projeto e a se envolver com outros meninos. Aquilo foi realmente impactante em sua vida, pois as mesmas disciplina e concentração nos golpes que ele deveria ter na prática do esporte eram exigidas também na escola com relação às atividades educativas.

Pedro passou a tirar notas boas e começou a se destacar nas aulas porque tinha conseguido dominar o que por muito tempo o tinha dominado: a falta de atenção. Começou a se esforçar, a pedir ajuda, a contar com os professores e a vir à igreja por causa do projeto.

Hoje ele é um dos melhores alunos na sala de aula, porque o esporte o ajudou a desenvolver foco e disciplina. Pedro viu sua história completamente mudada, assim como a de sua família, pois ele ganhou a confiança dos pais, que o ajudam em seu treinamento e em sua vida escolar com mais afinco. Hoje o índice de *déficit* de atenção do Pedro é baixíssimo, e toda a sua família está na igreja.



Aluno/professor

RICARDO

Eu sou Ricardo Moreno Borges, de 38 anos, casado com a Débora e pai do Daniel. Sou de Itajaí, SC.

Minha história de transformação começou em 2013, quando eu conheci o jiu-jítsu. Eu era um jovem totalmente destruído pelas drogas. Estava viciado em cocaína e já tinha passado por três internações por causa do *crack,* todas sem êxito.

A minha adolescência não foi muito fácil. Apesar de ser um menino bom, eu era um pouco rebelde. As minhas atitudes acabaram me levando a usar drogas e a buscar uma falsa sensação de liberdade.

Eu tinha um sério problema de relacionamento com o meu pai. Apesar de hoje entender, naquela época eu não aceitava as atitudes dele. A falta de contato com ele acabou me aproximando ainda mais do vício. Como o meu avô estava muito doente, a minha mãe, mesmo casada, decidiu ir morar por um tempo com a minha avó para cuidar dele. Eu, meio que sem responsáveis, acabei extravasando na rua.

Como eu não tinha muito limite, acabei experimentando a maconha. Eu não aceitava quando o meu pai tentava impor certas coisas, o que gerou algumas desavenças entre nós. Quando completei 18 anos, comecei a me envolver muito com outros tipos de drogas.

Comecei a beber, a usar vários tipos de drogas, até conhecer o *crack* com 22

anos. Fiquei cinco anos dependente do *crack,* até que me internei em uma clínica pela primeira vez. Na primeira tentativa, fiquei internado por seis meses, e ali me apresentaram Jesus. Mas eu não tinha me entregado completamente ao Senhor. Fiquei um tempo limpo. Consegui um emprego. Todavia, isso não durou muito. Tive uma recaída.

Na segunda internação, fiquei oito meses internado. Na verdade, minha intenção era só passar "férias" lá. Meu tempo limpo pós-internação foi de um ano. Depois desse tempo, eu afundei de vez. Morei um ano em um prostíbulo, porque meus pais não me aceitavam mais em casa. Trocaram todas as fechaduras e cadeados da casa porque eu já tinha extrapolado todos os limites. Eu já estava jogado às traças mesmo. A própria pessoa lá do prostíbulo onde eu morava me disse: "Cara, você está precisando de ajuda urgente, porque ou você vai ser preso, ou vai morrer".

Em um lapso de lucidez, eu conversei com um primo, e ele me indicou outra pessoa que poderia me ajudar. Internei-me pela terceira vez. Passei nove meses lá. Fiquei tão bem que assim que saí já tinha conseguido emprego. Fiquei quase dois anos bem, mas novamente caí na cocaína.

E em março de 2013, já em total desespero tanto meu quanto da minha família — porque nessa recaída eu estava pior que quando caí no *crack* —, quando não tinha mais saída, conheci o professor de jiu-jítsu Takada. Ele dava aulas no projeto que o pastor Junior tinha iniciado na igreja. Como era amigo de infância da minha mãe, ele se propôs a ajudar apresentando o projeto para mim.

O esporte era uma coisa de que eu gostava muito. Eu sabia que ali poderia ser um escape para mim. Então, um dia, fui lá para ver como era. Quando cheguei, fui muito bem recebido em um galpão que tinha um tatame no meio e várias pessoas fazendo aula. O professor veio falar comigo e me convidou para fazer parte do projeto. As pessoas me abraçaram e me integraram naquela aula. Eu gostei demais e decidi voltar no próximo treino.

Havia um mistério no final que me fisgou de verdade. Todo fim de treino, eles se reuniam no centro do tatame e liam um versículo bíblico e faziam uma oração bem rápida. Aquela palavra parece que tinha sido preparada para mim, pois aquele curto tempo resumiu toda a minha vida. Fui para casa, e aquilo ficou queimando dentro de mim. Contei para minha mãe o que havia acontecido, e dali para a frente, apesar da batalha contra as drogas, eu me esforçava para ir ao treino toda semana.

Continuei indo às aulas, mesmo usando drogas. Sempre que ia, tinha no fim essa palavra que me impactava muito. Por muitas vezes, quando ia

Fora do time 131 colocar o quimono, eu chorava porque não queria aquela vida de drogas. As palavras vinham ao meu coração, e as orações me traziam paz naqueles fins de treinos.

Comecei a clamar a Deus que não queria mais aquela vida de drogas, e as coisas foram acontecendo. Eu sentia muito forte o amor de Deus e das pessoas naquele lugar. O carinho e o amor das pessoas foram tomando conta da minha vida, e comecei a frequentar a igreja.

Eu ia aos cultos, aos encontros de jovens e a todas as programações. Então, as coisas começaram a mudar. Fui recebendo o discipulado, e a minha família começou a vir. Eu ia mais cedo para os cultos e treinos, e chorava para o pastor Junior, dizendo que estava sendo difícil. Ele orava por mim, conversava e me fazia entender minha orfandade e a oportunidade de transformação que estava recebendo. Isso me acalmava e trazia paz. As palavras dele eram tão direcionadas

para mim que parecia que ele estava arrancando com as mãos as frustrações e orfandade existentes em meu coração.

Fui vencendo um dia de cada vez, até que, já limpo das drogas e batizado na igreja, me tornei líder no projeto. Comecei a dar aula para as crianças, e o projeto tomou uma proporção muito grande. Participei de campeonatos e fui campeão em muitos municipais, estaduais e nacionais. Fui duas vezes 3° lugar no mundial da minha categoria e cheguei à faixa preta.

Casei com uma moça daqui da igreja. Tenho um filho. E tenho uma relação com meu pai que eu nunca tive antes.

Depois que o pastor Junior começou a me ensinar sobre essa paternidade espiritual, eu consegui pedir perdão aos meus pais e restaurar meu relacionamento com eles. Hoje eu posso dizer que amo o meu pai. Eu consegui amar o meu pai da mesma forma que eu amo a Deus.

Quem vê hoje o relacionamento que tenho com o meu pai, não acredita no que eu fui capaz de fazer com ele. Tudo graças ao meu amor por Deus Pai e ao pastor Junior, que me fez entender esse relacionamento de filho. Hoje eu beijo e abraço o meu pai. Ele me beija e me abraça. Saímos juntos e temos uma amizade tão grande que ninguém acredita.

Sempre tive convites para ir à igreja. Tanto que conheci Jesus em uma das minhas internações, mas nunca tive vontade de ir a um culto. Quando conheci o projeto, pensei: "Meu Deus! Como pode uma igreja fazer isso?".

Hoje sou muito grato ao pastor Junior. Mesmo com críticas e desafios, ele não desistiu em nenhum momento do projeto de esportes. Assim como eu, existem várias pessoas que podem contar quanto Deus transformou suas vidas por meio desse projeto. Sou muito grato a Deus por colocar no coração do pastor Junior o sonho de criar um projeto que não fosse somente uma ferramenta de aula para as pessoas, mas também um anzol para mudar realidades.

Surf

A cidade de Itajaí tem praias belíssimas, além de ser um local de lazer das famílias da região, motivos pelos quais nasceu o desejo de iniciar um projeto de *surf*. Todos os sábados à tarde, crianças, adolescentes, jovens e adultos recebem aulas gratuitas de *surf* na praia do Atalaia.

Usamos esse esporte como ferramenta de atração catalisadora, visando a inclusão social.

Skate

O Projeto Skate tem a missão de ensinar crianças, adolescentes, jovens e adultos a andar de *skate* de forma segura, divertida e responsável.

As aulas acontecem duas vezes por semana e são gratuitas. O projeto visa a fomentar a interação entre colegas, a convivência em harmonia, a

responsabilidade com os materiais, além de trabalhar equilíbrio, concentração e a proatividade.

Balé e *hip-hop*

As aulas de dança, entre elas o balé e o *hip-hop*, nasceram com o desejo de ter mais um projeto para beneficiar crianças, adolescentes, jovens e adultos da cidade. Não apenas pela atividade em si, mas também por promover a disciplina e a persistência, bem como resgatar a cidadania, recuperando a autoestima das crianças e dando a elas alguma perspectiva de vida.

Não buscamos formar bailarinos profissionais, mas, sim, superar os limites aos quais estavam submetidas muitas pessoas. A ideia é fazer que conheçam seus direitos à cidadania, à vida, à educação, ao desenvolvimento e à felicidade, ao mesmo tempo que lhes são oferecidas as condições objetivas de visualizar um novo mundo por meio da dança.

Bike

O nosso projeto de ciclismo tem ajudado muitas pessoas a descobrirem seu potencial e um novo estilo de vida.

Um dos nossos principais focos é fortalecer vínculos de amizade e oferecer àqueles que participam uma experiência de vida com Cristo. O grupo da Reviver tem crescido e conquistado muitos ciclistas.

A prática ciclismo é semanal, e o grupo sempre vai para lugares de trilhas como cachoeiras, montanhas com vistas bonitas e outros lugares turísticos.

O projeto Bike busca atrair essa parcela representativa da população que pedala por *hobby* ou que usa a bicicleta como meio de transporte no dia a dia. Queremos que o nosso projeto alcance ainda mais pessoas, impacte vidas e comunidades.

Atletismo

O nosso projeto de atletismo tem como objetivo conscientizar as pessoas sobre a importância do exercício físico como forma de manter uma vida

saudável e combater obesidade, diabetes, depressão e outras doenças relacionadas ao sedentarismo.

Desejamos beneficiar a comunidade, incentivando melhores hábitos e novo estilo de vida.

Além disso, temos a intenção de estimular o desenvolvimento de laços de amizade entre os participantes. Buscamos também revelar à comunidade o amor de Cristo por meio da prática de exercícios.


7

Encontrei uma família

Minha vida sempre foi marcada por muitos traumas físicos e emocionais. No período da adolescência, cheguei a ter alguns namoros, mas só fui de fato superar meus traumas e medos de me relacionar com pessoas depois de já ter completado 17 anos.

Conforme o tempo passava, eu pensava que estava cada vez mais longe o dia de poder construir uma família de verdade. A minha realidade me fazia crer que seria algo muito difícil. Eu pensava em como poderia amar e constituir uma família se eu não tinha recebido esse amor e exemplo familiar por parte do meu pai. Até entender que ninguém dá aquilo que não tem, eu sempre tinha meus sonhos paralisados por me sentir impotente para amar alguém. Eu não tinha um modelo dentro de casa no qual pudesse me espelhar. Por muitas vezes, pensei que não conseguiria demonstrar amor por um filho, porque eu não o tinha recebido do meu pai. Eu não conseguia dar amor, carinho, atenção, afeto e dedicação porque não tinha recebido isso.

Ninguém dá aquilo que não tem.

Um dia, porém, conheci alguém que preencheu o meu coração. Lembro-me de que eu estava em uma celebração da igreja na virada de ano 1999-2000. Eu estava sentado no banco diante de uma igreja com muitas pessoas. Por um momento, fomos todos à frente para receber oração.

À meia-noite, orei por direção dos céus.
Depois da oração, abri os olhos.
Diante de mim, eu a vi.
Ela virou e me olhou.
Algo aconteceu.
Nossos corações se conectaram.

Como isso nos marcou! Depois desse dia, parecia que tinha sido instalado um ímã em nós. Se eu estava no centro da cidade, ou em um banco pagando uma conta, virava e lá estava ela também fazendo alguma

coisa. Mesmo não marcando nada, sempre nos esbarrávamos em algum lugar. Ainda assim, nós nunca tínhamos nos falado, não trocamos uma palavra sequer.

A situação mudou no dia em que tive uma conversa com o meu cunhado Geovane e minha irmã Michele. Eles me aconselharam a não procurar simplesmente por uma namorada, mas, sim, uma esposa e futura mãe dos meus filhos. Foi nesse dia que descobri que devemos procurar conhecer em detalhes a vontade de Deus Pai.

No dia 20 de janeiro, começamos a namorar e a projetar o nosso futuro juntos. Em dezembro do ano seguinte, noivamos e marcamos a data do nosso casamento para novembro de 2002.

Não tínhamos condições financeiras para isso, porque na época eu trabalhava como entregador de autopeças e fazia faculdade de economia. A minha mãe me ajudava a pagar a mensalidade. A Michelle era estudante de pedagogia e dava aula em um jardim de infância. Os meus sogros e a minha mãe acharam uma verdadeira loucura da nossa parte tomar uma decisão como essa, mas o amor que nos unia e o desejo de construirmos a nossa família nos fizeram mais ousados em dar esse passo.

Num dia normal de trabalho, enquanto entregava peças em uma grande concessionária da cidade, aproveitei a oportunidade e fui ao RH da empresa. Disse ao gerente que eu tinha o desejo de trabalhar naquela concessionária, e ele pediu que eu levasse o meu currículo e esperasse por uma oportunidade. Voltei no mesmo dia com o currículo em mãos e lhe disse que precisava daquele emprego porque queria construir uma família, o que significava que teria que ter determinadas condições financeiras para manter uma casa.

Fui contratado no mesmo dia e passei a ter um salário cinco vezes maior do que tinha. Ao mesmo tempo, a Michelle decidiu trancar a faculdade de pedagogia e iniciou o curso de administração. Assim que começou a distribuir currículos, foi chamada para trabalhar em um banco da cidade, passando a receber três vezes mais do que antes.

Os meus sogros deram uma casa deles para nós, e começamos a construir a garagem e a comprar alguns móveis. Foi assim que iniciamos o nosso sonho de ser uma família. Adquirimos um carro e uma moto. E, na

data marcada, 9 de novembro de 2002, nos casamos. Logo no início do nosso namoro, a Michelle me disse que não podia ter filhos, por causa de um acidente que tivera. Mas, quando estávamos casados por tão somente oito meses, descobrimos que ela estava grávida.

Fiquei radiante de alegria! Desde o início, quis participar de tudo que era possível. Até enjoos e vontades eu também sentia. Fizemos juntos o curso de gestante e fiz questão de pintar o quarto do meu filho e escolher cada detalhe da decoração.

No dia 27 de fevereiro de 2004, nasceu o João Pedro. Junto com ele nasceu a oportunidade de me tornar pai, e ser o pai que eu desejava ter tido. Troquei a primeira fralda, dei o primeiro banho, auxiliava nas horas das mamadas, fazia o João Pedro dormir no meu peito. Quando ele tinha 6 meses, estávamos muito felizes, pois havíamos comprado uma casa maior e estávamos projetando a mudança.

Sem esperar, porém, quando o João ainda mamava no peito, a Michelle teve uma forte hemorragia pelo nariz e pela boca. Ela foi internada às pressas, e os médicos precisavam avaliar sua real situação.

Lá estava eu, com a minha esposa hospitalizada e o meu filho nos braços. Foram dias terríveis e de muita angústia, porque eu tinha medo de os meus sonhos serem frustrados. Fiz sozinho a mudança para a nossa casa e me desdobrei nos cuidados com a Michelle e com o João Pedro. Ela teve alta para continuar o tratamento em casa, e seria muito arriscado engravidar novamente.

Desde que o João era bem pequeno, eu sempre lhe dizia quanto o amava. Eu sabia muito bem a importância de cada uma dessas palavras. Ele foi crescendo e sempre escutou quanto era importante para mim.

— Filho, você sabia?

— O que, pai?

— Que o pai te ama?

Essa pergunta era tão constante que, depois de certo tempo, ele mesmo já respondia, sem a necessidade de perguntar a que eu me referia. Eu desejava que ele crescesse tendo a certeza do meu amor por ele.

Quando tinha 5 anos, João Pedro começou a pedir muito por um irmão.

Contra todos os diagnósticos, nasceu a nossa princesa, Isabella, em outubro de 2009. Ela também ganhou toda a minha atenção quando nasceu e a amo tanto quanto o João Pedro.

Eu digo todos os dias que a amo. Sempre vou amar os meus filhos, porque entendi que só podemos dar o que temos. Hoje posso dizer que tenho um amor de pai que é maior do que tudo que já passei. Tenho o amor do Pai verdadeiro que nunca me decepciona, que nunca me abandona, nem sequer pensa em me maltratar, e com os meus filhos não posso ser diferente.

Compreendo como é a paternidade de Deus para comigo e tenho como objetivo transferir essa paternidade e esse amor de pai para os meus filhos. Desse modo, eles verão que existe um amor verdadeiro, livre de agressões e de abandono, um amor que não passa com o tempo, mas que aumenta a cada dia. Graças a Deus que nos dá seu amor, pois por meio dele podemos ser curados e curar gerações.

Existe um amor verdadeiro, livre de agressões e de abandono, um amor que não passa com o tempo, mas que aumenta a cada dia.

Sinto uma profunda alegria por saber que os meus filhos nunca vão passar pelo que eu passei, e os filhos deles serão ainda mais amados, pois o amor que eu lhes dou será aperfeiçoado pelo amor que eles darão a seus próprios filhos, até que nos aproximemos do amor perfeito do Pai celestial. H*oje posso dizer de verdade que encontrei um* Pai!

Quando uma pessoa descobre a própria identidade, como eu, começa a viver além de suas circunstâncias. Na verdade, tudo parte da identidade, não das circunstâncias. Eu comecei a ver que havia algo de bom em mim porque, até o início da juventude, só me condenava. Eu olhava para mim e não via nada de bom, porque tinha vergonha de quem eu era.

Mas, enfim, comecei a sonhar, e Deus começou a me dar oportunidades. O primeiro sonho que eu tive foi o de me tornar um homem cheio de amor, que pudesse encontrar uma mulher e construir uma família.

Eu desejava ter filhos e dizer a eles todos os dias quanto os amava. A partir do momento em que comecei a sonhar, também comecei a viver de

forma diferente.

Para minha surpresa, um ano e meio depois Comecei a sonhar, e de eu conhecer Jesus e o amor de Deus, o meu pai faleceu sem que eu pelo menos tivesse conseguido fazer algo para tirá-lo do vício do fumo e do álcool.

Comecei a sonhar, e Deus começou a me dar oportunidades.

Em oração, eu dizia: "Deus, eu não pude fazer muito pelo meu pai, mas quero fazer pelos pais de outras famílias". Comecei a sonhar em ter uma família equilibrada e sã, a trabalhar com pessoas dependentes de substâncias psicoativas; comecei a sonhar em ter um abrigo para crianças porque eu era órfão de pai vivo.

Todos esses sonhos surgiram na minha juventude. Mas eu pensava: "Junior, você ainda tem alguns traumas, mas está progredindo". E Deus foi me curando. Entre 17 e 18 anos, eu comecei a me relacionar com uma pessoa, e não deu certo. Logo depois, entrei em outro namoro, e também não deu certo. E aí voltaram os pensamentos de rejeição e impossibilidade: "Você não vai conseguir construir uma família!"; "Você não vai conseguir! Você não vai ser feliz!".

No entanto, eu me lembrava das promessas de Deus para mim, e uma das histórias que eu gravei e que fizeram parte da minha vida foi a história de José. Aquele jovem tinha tido muitos sonhos, mas, em determinado momento da vida, estava no fundo do poço. Depois, foi vendido aos mercadores ismaelitas pelos próprios irmãos e, em seguida, foi levado ao Egito, para a casa de Potifar. Logo depois, foi parar na prisão.

José, porém, continuou sendo um jovem sonhador que tinha Deus como Pai. Ele não ficou paralisado com as circunstâncias, porque sabia que tudo aquilo era um processo pelo qual ele estava passando, não seu destino final. Ele conhecia sua própria identidade. Ele sabia quem era em Deus e que era seu filho. Quando os meus sonhos esbarraram nas dificuldades e nas descrenças para se tornar realidade, eu sempre me lembrava da história de José.

Humanamente, sou a pessoa mais improvável para contar toda esta história, mas Deus me curou e me transformou. Ele mudou a minha vida por

Quando nos

completo e tenho conseguido cumprir os sonhos que pedi a Deus. Quando olho para mim hoje, só vejo o poder de Deus e tudo o que ele é capaz de fazer em quem realmente confia nele. Quando nos entregamos a Deus sem reserva, ele não tem limite para nos abençoar. Então, todas as coisas se tornam possíveis. Todas!

entregamos a Deus sem reserva, ele não tem limite para nos abençoar.

Mas como tudo isso aconteceu? Vou contar com mais detalhes!

Depois de terminar pela segunda vez um namoro e quando eu pensava que não conseguiria formar uma família, nem ter filhos, chorei tanto, como se algo tivesse sido arrancado de mim. O Geovane e a minha irmã Michele eram meus líderes de jovens na igreja, e fui conversar com eles para pedir conselhos.

— Junior, enquanto você namorar por namorar, você vai se frustrar. Quando você fizer um voto a Deus, ele vai enviar a mulher da sua vida. Você não precisa sair da igreja nem ficar procurando por aí. Ela vai vir aqui onde você está.

Depois disso, eu fiz um voto com Deus durante sete meses. Nesse período, não encontrei ninguém. Nem sombra. Mas, naquela virada do ano, eu estava orando e disse a Deus:

— Deus, por favor, me dê neste ano a mulher da minha vida.

Quando eu abri os olhos, ali estava a Michelle de frente para mim. Oração respondida! Eu senti que Deus me dizia:

— Essa será a sua esposa e mãe dos seus filhos.

Mais uma vez, eu estava sendo direcionado por Deus.

Você também deve ser corajoso em orar a Deus, contando a ele seus sonhos mais íntimos e suas angústias mais fortes. Ele está disponível. Ele responde!

Em quinze dias, eu já estava apaixonado, a ponto de não aguentar esperar. Mas havia aquele "pequeno detalhe" de nunca nos havermos falado.

Numa terça-feira, às 23 horas, fui à casa do Geovane e contei a minha história:

— Lembra que eu estava orando por uma namorada? Pois é... Tem quinze dias que eu a vi e estou apaixonado...

— Nós vamos ligar para ela agora mesmo!

Eram mais de 23 horas!

Em seguida, o Geovane pediu para que eu ligasse para a casa dela. Depois daquela confirmação em oração, não me faltava coragem, apesar da timidez! Eu me senti como um guerreiro que sai em batalha para conquistar a mulher amada. Mas quem atendeu foi o pai dela, com uma voz tão grossa que dava até medo... Como valente guerreiro, pedi para chamar a Michelle. Ela veio e atendeu o telefone, e eu disse mais ou menos assim:

— Não me leve a mal... Acho que tu não me *conhece*, mas eu sou o Junior. Não quero que tu *pense* que eu sou apenas um rapaz que *tá* querendo te dizer algo atraente, mas eu tenho um propósito, algo que eu sinto de Deus... Já faz quinze dias que eu estou apaixonado por você.

Ela ficou muda. E a minha perna direita tremia tanto que não parava no chão. Alguns segundos depois, ela continuava muda do outro lado. Eu a chamei três vezes:

— Estás aí?

— Oi.

— Estás aí?

— Estou.

— É que você ficou em silêncio...

— Não! É por outro motivo.

— O que é então?

— Agora não posso falar...

O pai dela estava por perto. Após ficar em silêncio, ela finalmente contou o motivo:

— Eu procurei seu telefone para ligar, porque também queria falar com você sobre esse assunto — disse ela. — Tem quinze dias que eu também estou apaixonada por ti.

Combinamos de nos ver dois dias depois. Eu fui de moto até a casa

dela. Estava tão nervoso que deixei a moto cair bem na frente da casa. A mãe dela teve que me ajudar a levantar a moto e ainda me disse que eu me acalmasse. Eu entrei e disse tudo o que sentia. Foi quando fiquei sabendo que a Michelle também estava fazendo um voto havia trinta dias, durante os quais só chorava e não comia. Segundo ela, também estava apaixonada por mim. Logo em seguida, começamos a namorar.

Embora a minha irmã já me tivesse dito que havia uma moça nova na igreja, eu nunca a tinha visto. Por outro lado, a Michelle já tinha me visto e, segundo ela, eu era uma pessoa insuportável, que, ainda bem, depois me tornei bastante suportável a seu ver.

No início, quando a Michelle começou a gostar de mim, ela também tinha feito um voto. Se Deus estivesse de acordo com esse relacionamento, eu deveria ligar para ela até a terça-feira seguinte, que foi exatamente o dia em que liguei para ela da casa do Geovane.

Para Michelle, seria impossível eu ligar conforme o voto que ela tinha feito com Deus; portanto, ela já estava sem esperança de receber uma ligação minha, porque faltava uma hora para acabar a terça-feira.

Quando eu liguei, ela nem acreditava: "Não pode ser! Será que Deus ouviu a minha oração?".

Eu tinha o desejo de fazer algo e, graças a Deus e ao Geovane, liguei na hora certa.

Com Deus, as circunstâncias nunca serão maiores que o milagre. Embora ela estivesse tentando me telefonar, não encontrou o meu número. No entanto, de acordo com o voto que ela tinha feito, eu é que deveria ligar.

Com Deus, as circunstâncias nunca serão maiores que o milagre.

A mãe dela já sabia de toda a história e acabou me ajudando! Depois de levantar a moto, marcamos um dia para falar com o pai dela. No dia combinado, fui pedir a ele permissão para namorar sua filha. Namoramos por dois anos e oito meses.

JOÃO PEDRO
meu filho

Eu me chamo João Pedro Rostirola e tenho 15 anos.

Falar do meu pai é algo muito importante para mim, porque ele é a minha maior referência. Tudo que sei e aprendi até aqui foi com ele. Ele me ensinou valores que ficarão gravados em mim pelo resto da minha vida. Até me emociono quando tenho que falar dele, porque o amo tanto que muitas vezes me faltam palavras para explicar.

Sempre o vejo contar suas histórias de como meu avô era agressivo, uma pessoa que não demonstrava carinho por ele e minhas tias. Nessas horas, fico pensando: "Poxa, parece que meu pai não é filho do meu avô! Como pode meu pai ser o oposto dele?".

Eu sempre pensei que um ideal de pai é aquele que cuida e que está presente. E eu vejo quanto meu pai cuida da gente, quanto ele se importa. Às vezes, em algumas situações eu fico pensando: "Nossa! Como ele pode pensar desta forma?". As atitudes dele me fazem sentir protegido e cuidado. Ele sempre está ali, seja em um conselho, seja em um momento de apontar uma direção diferente, sempre vejo quanto ele está atento em nos direcionar. Com meu pai, eu não sinto falta de nada. Não que ele me dê tudo que eu peça ou imagine, mas o simples fato de tê-lo presente me deixa satisfeito.

O meu pai é carinhoso, ele se preocupa, cuida, corrige se preciso, mas sabe demonstrar amor. Tem uma atitude dele que amo muito, os cheirinhos. Toda vez que chego da escola, ou quando ele chega de uma viagem, ou após um dia de trabalho, ele vem em mim e dá uns cheirinhos no pescoço. Isso me faz sentir tão bem... Ele sempre me beijou e me abraçou.

O meu pai é um orgulho para mim. Meu desejo é ser como ele, é ter filhos e cuidar como ele tem feito comigo.

Certa vez, eu queria muito ganhar uma bicicleta. Tinha recém-aprendido a andar e queria muito uma, mas o meu pai não sabia. Em nossa igreja, todo final de ano, temos a semana da virada. Temos celebração todos os dias durante uma semana. Em um desses momentos de culto, eu anotei em um papel de oração que queria ganhar uma bicicleta. Quando chegou a semana do Natal, sem saber de nada disso, o meu pai me chamou para sair com ele. Entramos no carro e fomos até uma loja de bicicletas e, sem saber do meu pedido de oração, ele me presenteou com um das bicicletas mais lindas da loja. Isso me marcou muito, pois nem ele sabia que eu tinha colocado esse pedido na oração, e eu também não sabia que ele ia me levar para comprar uma bicicleta naquele dia.

O que mais me marcou até hoje no relacionamento com o meu pai é quando ele ia viajar. Eu ficava triste muitas vezes porque sempre queria ele com a gente. Mas no dia em que ele saía para viajar, a minha mãe acordava ou chamava a gente para ir ao quintal ou à parte de fora da casa para falar: "Olhem, o avião em que o pai está vai passar aqui em cima! Venham ver!". Quando a gente saía, tinha uma carta que ele deixava presa em uma caneta na grama do quintal. Para nós era algo que

marcava muito, pois eu ficava pensando: “Como ele abre a janela do avião e joga a carta?”. O que importava mesmo era que ele sempre deixava uma carta para nós.

Também lembro de quando a gente sempre insistia que queria um cachorrinho. No Dia das Crianças, ele disse: “Esperem aí que vou buscar seu presente”. Sem nos falar nada, ele chegou com uma caixa de sapatos e disse: “Aqui está o presente de vocês”. E, quando abrimos a caixa, o que tinha dentro? Um filhotinho de cachorro. Aquilo para nós também foi algo tão marcante que eu disse: “Esse é o meu pai!”.



ISABELLA

minha filha

Eu me chamo Isabella Rostirola e tenho 9 anos.

Falar do meu pai também me emociona porque o meu pai sempre foi muito carinhoso e amoroso comigo. Ele nunca deixou a gente muito triste. Ele sempre é engraçado, mas ao mesmo tempo é sério quando precisa.

Eu sei que nunca vai existir um pai melhor do que o meu. Nunca vai existir um pai que me ame tanto como ele me ama. O meu pai é o melhor pai do mundo. Toda vez que ele chega do trabalho, eu deito na cama dele com ele para sentir o seu cheirinho. Aqui em casa, a gente gosta muito do cheirinho dele. E ali eu me sinto protegida, pois tenho alguém que me abraça e que me protege de tudo. Ele ora comigo, ele lê livros comigo, ele sempre está comigo dizendo que me ama. Sempre que ele viaja, eu gosto de vestir as camisetas dele para sentir o cheiro dele.

Lembro de um dia que eu estava no recreio da escola. Quando voltei para a sala de aula, vi um buquê de flores lindo na mesa da professora e perguntei para ela: “É teu este buquê, professora?”. Ela respondeu: “Não. É seu.” Na hora eu fiquei muito, muito feliz.

Quando peguei o buquê, os meus amigos me rodearam perguntando quem tinha me dado, mas eu não sabia quem era. Então, eu abri o cartão e estava escrito: “Eu te amo muito e nunca esquecerei o seu aniversário.”. No final do cartão, eu vi que era do meu pai.

Aquilo para mim foi muito lindo.

Lar da Família

Apesar de a minha mãe tentar suprir, dentro de suas limitações, todas as nossas necessidades mais urgentes como mãe, a minha família não teve estrutura familiar nenhuma.

Dentro de mim, eu precisava encontrar uma solução para ajudar outras famílias que tivessem passado ou viessem a sofrer o que nós tínhamos vivido. Inicialmente, decidi abrir uma casa no centro da cidade que oferecesse atendimento a toda a população por meio de cursos gratuitos, que servissem de ferramentas para estruturar a família de maneira geral, ofertando cursos para mulheres, homens, noivos, casais, pais, finanças e atendimento psicológico e pastoral.

Depois, entendemos que deveríamos ir além e promover diversos eventos, como encontros de casais, e convidar pessoas que desejassem receber ajuda na restauração da vida a dois.

Em quatro anos de projeto, vemos que o Lar da Família é muito mais que uma casa no centro da cidade. Trata-se de um lar de verdade, um lugar onde o choro encontra um ambiente seguro para desabafar e onde podemos auxiliar a estruturar as famílias. Muitos são os relatos que recebemos ao longo desse período.

Um testemunho muito forte é o da Cleibe. Certa manhã, ela saiu de casa em direção ao trabalho; no caminho, estava decidida a tirar a própria vida. Pensava em se jogar com uma bicicleta na frente de um caminhão. Quando passou em frente do Lar da Família, sua atenção foi captada pela placa de uma família sorridente, bem na entrada, o que a fez parar e entrar. Naquele dia, Cleibe iniciou um dos nossos cursos, começou a receber acompanhamento psicológico e, desde então, descobriu um novo sentido e propósito para a sua vida.

Outro casal parou o carro em frente ao Lar, enquanto discutiam sobre sua separação e inclusive sobre a divisão dos bens do casal. A placa do Lar da Família também chamou a atenção deles, fazendo que a esposa, curiosa em saber do que se tratava, ligasse para pedir informação. Quando

soube que se tratava de uma casa para auxiliar as famílias por meio de cursos e atendimento, ela sugeriu ao esposo que fizessem uma tentativa, e ambos determinaram que aquela seria a última chance que dariam à família deles.

O esposo, no entanto, fez algumas restrições. Como o casal era bastante conhecido na cidade, não aceitaria ser atendido por alguém de Itajaí. No entanto, não mencionaram essa condição quando agendaram o aconselhamento. No dia marcado para o atendimento, o casal que estava de plantão era da cidade de Balneário Camboriú. Deus age nos detalhes! O casal aceitou receber ajuda e desde então tem feito cursos e experimentado uma mudança significativa em seu relacionamento como casal e como pais.

Entendo que a família é a base da sociedade. É nela que os indivíduos se desenvolvem em sua plenitude. Se usarmos uma pesquisa feita pelo *Jornal Pleno.News*, veremos que houve um aumento estrondoso nos últimos quarenta anos da taxa de divórcio; um crescente número de adultos solitários, sem amigos, e um índice cada vez menor de pessoas que desejam se integrar como membro formal de uma família ou se casarem. Além disso, há um enorme crescimento de pessoas que não se interessam por estudos de temas como casamento, vivência a dois etc.

Eu, Junior Rostirola, vivi isso na pele e no ambiente familiar com meu pai. Meu pai via minha mãe somente como objeto de consumo e não a tratava com o mínimo de dignidade e respeito. Por conta do álcool, ele a agredia, traía e desonrava todo o nosso ambiente familiar com brigas, agressões, gritarias etc. Por outro lado, minha mãe, uma verdadeira guerreira, sempre batalhou para nos proporcionar o mínimo de conforto e segurança. Eu cresci sendo parte dessa estatística e de tantas outras. Quando me tornei adulto, além de fazer totalmente diferente dentro de casa com minha esposa e meus filhos, decidi mudar ou, pelo menos, contribuir para que esse crescimento negativo de taxas e estatísticas parassem de crescer em minha cidade.

Então, em outubro de 2014, o Lar da Família foi aberto com a ajuda de voluntários

No Lar da Família, oferecemos cursos para casais, homens, mulheres,

pais, finanças e noivos. Esses cursos têm duração trimestral. Oferecemos quatro cursos por modalidade trimestralmente, totalizando 16 ministrações de cada curso por ano.

Em média, 13 pessoas são atendidas em cada curso. Atendemos cerca de 600 pessoas por ano. Desde a abertura do projeto, já atendemos cerca de 3.000 pessoas, quase 2% da sociedade itajaiense (Itajaí tem cerca de 200 mil habitantes). Talvez você pense que não representa muito, mas, quando olhamos para as famílias, para a mudança ocorrida em suas vidas, casas, em seus casamentos, em identidades transformadas e no poder de influência das famílias em seus ambientes de convívio com outros familiares, parentes, amigos e filhos, vemos que isso é imensurável. Não tem como medir o impacto que estamos causando na sociedade e nas famílias com o potencial do Lar da Família.

Sabemos também que não estamos mudando "só" uma família, mas gerações. Assim como eu e minhas irmãs podemos ter nossas vidas mudadas e ver nossos filhos com uma realidade diferente da que tivemos, isso será replicado para nossos futuros netos e gerações, não tem como mensurar.

No Lar da Família, há ainda os atendimentos psicológicos voluntários que acontecem semanalmente. Acontecem cerca de 200 atendimentos por ano. Temos atendimentos e apoio pastoral com aconselhamentos, temos projetos como aulas de musicalização, atendimentos com fonoaudiólogas voluntárias, informações jurídicas também com advogado voluntário, e com todo o amparo familiar.

O Lar da Família tem sido reconhecido grandemente em Itajaí e no estado de Santa Catarina, com premiações por reconhecimento e méritos. Pessoas vêm de outras cidades e até estados conhecer e aprender sobre como gerenciamos esse projeto para implantar em suas realidades locais. Realmente o que tem acontecido em nossa sociedade é algo imensurável.

Com tudo o que passei, a possibilidade de contribuir para que outras famílias não passem por isso, para mim não tem como colocar em números. Tanto as pessoas que contribuem de maneira inteiramente voluntária quanto eu e minha família temos ficado impactados com a contribuição que o Lar da Família oferece.

EVERTON e ANGELITA

Depois de sete anos de casados, eu e meu esposo passamos os piores dias e meses do nosso casamento.

Estávamos muito envolvidos na obra de Deus em nossa antiga igreja, tínhamos tempo para muitas coisas, porém não estávamos com nosso casamento bom. Não havia conversa, mas muita briga. Ninguém sabia de nossa situação, porque tínhamos que manter uma boa aparência por sermos muito ativos na igreja, mas o casamento estava à beira da destruição.

Sentíamos a necessidade de conversar ou pedir conselho para alguém, mas não víamos alguém em quem pudéssemos confiar.

Com o passar do tempo, o meu esposo começou a fazer faculdade e, por conta do trabalho de dia e da faculdade à noite, ficamos ainda mais distantes um do outro. Ficávamos por volta de quinze dias sem nos falarmos dentro de casa para evitar brigas. Cada um ia para um lado. Ficamos nessa situação por alguns meses.

Por volta de julho de 2016, por carência afetiva, meu esposo se envolveu virtualmente com uma pessoa do nosso convívio. Eu me relacionava tão pouco com ele que não percebi essa situação.

Numa segunda-feira à tarde, por volta das 18 horas, o meu esposo me chamou para termos uma conversa. Foi então que ele relatou o seu sentimento por essa pessoa. A minha reação na hora era de resolver essa situação juntos, mas o coração do meu esposo não estava tão disposto para tentarmos continuar o nosso casamento.

Tentamos por diversas vezes resolver nosso problema, mas sozinhos e sem ajuda de alguém confiável e preparado não conseguimos. Quando chegamos ao nosso limite, fomos pedir ajuda.

A ajuda veio, mas de outra forma. Fomos excluídos, julgados e separados como quem está com alguma doença contagiosa. O que realmente precisávamos era sermos ajudados com acompanhamento, conselhos, orações, ensino e orientações. Passamos por algumas situações de muita luta.

Por conta dessa exclusão dos “amigos”, meu esposo se sentiu muito culpado. Chegando em nossa casa, tivemos uma grande discussão. Ele queria me deixar em casa e sair sozinho de carro, dizendo que iria resolver as coisas de forma que mais ninguém viesse a sofrer. Todavia, eu vi que isso não seria bom, pois ele queria tirar a própria vida. Então, mesmo ele me empurrando e brigando, eu não quis sair do carro. Ele gritava, abria a porta do carro e me puxava para fora, mas eu não cedi. Depois de muita insistência da minha parte, ele se acalmou. Subimos para o apartamento. Com medo de ele fazer uma loucura, eu escondi as chaves de casa e do carro. Novamente nós começamos a brigar e chegamos a nos agredir fisicamente. Gritamos muito um com o outro. Com muito custo, consegui ligar para o meu cunhado e pedir ajuda.

O tempo passou, e o meu esposo se envolveu mais ainda com essa pessoa. Lembro-me de que numa noite ele se sentou em frente da geladeira durante uma

conversa nossa e me disse que sabia que aquele envolvimento era errado, porém ele não conseguia ficar sem falar com ela. Ele ainda disse que havia se envolvido emocionalmente. Para ele, esse relacionamento se tornou como uma droga, ele já estava envolvido demais e não conseguia se desligar.

Ele caiu em depressão, a ponto de não comer. Ficava somente deitado, sem ânimo ou forças para trabalhar e estudar. Em apenas uma semana emagreceu 10 quilos. Eu não sabia mais o que fazer e já estava perdendo minhas forças.

Decidi que ia deixá-lo, que ia me separar dele. Já estávamos marcando uma data para nos separar, porém eu ainda tinha fé no coração de que era possível restaurar o meu casamento. Nesse período, eu recebia telefonemas dessa pessoa me humilhando. Ela me ligava dizendo que o meu esposo tinha preferência por ela. Eu sofri, chorei e fiquei muito abalada. Emagreci e comecei a desenvolver síndrome do pânico, com fortes dores no peito e desmaios.

Foi um tempo de muita dor.

A nossa história começou a mudar quando um amigo do meu esposo nos convidou para visitar a Igreja Reviver. Aquele domingo foi muito bom. Deus falou bastante com a gente na ministração do pastor. Apesar disso, precisávamos de um acompanhamento mais próximo. Ao pedir por isso, soubemos do Lar da Família e dos vários cursos disponíveis.

Tivemos a grande oportunidade de participar do Curso Casados para Sempre em 12 de dezembro de 2016. Contudo, por causa da quebra de confiança, da amargura, da raiva e da traição, eu não olhava mais nos olhos de ninguém, não acreditava no amor das pessoas, sempre chegava no curso fechada, desconfiada, desacreditada do amor. A traição foi algo que me fechou para não ser mais machucada.

Por diversas vezes, pensamos em desistir do curso. Eu estava muito agressiva, sentia muito ciúme e não queria ser mais confrontada, mas toda semana tinha alguém ligando e perguntando como estávamos. Aula após aula, fomos ministrados, amados, ensinados.

Tivemos muitas aulas e testemunhos de outros casais dos quais até hoje somos amigos. Contudo, ainda faltava algo para ser quebrado. Tivemos uma aula específica sobre perdão. Fomos grandemente ministrados e tivemos a oportunidade de liberar de vez nessa aula tudo aquilo que ainda estava preso no nosso coração.

Nessa sexta-feira, eu entrei lá de uma forma e saí de outra! Durante a ministração do curso, ficamos frente a frente. No momento da oração, estávamos em lágrimas, e nossos líderes nos colocaram em uma sala e ministraram sobre a nossa vida em particular. Com uma simples frase, *"Me perdoa* porque eu te machuquei e eu te amo", o Espírito Santo arrancou do meu coração a dureza e as feridas por palavras que foram lançadas na minha vida. Após essa ministração, voltamos para a sala. Eu já era outra mulher! O brilho no olhar tinha voltado. Abraçamos os casais que ali estavam, e o semblante de vida no rosto fez que permitíssemos que as pessoas nos amassem novamente.

Concluímos o nosso curso de Casados para Sempre. Aprendemos muito com situações do dia a dia. Fazíamos muita coisa errada, que geravam brigas. Aprendemos algo fundamental: não guardar mágoa. Se temos uma situação não resolvida, conversamos, pedimos perdão e resolvemos juntos.

Após finalizar o curso Casados para Sempre, fizemos outros cursos no Lar da Família. Eu fiz o Mulher Única, e o meu marido fez o de finanças. Tivemos a oportunidade de fazer um curso de capacitação para liderança para o Homem ao

Máximo (meu marido) e Mulher Única.

Hoje eu vejo que tudo isso serviu para nos trazer maturidade e nos capacitar para ajudar casais, restaurar famílias, compartilhar sentimentos e fazer outros casais se sentirem amados. Após o período de sofrimento e aprendizagem, tivemos a primeira oportunidade de fazer um trabalho voluntário no Lar da Família, liderando uma turma de casados. Agora ensinamos e também aprendemos com esses casais, por meio de suas experiências.

Hoje temos condição de ajudar outras famílias, aconselhamos casais que passam pela mesma situação e podemos com nossa experiência também contribuir para transformar outros casamentos.

Estamos com dez anos de casados. Tivemos nossa vida restaurada, e podemos dizer que vivemos os melhores dias de nosso casamento. Sabemos identificar os nossos erros e podemos ter a humildade de pedir perdão quando necessário. Foram resgatados o amor, o carinho, a confiança e o respeito. Vivemos felizes e entendemos que o amor não é um sentimento, mas uma decisão.

Escrevo este testemunho com lágrimas nos olhos. Desta vez não são lágrimas de tristeza, mas de alegria. Lembro de toda dor que passamos e regozijo pela ajuda e pelo socorro que tivemos.

Somos muito gratos aos pastores Junior e Michelle e aos outros pastores, ao Lar da Família, com os seus professores voluntários que dedicam a vida para ajudar no processo de cura e restauração de homens, mulheres e famílias, tendo como base o amor.



Uma nova história

Em espírito, em verdade
Te adoramos, te adoramos
Rei dos reis e Senhor
Te entregamos nosso viver
Pra te adorar, oh, Rei dos reis
Foi que eu nasci, oh, Rei Jesus
Meu prazer é te louvar
Meu prazer é estar
Nos átrios do Senhor
Meu prazer é viver
Na casa de Deus
Onde flui o amor.[1]

Quando entrei em uma igreja evangélica pela primeira vez, eles estavam cantando essa canção.

Durante um ano inteiro, eu era a única pessoa da minha casa a ir para a igreja. Eu ia sozinho a todas as reuniões, sem faltar a nenhuma delas. A minha família até sabia que eu ia à igreja, mas não me acompanhava.

Tudo começou quando uma vizinha, dona Irene, me convidou. Eu nunca tinha ouvido falar de igreja evangélica, nem que havia reuniões em uma igreja. O meu conceito de igreja era outro muito diferente, eu apenas via a minha mãe rezar ou ir à igreja uma vez ou outra.

Com 13 anos e completamente desesperado, sem vontade de viver, eu sabia que não conseguiria superar nada sozinho. Foi enquanto eu estava sentado ao portão da minha casa que essa vizinha chegou perto de mim e me disse: — Junior, vamos à igreja comigo?

Quando entrei na igreja, fui surpreendido com um ambiente tão envolvente!

Naquele mesmo dia, eu decidi ir à igreja. Entrei em casa e fui falar com a minha mãe para saber se eu podia ir. Quando entrei na igreja, fui surpreendido com um ambiente tão envolvente! Hoje sei dizer o que é: a presença do Espírito Santo de Deus no meio de pessoas que adoram a Deus.

Aquele vazio que eu tinha começou a ser preenchido com alegria. Eu me

senti tão bem naquela celebração que decidi voltar outras vezes e comecei a dizer em casa:

— Mãe, acho que encontrei uma saída para a nossa família!

A fé em Deus faz crer no incrível, ver o invisível e realizar o impossível.

No começo, as minhas irmãs não iam comigo. Eu pensava na Cristiane, por exemplo. Ela apanhava tanto do meu pai... Como ela ficava em casa, ele batia muito mais nela. Só a polícia conseguia separá-la dele quando ele agarrava o cabelo comprido dela.

Por isso, quando eu comecei a conhecer Jesus, passei a ver uma esperança. Havia uma esperança para a nossa família! Havia uma esperança, sim, para mim! Para a Cris! Para a Kátia! Para a minha mãe! Para a Michele!

Durante os dois primeiros meses, fui com a dona Irene. Depois disso, eu dava um jeito de ir sozinho; ou ia de bicicleta ou a pé. Não importava como. Eu sempre ia a todas as reuniões: sexta, sábado e domingo. Se possível fosse, iria à igreja todos os dias. Nessa época, eu até me esqueci um pouco de que tinha mãe. O que eu encontrava ali, isso não via em nenhum outro lugar.

A fé em Deus faz crer no incrível, ver o invisível e realizar o impossível.

Tudo ia muito bem até que eu comecei a apanhar de alguns meninos pelo caminho. No início, eu ia a pé pela Tancredo Neves, uma ponte que liga os bairros São Vicente e Cordeiros em Itajaí. Ao passar por essa rua, se uns meninos dali me vissem, mesmo de cabeça baixa, partiam para cima de mim.

Mas isso não me impediu de continuar indo à igreja. Eu realmente tinha encontrado um lugar em que era aceito e finalmente tinha encontrado um lar.

Então, decidi mudar de caminho, dando uma volta três vezes maior. Comecei a ir pela Nova Brasília. Caminhava quase uma hora a mais.

Depois, consegui uma bicicleta velha, mas a corrente caía três vezes na ida e cinco vezes na volta, ou mais. Por isso, eu chegava à igreja todo sujo. Antes que alguém me visse e tivesse uma má impressão de mim, eu corria

até o banheiro para lavar as mãos. Não preciso dizer que eu morria de medo de ser rejeitado ali também. Mas isso nunca aconteceu.

A adolescência já era uma fase difícil, e eu só tinha 13 anos, cheio das crises que mencionei, dos medos, dos traumas emocionais e físicos. Não queria sofrer mais ainda. Eu estava em busca de algo que realmente pudesse mudar o rumo da minha vida e que me ajudasse a superar todo o meu passado.

Existia algo além da vida que eu tinha. Existia um Pai que cuidaria de mim. Finalmente, eu seria amado.

Depois de um ano, decidi me batizar nas águas, mas ninguém da minha família foi assistir ao meu batismo. Mesmo assim, isso não me desmotivou. Eu tinha decidido viver para Jesus.

Quando despertei para a paternidade de Deus e entendi que nele eu tinha um lar, uma família de verdade, percebi que era possível ter outra vida. Existia algo além da vida que eu tinha. Existia um Pai que cuidaria de mim. Finalmente, eu seria amado. Existia alguém que direcionaria a minha vida.

Não pensei duas vezes. Eu quero esse Pai!

Há vinte e cinco anos, tomei essa decisão, e desde 2010 sou pastor da Igreja Reviver em Itajaí, porque Deus me chamou para essa tarefa.

Eu desejava viver algo novo e tenho vivido assim desde então.

O lar que Deus me deu me fez sentir a paz e o amor de que eu tanto necessitava.

Deus podia me restaurar.

Eu comecei a ver que havia algo de bom em mim e que Deus podia me restaurar.

Jesus Cristo fez de mim uma nova pessoa. Houve o milagre da nova criação. Nele, eu pude vencer todos os meus traumas e construir uma família linda. Em mim mesmo não havia nada de bom! Mas em Jesus eu vi que era possível ser uma pessoa de bem, amorosa, que cuidaria das pessoas como eu gostaria de ter sido cuidado. Novos hábitos, design, saúde, realizações. Enfim, nova vida.

Quando conheci Jesus, Deus me deu uma nova vida. Ele deu início a um processo de transformação da minha realidade. A minha infelicidade tinha ido embora, as minhas frustrações começaram a ser esquecidas, os meus traumas agora começaram a ser superados. Eu acabara de encontrar a minha maior alegria, acabara de encontrar a verdade que poderia me libertar, encontrar vida. E*u encontrei um* P*ai*.

A minha história tinha sido mudada porque eu tinha passado a viver e conhecer uma nova realidade de vida. Jesus passou a fazer parte da minha caminhada. Não se trata de aceitar uma religião, mas de começar a ter um relacionamento com alguém que, além de conhecer a minha história, poderia transformá-la. Jesus é realidade, não ficção.

O Anísio que é pastor e amigo hoje, era líder de jovens nessa igreja na época. Ele se lembra de quando eu chegava aos sábados para a reunião de jovens bem na hora de começar e ia embora logo ao término da reunião. Para mim, era muito custoso relacionar-me com as pessoas. Mas, quando você descobre a sua verdadeira identidade, começa a viver além das suas circunstâncias. Na verdade, tudo parte da identidade, não das circunstâncias.

Quando você descobre a sua verdadeira identidade, começa a viver além das suas circunstâncias.

Hoje, quando encontro alguns dos colegas de escola que batiam em mim ou faziam *bullying* comigo, consigo olhar para eles de forma diferente, porque fui curado. Outro dia, inclusive, um deles veio à Reviver.

Com todo esse amor do Pai eterno transformando minha vida, foram nascendo no meu coração, cada um dos projetos que desenvolvemos. Os projetos sociais e de atendimento pastoral e psicológico visam a ajudar pessoas que estão em situações de risco. Situações como às que eu e a minha família estávamos submetidos, situações para as quais é possível prover a ajuda que pode ser determinante para o processo de restauração e cura de muitas pessoas e famílias.

Não foram poucas as dificuldades pelas quais passamos na infância e adolescência. Eu era improvável. Eu tinha tudo para não dar certo. Tudo para dar errado. Filho de ébrio, de família desajustada.

Eu não podia mais ouvir falar em polícia, de tanto que parava na frente da nossa casa. Fiquei conhecido por toda a vizinhança. Todo mundo nos conhecia; bastava, lá da esquina, aparecer o meu pai gritando de longe, xingando a minha mãe, para qualquer um ouvir.

Desse menino de quem se esperaria um futuro mau e problemático a alguém totalmente provável nas mãos do Pai. Uma guinada de 180°.

Portanto, preciso e devo tirar proveito do meu passado, catalisando em um presente e um futuro cheios de esperança e apoiando aqueles que não conseguem ver uma saída.

Nós queremos e decidimos mostrar para aqueles que estão à nossa volta uma solução.

Deus escolheu transformar a minha vida de tal modo que hoje eu sou o fundador de uma igreja relevante para a nossa nação, a Igreja Reviver, assim como de todos os projetos sociais aqui apresentados. Deus teve todo o trabalho. Ele me levantou como líder, e tudo começou quando ele olhou para mim.

Quando Deus muda a nossa história de vida, jamais seremos as mesmas pessoas. A minha contribuição para a cidade é impactante. Somos parte da transformação de outras histórias e realidades.

Quando Deus muda a nossa história de vida, jamais seremos as mesmas pessoas.

De filho do cachaceiro a pastor Junior.

Da dura e cruel realidade da rua ao plano eterno de Deus!

Deus me tirou literalmente do meu cativeiro e me trouxe para sua maravilhosa luz.

E ele tem prazer em fazer isso com todos aqueles que lhe permitem.

Eu comecei a trabalhar com os jovens com a ajuda do Anísio. Para me animar, ele me pediu que o ajudasse como tesoureiro do grupo de jovens. Como eu não falava muito (e para cuidar de dinheiro não precisa falar), foi o jeito que ele encontrou de me fazer participar mais. Eu só teria que tratar mais especificamente com ele, o que para mim foi muito bom!

No início, seu convite me deixou assustado, mas aceitei. Eu era bastante

detalhista e eficiente, segundo ele, e fazia além do que ele me pedia. Fui criando formas de tornar a área mais dinâmica e organizada, criando planilhas e controles de pagamentos. Sabe como é, os jovens quase nunca têm dinheiro, e tínhamos que pagar os retiros e acampamentos, ou projetos específicos, de forma que aqueles jovens que não tivessem condições financeiras de arcar pudessem participar também.

Com o passar do tempo, fui crescendo e conhecendo mais a Deus, e o meu líder foi me delegando algumas funções, o que significava que eu estava aprendendo a liderar aos poucos. Eu conseguia inclusive ir à frente de todos e falar, fazer anúncios etc. Depois de três anos aproximadamente, o Anísio já me encarregava de várias tarefas e pensou em deixar o grupo de jovens e me colocar no lugar dele, porque via que eu tinha potencial para isso.

Você consegue imaginar o menino que tinha medo de sair da escola no meio dos colegas, subindo a uma plataforma para falar em público? Mais que uma transformação, Deus operou um milagre em minha vida!

Quando ele sugeriu ao nosso pastor a ideia que tinha, inicialmente houve uma preocupação por eu ser muito tímido, introvertido e novo, mas ainda assim nosso pastor aceitou a sugestão. No início, não foi fácil, mas fui aprendendo e me desenvolvendo.

O menino que tinha medo de sair da escola no meio dos colegas subiu a uma plataforma para falar em público.

Algumas pessoas não acreditavam que eu estivesse preparado. No primeiro dia em que subi para pregar, um deles em especial me disse que eu não tinha nascido para ser líder e que não servia para pregar nem dirigir o grupo de jovens. Ele acrescentou ainda que aquela tarefa estava acima da minha capacidade.

E mais: ele tinha um grupo unido a ele que não me aceitava como líder e que entendia que o meu pastor tinha se equivocado ao me colocar para liderar.

Tudo isso foi um choque para mim. Um baque.

Nesse momento, eu poderia ter tido um rebote do sentimento de exclusão e abandono que me assolaram por tantos anos. No entanto, eu

já tinha um Pai. Eu busquei Deus e acreditei que as palavras que ele tinha me dito naquele dia seriam transmitidas. Então, subi e preguei.

Os meus traumas mais uma vez tentavam me paralisar e me fazer crer que eu não era nada, que não seria capaz de ajudar outras pessoas, que não tinha nada a oferecer. Mas Deus me falava diferente.

Segui em frente, confiante na graça de Deus. Eu superei a dor, e Deus foi tão bom comigo que aquele grupo de jovens "explodiu". Quando eu deixei de trabalhar com eles, aquele mesmo rapaz me presenteou com um pergaminho no qual eram mencionadas várias qualidades de um líder e me disse:

— Por mim, você seria o meu líder pelo resto da vida.

Ele reconheceu a minha liderança aos poucos, e eu fui vencendo os meus temores. É verdade que o líder também precisa conquistar as pessoas para desenvolver um bom trabalho. Eu poderia ter ficado parado e desistido de tudo, mas isso não aconteceu.

A minha vida tomava uma proporção muito grande. Como líder de jovens, eu estava muito feliz por tudo o que Deus estava fazendo, mas havia um chamado para algo ainda maior. Comecei a me preparar mais: nesse momento, eu estava cursando o sétimo semestre de economia e parei para me dedicar à teologia. Concluí a graduação em teologia e finalizei a pós-graduação em teologia bíblica no ano de 2010.

Vejo a Igreja como a esperança do mundo. Nós somos os pés e as mãos do nosso Salvador.

O meu histórico de vida, a partir de então, passou a ser usado como ferramenta para cumprir com aquilo que Deus estava me chamando a fazer, ou seja, para transformar a realidade de muitas famílias.

A cada passo dado na direção que Deus me mostrava, eu percebia que precisava realizar coisas maiores, romper com os limites e desenvolver maior empatia com as pessoas. Quando Deus me confirmou por meio de votos que esse era o caminho, decidi obedecer prontamente. Foi então que implantei a Igreja Reviver e, junto, vários projetos sociais. Vejo a Igreja como a esperança do mundo. Nós somos os pés e as mãos do nosso Salvador.

Em abril de 2010, quando começamos a Igreja Reviver, em Itajaí, comecei a formar líderes. Nada podia paralisar o sonho que Deus tinha colocado no meu coração. Desde o primeiro projeto, eu não me deixei levar por palavras de desânimo ou palavras negativas. Assim como Davi, enfrentei o desafio de derrubar os meus gigantes e vencer passo a passo, implantando um projeto por vez e vendo cada um deles se desenvolver. A Igreja do Senhor nasceu para levar vida plena e com sentido às pessoas, qualquer que seja a situação em que estejam.

Hoje eu sei que para Deus todas as coisas são possíveis. Sou prova viva do impossível tornado em possível. Por isso, o meu coração está aberto para as grandes coisas de Deus, mesmo que comecem pequenas, pois o propósito é lançar luz e vida no coração das pessoas.

Estamos só no começo. Deus pode fazer muito mais se crermos nele. Hoje vemos só a ponta do *iceberg*.



HAITI

Obra missionária

Franklin Guercélus nasceu em 3 de fevereiro de 1990, na cidade de Porto Príncipe, capital do Haiti. Casado com Kencia Fortune Guercélus, veio para o Brasil em 2014 em busca do trabalho e sustento para sua família. Ele retornou para o Haiti como missionário em 2017, enviado pela Igreja Reviver.

O projeto global de Deus em minha vida estava muito além do que eu poderia imaginar. Quando conheci o Franklin em uma padaria e o convidei para vir à igreja, percebi quanto Deus queria transformar minha dor em potencial para ajudar além do meu ambiente de convívio.

No final da celebração que o Franklin participou, eu o abracei e disse quanto estava feliz com a visita dele. Naquele momento, Deus me disse: "Você está abraçando a nação do Haiti". Então, coloquei o Franklin para trabalhar ao meu lado e o ensinei como liderar pessoas e amar o próximo. Depois, eu o enviei de volta ao Haiti. Eu realmente o tinha adotado como filho em meu coração para amá-lo e fazer da sua necessidade uma ferramenta para mudar outras vidas.

Nestes dois anos de missões, temos realmente visto a mão de Deus sobre aquela nação. Iniciamos no Haiti os trabalhos de inserção de crianças na escola, juntamente com a implantação de uma igreja.

O crescimento que Deus tem dado ao projeto Haiti tem levado muitas vidas a se render a Jesus. Com isso, tivemos que alugar um espaço maior ali para receber as novas vidas que estavam chegando. Estou extremamente feliz porque Deus tem me

dado forças para cuidar do Franklin, da sua família e de tantas outras. Vidas estão sendo transformadas, destinos estão sendo mudados, futuros estão sendo reescritos.

Mas não parou por aí. Hoje conseguimos manter muitas crianças nas escolas. Como o Haiti é extremamente pobre, não há escolas públicas de qualidade. Por isso, mantemos crianças em escolas particulares. Recentemente adquirimos um terreno para construir uma escola para atender essas e tantas outras crianças que chegarão.

Deus nos tem dado fé, ousadia e esperança de que um futuro melhor também é possível para os haitianos. A obra de Deus não é feita apenas com recursos financeiros, mas também com recursos humanos. Fazemos missões com as mãos dos que contribuem, com os joelhos dos que oram e com os pés dos que saem para levar as boas-novas de salvação.

---

[1] *Em espírito, em verdade,* música de Asaph Borba.


9

A realidade da orfandade

Durante muitos anos da minha vida, eu fui órfão. A grande questão é que, fisicamente, eu tinha pai, mas ainda assim era órfão.

Com o passar do tempo, entendi que eu não era o único na condição de órfão. Ao ter maior contato com as pessoas que estão ao meu redor e, principalmente, ao me tornar pastor, percebi que, infelizmente, a orfandade é um problema da nossa sociedade.

A geração atual é conhecida como "geração sem pai". Ter o pai ausente de casa, independentemente do motivo, significa relegar uma família ao estado de vulnerabilidade. Consequentemente, isso gera uma família desestruturada.

Pensar nisso faz que eu me lembre do que a minha mãe sempre dizia: "Se vocês quiserem se esconder do seu pai, é só ficar em casa". Ter o meu pai em casa, mesmo após o horário de trabalho, enquanto ele trabalhava, era algo raro. Por algum tempo, o meu pai ficava o dia todo no bar e depois ia para casa à noite praticamente só para brigar com a minha mãe e fazer do ambiente da nossa casa um inferno.

As memórias que guardo do meu pai do pouco tempo que ele ficava em casa estão sempre relacionadas a brigas e conflitos. Não tenho uma única memória dele em casa com a gente sentado à mesa, conversando no sofá da sala, brincando no quintal, ou fazendo qualquer outra coisa que não fosse estar alcoolizado e brigar.

A ausência do meu pai em casa resultou em muitos problemas emocionais e até espirituais que eu vivi. Da mesma forma, a ausência da figura paterna nos lares tem resultado em muitos problemas familiares hoje. Ter o pai fora de casa pode gerar muitas questões de vulnerabilidade nas famílias. Todavia, é desejo de Deus restaurar a vida do povo dessa falta de paternidade.

Em Malaquias 4.5,6, vemos esse desejo de Deus em reconectar o coração dos pais com o dos filhos:

> "Vejam, eu enviarei a vocês o profeta Elias antes do grande e terrível dia do SENHOR. Ele fará com que os corações dos pais se voltem para seus filhos, e os corações dos filhos para seus pais; do contrário eu virei e castigarei a terra com maldição"

Nesse texto, a ideia que o profeta apresenta é que há um clamor de Deus, como se ele estivesse gritando para que os pais voltem para casa. Malaquias viu uma geração que sofria com a ausência dos pais. Havia pais e havia filhos, mas os seus corações não estavam unidos e conectados.

Durante muito tempo nos Estados Unidos, os filhos ficaram sem pais. Assim como aconteceu em diversos outros países em estado de guerra, centenas de milhares de homens eram enviados para as batalhas, muitos deles pais de família, e morriam nos campos lutando por seu país. Atualmente os Estados Unidos não estão convencionalmente em guerra. Não há mortes em combate há anos. Ainda assim, a geração atual de filhos é a que mais sofre com a ausência do pai nos lares.

Há um clamor de Deus, como se ele estivesse gritando para que os pais voltem para casa.

O questionamento que fica é: Por que há uma geração que sofre tanto pela falta de paternidade dessa forma? Por que o mundo sofre tanto de orfandade?

Acredito que, assim como era com o meu pai, hoje os pais estão vivos, não foram retirados de seus lares para a guerra, mas mesmo assim o coração deles não está em casa. Todavia, o desejo de Deus permanece, o de restaurar o coração dos pais, para que eles deixem de ser ausentes de coração.

A alegria do meu pai, se é que posso dizer assim, era estar no bar ou em algum outro lugar que não fosse em casa.

É importante ressaltar que, quando me refiro à casa aqui, não estou relacionando somente ao ambiente de quatro paredes, mas também ao fato de ser o cabeça da família, o líder. Hoje os pais estão emocionalmente fora de todo o ambiente relacionado ao lar. Estão longe. E qual a consequência disso? A consequência é o que chamo de a geração de filhos órfãos de pais vivos.

A orfandade é um problema tão crucial que se revela também nas relações entre os animais.

Houve um tempo na África do Sul no qual os elefantes africanos estavam entrando em risco de extinção. Decidiram, então, reproduzi-los

com a ajuda da ciência. Começaram a povoar de elefantes o parque em que eles costumavam ficar. Contudo, ao resolverem um problema, criaram outro. Houve um aumento significativo no número de elefantes gerados naturalmente logo em seguida.

Então, escolheram transportar os elefantes mais jovens para outro parque. Trouxeram helicópteros e içaram os mais jovens e os levaram para outro parque vizinho. Passado um tempo que os elefantes mais jovens estavam nesse parque, alguns animais de outras espécies, como rinocerontes e hipopótamos, começaram a aparecer machucados, como se estivessem sendo agredidos. Os responsáveis pelo parque acharam que havia caçadores, ou talvez uma doença. Decidiram instalar câmeras de vigilância para observação e puderam ver que, na verdade, quem estava machucando os animais das outras espécies eram os elefantes jovens.

Com essa descoberta, começaram a investigar qual seria o motivo de tanta agressividade. A constatação foi que os elefantes jovens estavam sem a presença dos mais velhos e dos seus pais. Os biólogos optaram por transportar alguns elefantes mais velhos para aquele parque. Depois de pouco tempo, já havia diferença comportamental. Os mais velhos ensinaram os mais jovens a viver em comunidade, e as agressões acabaram. Os elefantes mais jovens estavam imitando o comportamento dos mais velhos.

A orfandade gera consequências sociais, seja no meio humano, seja no meio animal.

Qual é o efeito social da ausência de um pai humano em casa?

O Centers for Disease Control and Prevention of America [Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos] apresentou estatísticas que nos levam à reflexão. Conforme a pesquisa desenvolvida,

> 75% de todos os presidiários não tiveram relacionamento com seus pais;
>
> 63% de todos os suicídios de jovens são de lares sem pai; 90% de todas as crianças desabrigadas e fugitivas são oriundas de lares sem pais;
>
> 85% de todas as crianças que apresentam transtornos de

comportamento vêm de lares sem pai;

80% de todos os estupradores vieram de lares sem pai;

71% de todas as crianças que abandonaram os estudos são de lares sem pai.[1]

A informação que mais nos leva a refletir é a que vou apresentar agora: essa estatística é de um estudo de nível mundial!

Isso me faz lembrar do meu pai, ou melhor, da ausência dele em casa. Eu parei os estudos porque não conseguia mais enfrentar as pessoas na escola. Claro que também sofri muito *bullying* na escola, mas eu já vinha de uma casa emocionalmente destruída, de um lar no qual, na maioria das vezes, o que eu observava era o meu pai ou brigando, ou alcoolizado, ou ausente.

Minha irmã Cristiane também compartilhou quanto essa ausência afetou sua vida. Quando tinha por volta de 17 anos, ela conta que sempre tinha o desejo de ter um pai como o nosso vizinho. A gente olhava para as pessoas e famílias de vizinhos e nutria o desejo de ter uma vida um pouquinho diferente da nossa. Até me emociono, mas o que queríamos era uma vida um pouquinho melhor do que a nossa realidade nos possibilitava. Isso nos frustrava muito.

A Cris conta que o sonho dela era fazer faculdade e ser uma mulher mais independente, mas a insegurança, o medo e as marcas emocionais a faziam recuar e desistir do que Deus tinha para ela. Ela não conseguia firmar em um emprego, pois o medo a fazia ficar escondida no banheiro, no estoque ou em algum canto que ninguém a visse. Tinha medo de falar e de se relacionar com pessoas. Por muitas vezes, ela foi dispensada dos empregos por causa disso. Nunca conseguia se fixar em trabalho algum, pois o medo e a insegurança para lidar com pessoas a faziam ser dispensada.

Como ela era introvertida e acuada, nunca saía de casa; mesmo diante das agressões, ela nunca corria. Isso gerou um trauma emocional gigantesco na mente dela.

Felizmente, depois de se casar, a Cris teve a oportunidade de superar

todos os problemas gerados pela orfandade. Assim como ela, eu e tantos outros, é possível optar por deixar de dar importância apenas às decepções que insistem em enfatizar as falhas e deficiências. Cada pessoa pode decidir ser amarga, raivosa ou triste. É uma escolha. Ou, ao contrário, quando em face dos períodos difíceis, é possível optar por aprender com a experiência, abandonar a dor e seguir em frente, assumindo a responsabilidade pela própria felicidade.

A ausência do pai gera dor

Talvez você esteja sofrendo e não saiba o motivo. Talvez venha procurando para os seus vazios um preenchimento superficial nos mais diversos tipos de relacionamentos. Talvez queira que todos e tudo olhem para você com prioridade e atenção.

Talvez a cultura dominante deste mundo tenha criado uma pressão tão negativa que esteja levando você a demonstrar pelo lado de fora o que não está pronto para fazer do lado de dentro.

Assim como eu, talvez você ache que não é digno. Eu achava que não era ninguém! Achava que não tinha valor! Não imaginava um propósito pelo qual viver.

Existe uma solução. Existe um Pai, e eu o encontrei e tive a minha filiação restaurada. E você também pode ter a sua filiação restaurada, é possível encontrar um Pai que nunca estará ausente.

Alguns efeitos colaterais da orfandade

Deus deu ao homem a capacidade de proteger, prover e promover a família. Quando isso é tirado de um menino, podemos ver que, ao crescer, se torna um homem que espera ser protegido e suprido; não se sente disposto a correr atrás dos sonhos, e faltam-lhe propósitos de vida adequados.

Veja como a estruturação da sociedade vem mudando. Quando o pai se torna ausente de sua família, o filho tende a perder a direção e fazer as piores escolhas.

Outra estatística lamentável é o aumento do número de abortos. Se não há pais dispostos a se

responsabilizarem por seus filhos, há mães inseguras de gerar filhos. A família é um dos maiores dons de Deus. É uma criação do Senhor para que este mundo seja bom e agradável, como ele planejou. A falta de paternidade está matando o que Deus mais ama.

O aborto não é um pecado da maternidade, mas uma consequência da falta de paternidade.

O aborto não é um pecado da maternidade, mas uma consequência da falta de paternidade.

Será que as mulheres abortariam seus filhos se os homens quisessem tê-los e se dispusessem a nutri-los?

O pai presente no lar traz um nível de disciplina diferente. O pai é capaz de transformar uma atmosfera tumultuada em um ambiente organizado com sua autoridade. Autoridade bem utilizada e amorosa promove um ambiente positivo de temor.

Filhos que têm pais presentes terão um relacionamento próximo com Deus Pai, pois tudo o que recebeu do pai humano poderá entregar para Deus.

Podemos ver como a desestruturação da paternidade e da família é grande. Citei como exemplo o caso dos elefantes, mas há um registro histórico do caso das baleias de um dos parques mais famosos do mundo, o Sea World, na região de Orlando, nos Estados Unidos.

O documentário B*lackfish* está ajudando a mudar a percepção sobre animais selvagens criados em cativeiro. Funcionários do Sea World dizem que o tempo médio de vida e saúde dessas baleias no confinamento é perfeitamente saudável e biologicamente correto. Aferiram também que, no confinamento, elas vivem exatamente igual à vida na natureza.

Todavia, não é difícil compreender o comportamento estranho, a agressividade ou imprevisibilidade desses animais. Em oceano aberto, as baleias nadam até 160 quilômetros, enquanto no parque são obrigadas a dar voltas em piscinas, ganhando como prêmio por seus números sardinhas vindas de um balde com gelo. Baleias mãe e filha são separadas uma da outra.

Viver em cativeiro causa muito estresse e, consequentemente, ataques a treinadores. Houve uma situação em que uma fêmea mordeu o pé direito

do treinador e o levou para o fundo. O animal ficou pelo menos um minuto submerso e voltou à superfície. A baleia, então, soltou o pé direito e pegou o esquerdo. Mergulhou novamente. Reemergiu. O ritual se repetiu. No segundo em que se viu livre, o homem saiu nadando como um torpedo, tentando fugir.

Ele disse: "Depois de tanto tempo confinadas nesses tanques, eu pensei que as orcas houvessem encontrado uma maneira de ser uma família feliz". A bióloga Gabriela Cowperthwaite afirmou: 'A realidade é o oposto disso. Há um conflito constante, e elas não têm para onde fugir".

Assim também acontece com a família humana. Quando há desestruturação familiar e a falta de um pai, os filhos ficam como se estivessem em cativeiro. Desenvolvem estresse e dificuldades para se relacionar e cumprir princípios importantes para a vida. A revolta cresce, e se iniciam os ataques com palavras, agressividade.

Novidade de vida é possível

A minha irmã Kátia era sempre a festeira da casa, cheia de amigos, saía com frequência. Ela se casou cedo, até mesmo como fuga para sair desse ambiente. Ela teve três filhas e já é avó de três netos. Kátia e o esposo moram no Uruguai e trabalham com transporte internacional entre aquele país e o Brasil.

A Cris, a Michele e eu permanecemos com a mãe por mais tempo.

As minhas irmãs passaram a infância, adolescência e parte da juventude escutando gritos, vendo a nossa mãe apanhar e apanhando também. Como adolescentes, com certeza tinham seus sonhos, desejos de construir suas famílias, de ter seus lares, maridos, filhos.

Mas como poderiam crer que seria possível realizar sonhos se a realidade que viviam era tão cruel?

Lembro que a Cris sempre foi muito bonita, era loira de cabelo comprido. Quando o meu pai chegava alcoolizado e partia para cima dela, já que ela não saía de casa por nada, ele a agarrava pelo cabelo e somente a polícia conseguia separar. A Cris é muito inteligente e sonhava em cursar uma faculdade. Ela chegou a entrar, mas estudou apenas um semestre. Quanto a trabalhar, ela passava nas entrevistas, era chamada, mas não

conseguia se desenvolver. Iniciava o trabalho, mas a insegurança e o medo eram tantos que ela se escondia para chorar, tinha medo de tudo e todos; por isso, logo era demitida.

Um vizinho nosso, que a conhecia desde a infância, já era bem sucedido profissionalmente e se apaixonou pela Cris. Ela também se apaixonou por ele e, nesse relacionamento, a Cris sentiu que poderia ter a segurança que sempre procurou, a proteção sonhada. Em pouco tempo, a Cris e o Leo se casaram. Eles têm um casal de filhos e hoje todos conhecem a Jesus. Contudo, a Cris relatou que a grande dificuldade contra a qual ela luta todos os dias é para demonstrar seus sentimentos, seja por palavras, seja por gestos. Hoje ela e a minha mãe têm uma loja de aviamentos.

Por sua vez, a Michele tentava disfarçar a insegurança e o medo. Ela se relacionava muito bem com os amigos, era a mais moleca, estava sempre em todas as brincadeiras. Quisesse ela ou não, acabava sendo responsável por mim, por me defender e proteger. Quando acontecia algo comigo na escola, era sempre ela que chamavam. Esse peso foi colocado nos ombros dela, de modo que, quando ela buscava se defender, por muitas vezes não era bem interpretada, dando a impressão de ser autoritária. Ela parou de estudar no ensino médio e casou nova, no mesmo ano que a Cris.

Assim também como foi com a Cris, a Michele casou com um vizinho nosso, filho do seu Zé que tanto nos ajudou, o Geovane. Eles têm um filho e, nos primeiros anos de vida do menino, foi difícil para ela compreender o papel de mãe. Ela não conseguia cuidar da criança nem demonstrar o amor que sempre teve por ele. Mesmo desejosa disso, todos os traumas e feridas a bloqueavam. O que a deixava muito feliz era ver o cuidado do marido para com o menino. Ela vislumbrava tudo aquilo relembrando que era o que sonhava em ter tido como filha e agradecia por poder ver isso se realizando com seu filho.

Depois de seu filho crescer um pouco, a Michele retomou os estudos e começou a trabalhar na área de comércio exterior. Ela se tornou uma excelente profissional na área, mas hoje abriu mão dessa carreira para, juntamente com o meu cunhado Geovane, me auxiliar em tempo integral como pastores na igreja. Este ano, ela concluirá a graduação em serviço social.

Já sobre mim, quando me casei, lembro que uma das minhas dificuldades era a insegurança. Eu não sabia, por exemplo, sair sozinho para comprar roupa, algo tão simples. Eu ligava para a minha mãe e as minhas irmãs, e íamos todos comprar a roupa, porque eu precisava da opinião de todos.

Lembro que outra situação de insegurança era quando eu estava em lugares nos quais as pessoas me olhariam. Esse era um grande problema! Às vezes, eu precisava estacionar o carro para ir ao banco, por exemplo. Se o semáforo fechasse e outros carros parassem ao lado do meu, eu não descia do carro até abrir o semáforo e os outros partirem. Eu fazia todo o possível para evitar que as pessoas olhassem para mim.

O filho de um pai alcoólatra leva no seu coração um sentimento de culpa. Eu não sabia até que ponto o alcoolismo do meu pai era responsabilidade minha. No fundo, eu gostaria de ter feito alguma coisa para mudar a situação, mas não sabia como poderia contribuir.

Todo tipo de mudança é uma ameaça para os filhos de pais alcoólatras, pois costumam passar toda a vida em um vai e vem constante, sem saber o destino final. Por isso, quando conseguem alguma estabilidade, buscam defendê-la obsessivamente. Sentem que, com a mudança, virá o caos que tanto temem. Dessa forma, normalmente desenvolvem pouquíssimo controle sobre suas emoções.

Já a história da minha mãe é uma das mais lindas que já vi. Apesar do sofrimento vivido com o meu pai, a minha mãe sempre permaneceu como uma luz brilhante. No tempo seguinte às tragédias, privações e ao falecimento do meu pai, ela foi apresentada ao João pela irmã dele e, meses depois, ela decidiu casar novamente. Tudo que a minha mãe tinha passado agora tinha sido transformado.

O João era um bom marido para ela. Ela conta que, quando compartilhava com ele sobre o sofrimento com o meu pai, ele sempre demonstrava compaixão, carinho e amor. Ele se compadecia do quanto ela tinha sofrido, e buscava proporcionar momentos diferentes, por exemplo, levar café na cama, cuidar, amar, dar a atenção necessária etc. A verdade é que ele sempre a amou.

Sempre atencioso e cuidadoso, acompanhava ela à igreja, ou a outros

lugares. Passeavam juntos e estavam sempre felizes.

A minha mãe ficou casada com ele por dezenove anos e, quando ele ficou com Alzheimer, a minha mãe cuidou dele até o falecimento, cinco anos atrás.

Ela deixou a casa onde morou durante 48 anos. Sempre digo que a minha mãe é uma guerreira. Hoje tem seu próprio apartamento, carro próprio e é totalmente independente. Cuida das suas finanças, da sua saúde, sempre anda muito bem arrumada e com os cabelos muito bem cuidados. Está aposentada e desfruta de tudo que a vida poderia lhe proporcionar de bom.

Ela é uma coluna na nossa igreja. Sempre está em oração, é fiel e participante das programações. Está constantemente presente na vida dos filhos e dos netos. Ela tem uma vida extremamente feliz.

A minha mãe também encontrou o Pai. Ela não carrega mais as marcas da vida. Deus a curou e sarou suas feridas. Hoje, tudo que ela quer é desfrutar da alegria e satisfação da caminhada com o Pai.

Órfãos não confiam em sua capacidade de provedores

Por muito tempo, fui um menino que tinha muito medo das situações da vida. Havia momentos em que a minha vontade era entrar embaixo da saia da minha mãe. A vergonha e o medo que eu tinha das pessoas eram imensos. A ausência do meu pai fez paralisar em mim o desejo de ter sonhos e vontades.

Eu não consigo ao menos me lembrar mais dos sonhos de infância - que eu tive. Quanto aos meus desejos, cada um deles foi abafado pela minha insegurança. Quantas vezes eu fugia de situações que poderiam gerar conflitos! Por exemplo, eu normalmente não me apresentava para jogar futebol na escola. Nunca fui escolhido para jogar, uma vez que era visto como aquele que não sabia nem tocar na bola, era considerado como incapaz.

A falta de envolvimento com o esporte tirou de mim a capacidade de conquistar e adotar um posicionamento diante de situações relativamente tranquilas.

Quando você é órfão, a sua capacidade de gerar e sustentar uma família é abalada. Você perde seu propósito e sentido pela vida. A razão pela qual você pensa fazer as coisas muitas vezes não é a verdadeira razão pela qual você as faz.

Veja bem: se você é de alguma forma órfão, não tem a vida que gostaria pelo simples fato de que você não sabe qual é a vida que deveria ter. Seu senso de direção está afetado.

Todavia, não há motivo para você se entristecer! Agora que começou a compreender a realidade da sua vida, é possível realinhar seu rumo, pois existe um Pai real. Ele nunca decepciona e nunca fica ausente.

> Pai para os órfãos e defensor das viúvas
> é Deus em sua santa habitação.
> Deus dá um lar aos solitários,
> liberta os presos para a prosperidade [...].
>
> (Salmos 68.5,6)

Que belo texto! Deus é pai para os órfãos. Deus pode compensar a lacuna humana em sua vida assim como ele fez na minha.

Você pode estar se perguntando: "Como podemos encontrar um Pai?" Sigamos, juntos, para os capítulos finais, e tenha a sua filiação restaurada!

---

[1] Disponível em: <https://www.cdc.gov/>.


10

Paternidade restaurada

Sempre tive a preocupação de direcionar a minha dor e a minha tristeza para algo positivo. De alguma forma, eu sabia que isso me ajudaria a superar meus complexos. E quantos eram os complexos! Quanta vergonha! Quantas situações eu passei!

Deus me libertou da dor que eu sentia apenas de passar em frente à escola em que estudei. Deus transformou as minhas dores em força interior para ajudar outras pessoas.

Não sou mais o menino esquecido no banco da escola. Jesus fez de mim uma nova pessoa. Entendi que posso ter uma vida diferente.

Como afirmei anteriormente, quando observo as pessoas ao meu redor como um todo, entendo que esta é a geração mais sem pai de toda a História. A minha tristeza maior é que os pais não estão morrendo; eles escolhem estar ausentes. Como consequência, há toda uma geração de órfãos de pais vivos.

É claro que também entendo que esta é a geração sobre a qual Deus mais está liberando uma nova unção de paternidade. Pais estão voltando para casa, filhos estão se reconciliando, vidas estão sendo transformadas. Assim, há uma declaração profética para a qual Deus nos chamou. Deus está colocando seu Espírito em homens para a reconciliação.

Esta é a geração sobre a qual Deus mais está liberando uma nova unção de paternidade.

Deus está chamando os homens para serem pais que dão destinos aos seus filhos. Há uma revelação de paternidade na nova aliança que Jesus nos proveu.

Fazendo uma busca atenta, encontramos no Antigo Testamento a palavra "pai" usada 613 vezes. Sabe quantas dessas 613 vezes a palavra "pai" se refere a Deus? Apenas 4 vezes. No Novo Testamento, que é bem mais curto, a palavra "pai" é usada 301 vezes. Sabe em quantas delas se refere a Deus como Pai? Isso acontece 249 vezes!

Isso significa que 80% das ocorrências da palavra "pai" no Novo Testamento são usadas para falar sobre o Pai celestial. O Novo

Testamento é a revelação de um bom Pai. Isso nos aponta que a nova aliança é a restauração de um relacionamento com Deus como Pai individual.

A falta de paternidade e de legado gera dúvidas nas pessoas. Por isso, há tanta gente que se sente perdida, questionando muitas vezes o motivo de certas coisas que lhe sobrevêm. Todavia, aquele que tem Deus como o seu Pai consegue direcionamento e propósito.

A mãe é aquela que traz consolo, nutrição e conforto, mas a responsabilidade de apontar o destino e o propósito para o filho é do pai. E Deus quer restaurar os seus caminhos. Deus quer que você tenha propósito de vida.

As pessoas estão perdidas não por não saberem o que fazer, mas por não saberem o propósito do que estão fazendo! Quando você se posicionar como filho do Deus Pai, entenderá que há um legado. Legado é transferência de propósito.

Durante minha infância e adolescência, muitas vezes acordei de manhã depois de uma noite repleta de brigas e agressões com vontade de não ter acordado. Todavia, quando houve restauração do relacionamento da paternidade de Deus em mim, eu não somente queria acordar, como muitas vezes não queria nem dormir, tamanha era a minha ansiedade de viver o que Deus tinha para mim no dia seguinte.

Quando você acorda pela manhã e pensa que tudo está relacionado com você, gasta todo o seu tempo e a sua energia para ficar sem dor e para encontrar prazer. Contudo, quando você compreende que está na casa de um Pai na qual há muito amor, você passa a desempenhar uma vida acima da média, a sua vida passa a ter sentido e propósito.

Deus coloca a paternidade dele em você para que você seja pai de gerações, dos seus filhos, netos. Você não será o único beneficiado.

Foi exatamente nisso que me tornei, pai de gerações, pai de multidões. Eu gostaria muito de ter o meu pai vivo e poder dizer-lhe: "Pai, existe solução para o senhor, existe solução para a nossa família". Eu gostaria

muito de poder ter o meu pai vivo e poder dizer-lhe: "Pai, eu posso ajudar você, eu tenho em mim a capacidade de abraçar e dizer que amo você, porque Deus me restaurou. Deus colocou em mim a capacidade de amar você". Infelizmente, eu não tenho essa oportunidade, mas isso não me abate, porque posso amar muitas pessoas e ajudar aqueles que não têm pai. Hoje eu posso abraçar aqueles que não foram abraçados. Hoje eu posso estender as mãos àqueles que nunca tiveram apoio.

Costumo dizer que aprendi o poder de um catalisador. Os gases tóxicos da minha vida, por meio da combustão do amor de Deus, foram transformados em cura que está disponível para toda a sociedade. Os projetos sociais e ministeriais da Reviver são a forma de contra-atacar em amor cada pedrada que a vida tinha atirado contra mim. Isso é honrar!

Quando o princípio de honra na paternidade está presente na vida de uma pessoa, também existe o princípio de um caminho mais elevado. Quando você entender que a sua paternidade é real, viverá um legado em um nível elevado. O legado da paternidade pode não ter sido deixado pelos seus pais humanos, mas foi deixado pelo seu Pai celestial.

No decorrer deste livro, apresentei para você o Centro de Recuperação Feminino Conviver, os abrigos para crianças e adolescentes, o Lar da Família, o Mercado Solidário e as ações da ABAAS. Também introduzir nossos ministérios de esportes e o Projeto Acolher, que está em fase de implantação. Além disso, mostrei que estamos atuando também no Haiti, numa obra missionária que conta com uma igreja e implantará uma escola. Na medida do possível, busquei incluir o testemunho de pessoas que também tiveram a vida transformada, geração da minha geração, que também geram vida em outras pessoas.

Quando eu tinha 12 anos de idade, jamais poderia imaginar o que estou vivendo. Aos 13 anos, tudo começou a mudar, e Deus me levando a seguir esse caminho de resgate de mim mesmo e da possibilidade de resgate de muitos.

Hoje eu vivo o texto bíblico "POSSO TODAS AS COISAS EM DEUS, QUE ME FORTALECE" (Filipenses 4.13)! E estou aqui para estender a você o convite de aceitar o amor do Pai, passar a viver como filho e desfrutar da graça de ser plenamente amado.

Deus usa condições improváveis

A minha vida foi transformada. Eu não vivo mais preso a uma vida de escravidão. Aquelas mentiras que por muito tempo me aprisionaram foram transformadas nas verdades que Deus tem para mim.

A minha condição foi transformada de órfão em filho amado de Deus.

As minhas vestes emocionais foram trocadas por uma nova mentalidade, a mentalidade que Deus tinha para mim. Eu ganhei um novo anel, um símbolo da reafirmação das promessas de Deus para a minha vida. Ganhei também um novo destino e novos calçados que me direcionaram para um novo caminho.

As disfunções emocionais adquiridas por causa dos conflitos de casa, da vida solitária — fragilidade, insensibilidade, medo, carência, rebeldia, codependência, sentimento de inexistência, valores quebrados, falta de princípios, isolamento, desvalorização — foram agora trocadas por vida abundante, filiação, identidade, significado de vida, propósitos, sonhos, herança, honra, conquistas, gratidão, fé, amor, carinho, amadurecimento, compaixão, consolo, vitória, esperança, destino.

Aprendi que meu limite é o céu. Tudo que há no céu se torna possível para mim.

Veja, Deus não tinha, ou tem, isso tudo apenas para mim. Ele tem para todos. Talvez você esteja em uma posição de humilhação e desesperança, como por muito tempo eu estive. Acredito em uma coisa: tudo o que eu tenho vivido não se resume a preferências. Não sou preferido de Deus. Tudo de que hoje desfruto são possibilidades que podem também estar disponíveis para você. Há um céu aberto para você e um Pai esperando de braços abertos para o receber. Tudo o que acontece na sua vida hoje pode mudar com o simples fato de você decidir ir até o encontro do Pai e abraçá-lo.

Você precisa compreender que o seu passado ou sua condição atual não são a sua realidade. Sua realidade é o céu. Sua realidade é aquilo que é eterno. Sua realidade é tudo o que Deus tem para você como filho.

Muitas vezes, estamos tão aprisionados pelo passado e pelas mentiras que são lançadas sobre nós que acabamos algemados a eles. Nossa

mente se torna cativa. Ficamos aprisionados e desenvolvemos o sentimento de que não há nada mais relevante para nós do que a morte. Essas prisões são caminhos que nos levam à morte. Quando estamos nesses caminhos, os pensamentos de morte chegam e se tornam recorrentes. Mas a vida não é isso! Deus tinha para mim e tem para você algo completamente oposto. Deus tem para nós vida, e vida em abundância. Plenitude de vida!

Você precisa compreender que o seu passado, ou sua condição atual, não são a sua realidade.

No texto bíblico de João 10.10, Jesus diz: "O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham plenamente".

Você observou com cuidado o texto? Preste atenção em quem vem para roubar, matar e destruir! Por muito tempo em minha vida, foi assim: o "ladrão" roubava os meus sonhos, tentava fazer que eu me suicidasse e destruía a minha família. Mas a fala é de Jesus, e ele diz que é o oposto do "ladrão". Jesus me apresentou uma nova vida. E ele não o fez para me pedir algo, mas para me oferecer vida plena.

Jesus veio para que todas as pessoas tenham nele uma vida significativa, intencional, alegre e eterna. No momento em que o recebi como meu Salvador, essa vida abundante também foi apresentada a mim.

"Vida abundante" não é uma vida sem adversidades. "Vida abundante" acontece quando aprendemos a viver abundantemente em meio às adversidades.

A palavra "abundante" no grego é *perisson*, que significa "muito, muito bem, além da medida, mais, supérfluo, uma quantidade tão abundante que chega a ser mais do que era de esperar ou antecipar".[1] Jesus nos promete uma vida muito melhor do que poderiamos imaginar. Observe as palavras do apóstolo Paulo:

> Todavia, como está escrito:

"Olho nenhum viu,
ouvido nenhum ouviu,
mente nenhuma imaginou
o que Deus preparou para aqueles que o amam" (1Coríntios 2.9)

A vida é determinada por escolhas. E cada escolha gera consequência. Eu pude entender isso quando comecei a ter um relacionamento com Jesus. Eu não aceitava mais a minha vida do jeito que era, queria mudar. O amor de Deus tinha entrado em meu coração de tal forma que o meu passado não me incomodava mais.

Deus tem por você o maior amor que existe. Vai além das suas crises, dos seus questionamentos e pensamentos de escassez.

Hoje eu entendo o que significa a palavra grega *sozo*,[2] citada na Bíblia para denominar salvação, cura e libertação. Essa é a melhor definição para o processo que eu passei em minha vida após a conversão.

É desejo de Deus trazer não apenas solução para os nossos problemas; Deus quer nos restaurar por completo. O plano de Deus não é somente gerar paz em nossa vida, mas nos restaurar, no corpo, na alma e no espírito.

Deus quer nos colocar de volta em nossa posição original, a posição de filhos.

O processo de cura começa quando a pessoa compreende a demonstração de amor do Pai da parte de Deus. Quando eu comecei a viver *sozo* em minha vida, ou seja, salvação, cura e libertação, comecei a reagir de maneira diferente em todas as situações.

Lembro-me de quando parei de estudar por sofrer muito na escola. B*ullying* era algo cotidiano em minha vida estudantil. No ano seguinte, eu tive de voltar a estudar, mas minha mãe me matriculou em outra escola. Eu sofria lá também, mas já reagia de maneira diferente aos ataques dos outros alunos. Eu conseguia me defender, quer de palavras lançadas quer das agressões físicas. Dessa vez, eu tinha Deus.

A partir do momento em que foquei Deus, mesmo que eu chegasse a esses lugares, não deixava a atmosfera negativa me moldar. Muito pelo contrário, eu agora tinha o amor, os sonhos e o foco que Deus estava compartilhando comigo.

Aquela visão de destruição e de briga poderia determinar as minhas decisões e a minha caminhada. Todavia, eu já havia compreendido que tinha encontrado um Pai; então, a minha maneira de ver as coisas mudou. Eu não via mais com base na minha situação, pois a minha transformação foi tão grande que passei a ver as coisas da ótica do meu Pai celestial.

Agora, para mim, as situações adversas começaram a não me afetar mais; eu tinha conseguido criar um bloqueio com a ajuda do meu Pai celestial que estava e permanece comigo.

A maneira de vermos o mundo determina a nossa maneira de caminhar.

Eu tinha recebido Jesus, tinha trocado as mentiras que estavam me aprisionando por tanto tempo pelas verdades que o Pai tem a meu respeito.

A restauração que estava se iniciando em minha vida fez que eu recebesse uma ficha limpa. Não constava em minha ficha que eu tinha feito coisas erradas. Aquela humilhação e aquele aprisionamento diante de uma situação de destruição familiar tinham sido removidos, e eu pude voltar para a rota que Deus tinha sonhado para mim.

Eu não era mais escravo de uma situação familiar impossível de ser resolvida, eu tinha sido liberto para uma nova vida. A porta que estava aberta tinha se fechado, eu tinha sido restaurado, e a mentira que estava me aprisionando foi vencida.

Antes de eu começar a me relacionar com Deus, toda vez que estava em casa, sentia uma atmosfera pesada. Ali era um lugar de muita briga, muito desespero e angústia. Na escola, não era diferente. Meus colegas sempre brigaram comigo, durante muitos anos. Eu fui escravo da minha situação, e isso me paralisava. Eu não via saída.

A partir do início do meu relacionamento com Deus, as coisas começaram a mudar, passaram a ser diferentes. Não havia mais desesperanças. Cada novo dia era sempre melhor que o anterior.

A mudança que tanto minha família esperava existia! Comecei a compartilhar sobre tudo que eu estava experimentando. Eu queria que a minha família também experimentasse toda essa transformação que o amor de Deus pode gerar. Então, esse se tornou o meu objetivo. Comecei a orar por eles, comecei a falar de Jesus para eles. Passei a ter uma mudança de comportamento e de assunto. Mudei a forma de olhar para todos; comecei a vê-los da maneira que Deus me via e a mostrar-lhes que eu tinha encontrado uma saída.

Fique atento a isto: Você não é aquilo que pensa que é. Você não é as mentiras em que tem acreditado. Você é muito mais!

Assim como Deus começou a fazer na minha vida, ele está disposto a remover do seu coração as inverdades que têm norteado a sua vida. Deus, o Pai, o ama e se alegra com você.

Há um versículo bíblico que diz:

> "O SENHOR, o seu Deus, está em seu meio,
> poderoso para salvar.
> Ele se regozijará em você,
> com o seu amor a renovará,
> ele se regozijará em você ,
> com brados de alegria".
> (Sofonias 3.17)

Deus o ama e ele se alegra com você; ele o procura e quer ter um relacionamento com você e, mesmo que você não faça nada a respeito disso, ele continuará amando você.

As minhas experiências não determinam a minha identidade.

Compreendo que agora passe na sua cabeça que tudo isso sobre o que falei é uma bela teoria e que tenha funcionado muito bem na minha vida,

mas que não se aplica à sua. Isso não é verdade; é mais um engano que o "ladrão" está tentando incutir na sua vida para que você abra mão de todas as maravilhas que o Pai tem preparadas para a sua vida também. Levarei você a mergulhar no amor de Deus e a encontrar nele um Pai e reconhecer o seu papel de filho.

Curado da dor

Muitas pessoas têm medo da dor. Acreditam que a sua única responsabilidade é externar um ânimo que não existe. Consequentemente, as pessoas que sofrem empurram a dor para debaixo do tapete, em vez de confrontá-la, com a intenção de que o choro contido perca a sua força.

É quase impossível mudar nossa realidade até que a questionemos. Não podemos questionar o que nos recusamos a confrontar.

Esse ciclo de dor contida sem tratamento leva a uma vida de agonias. Muitas vezes, fui assim. Eu escondia a minha capacidade nas mentiras e nas dores emocionais que tinha. O meu ponto de apoio era a fralda de pano que eu carregava comigo. E o seu, qual é? Muitas vezes, um relacionamento, um trabalho, um sentimento ou falta dele, pode ser qualquer coisa. Muitas vezes, criamos apoios que se tornam nosso "amuleto" para nos escondermos. Quando eu entendi que poderia afastar as minhas dores de forma real, decidi me tornar filho de Deus.

Quando você aceita a sua condição de filho de Deus, precisa aprender a se afastar da dor, não a escondê-la, para se tornar uma pessoa saudável e íntegra que vive uma vida cheia de alegria.

Quando pergunto às pessoas: "Qual é o seu processo para lidar com a dor?" e "O que você faz com as suas dores?", quase sem exceção, as pessoas dizem que confiam em Deus ou que estão resolvendo. Isso até soa bonito. Mas quando pergunto: "Como você resolve de forma prática?", em 90% das vezes a resposta é: "Não sei ao certo". Para ser curado, é importante você ter atitudes práticas que possibilitem a transformação da

sua realidade.

Antes de qualquer outra coisa, é necessário perdoar aqueles que causaram dor à sua vida.

O *perdão é o primeiro passo da jornada para deixar a dor para trás*.

> "Você não devia ter tido misericórdia do seu conservo como eu tive de você?" Irado, seu senhor entregou-o aos torturadores, até que pagasse tudo o que devia. (Mateus 18.33,34)

Como o texto bíblico indica, a falta de perdão abre portas para que atormentadores possam assediar você. Tudo que esses atormentadores querem é paralisar você. Mas o perdão (ah, o perdão!) livra você das amarras e o liberta para começar a viver em paz.

O perdão é um ato baseado na sua vontade, é uma escolha, não uma manifestação do seu desejo. O perdão causa em você uma sensação agradável. O perdão significa simplesmente que você não deseja mais punição para aquela pessoa que infligiu dor em você. Perdoar liberta você!

Sigamos agora para a sua libertação completa e para o seu futuro cheio de propósito com o seu Pai celestial!

---

[1] Mounce, William D. **Léxico analítico do NT grego**. São Paulo: Editora Vida Nova.

[2] A palavra grega *sozo* aparece 110 vezes no Novo Testamento e significa "salvar ou tornar-se completo" ou, popularmente, salvação, cura e libertação.


11

Descobrindo o seu propósito

Acredito que nenhum ser humano nasceu por mero acaso. Há um motivo, uma razão, para cada um estar na terra. Todos nós temos um propósito. Não é porque fomos criados com um propósito, contudo, que o conhecemos. A vida de cada pessoa a leva, às vezes, por caminhos demasiadamente tortuosos, que a fazem ter dificuldade de compreender quem é e como pode se tornar a melhor versão de si mesma.

A minha vida sempre foi marcada por tristeza, frustração e destruição. Olhando de fora, qualquer um poderia dizer que eu seria uma pessoa limitada pelo resto da vida. À minha volta, por muitos anos, tudo o que existia era destruição; não somente a minha casa, mas também as minhas emoções, o casamento dos meus pais.

Por muito tempo, ainda na infância, o meu maior desejo era morrer. Eu desejava a morte por não conseguir vislumbrar outra saída. Diversas vezes, escrevi cartas com pensamentos suicidas e me tranquei no quarto dizendo repetidamente: "Quero morrer, quero morrer!".

Eu era uma pessoa totalmente vazia. A minha vida era sem sentido. Eu não tinha objetivos, sonhos e ambição para o meu futuro. A pergunta, que muitos fazem, "O que você gostaria de ser no futuro?" não tinha resposta plausível na minha mente. Por mais que eu tentasse, ao olhar para mim mesmo, não conseguia ver um significado.

Algumas pessoas me olhavam com pena. Outras usavam gestual depreciativo. Outras tantas falavam diretamente a mim. Eu me sentia fadado ao fracasso!

Durante um tempo, achei que a minha vida não era importante e que ninguém sentiria minha falta se eu não estivesse ali. Só conseguia olhar a vida através da lente de um pai alcoólatra e sem futuro. Às vezes, até me alegrava, mas o normal era viver possuído por um sentimento de profunda tristeza.

Adolescentes que têm pensamentos suicidas costumam demonstrar reação aos fatos que lhes fazem mal. No meu caso, eu escrevia essas cartas, me isolava e passava por anedonia (perda de interesse

Descobrindo o seu propósito 191 em atividades antes praticadas), sentimento de abandono, problemas familiares e escolares, desesperança em relação ao futuro.

Devemos ter sempre isto em mente: "Quando uma pessoa pensa em suicídio, ela quer matar a dor, mas não a vida".[1]

Embora o índice de suicídio entre adultos seja maior, o crescimento desse tipo de fatalidade entre os mais jovens é grande no Brasil. De 2005 a 2016, conforme os últimos dados disponíveis no Ministério da Saúde, o suicídio na faixa etária de 10 a 14 anos aumentou 31%, passando de 0,54 para 0,71 por 100 mil habitantes. Entre aqueles com 15 a 19 anos, subiu 26%, saltando de 2,97 para 3,76 por 100 mil pessoas. Estudiosos do tema acreditam que os números reais sejam maiores.[2]

Hoje, no Brasil, o principal meio disponível para quem precisa de ajuda nos temas relacionados à tentativa de suicídio ou pensamentos suicidas é o Centro de Valorização da Vida (CVV). O CVV é uma associação sem fins lucrativos que há cinquenta e quatro anos oferece serviço voluntário e gratuito de apoio emocional e prevenção ao suicídio.[3]

Em parceria com o Ministério da Saúde, o CVV tenta barrar o crescimento de mortes autoprovocadas no país. Essa associação atende à sociedade por meio de ligações gratuitas pelo número 188, que podem ser feitas de telefone fixo, celular ou mesmo de telefone público, desde março de 2017. Desde que o atendimento se tornou gratuito, as ligações saltaram de 1 milhão para 2 milhões por ano. A projeção para 2019 é de mais de 3 milhões de atendimentos.[4]

Esses são dados extremamente alarmantes. Ter 3 milhões de pessoas na sociedade do nosso país em um único ano pensando em dar cabo da própria vida é um dado que deve levar cada brasileiro a refletir sobre quanto a nossa sociedade está doente. O que leva uma pessoa a desejar morrer a tal ponto de intentar contra si mesma? Como pode uma pessoa chegar a essa situação? A dor emocional é o combustível que nos induz ao ciclo de autodepreciação. É um dos piores tipos de dor que uma pessoa pode sentir.

Todo esse pensamento e abalo psicológico podem se iniciar no seio familiar. Os pensamentos de impotência e de incapacidade diante das

situações que a vida apresenta também são preponderantes. Todos os dias, muitas mentiras são ditas a nosso respeito: "Você não vai conseguir! Sua família será sempre destruída! Sua dor só terá fim com a sua morte!". Tudo isso leva à necessidade de tentar acabar com a dor.

Muitas vezes, o pensamento de que estamos sempre incomodando também acaba tomando conta de forma tão grande que a pessoa pensa que a morte é a única forma de parar de incomodar o próximo.

Por muito tempo, carreguei essas e outras mentiras a meu respeito como se fossem verdade. Eu carregava um fardo pesado demais. Era rejeição, orfandade, desvalorização, incredulidade, ansiedade, isolamento, apatia, fracasso, amargura, baixa autoestima, raiva de mim mesmo etc. Por muito tempo, essas mentiras guiaram a minha vida.

Lembro-me de uma frase de Bill Jonhson[5]: "Se existe uma área da sua vida que não tem esperança, é porque você tem acreditado na mentira".

Todavia, chegou o tempo da verdade! Quando eu interrompi o ciclo das mentiras que gritavam aos meus ouvidos, quebrei as cadeias que me prendiam a elas. Com isso, não mudei apenas o meu destino, mas o destino dos meus filhos também. Hoje eu posso dizer que os meus filhos podem ser bem-sucedidos, não simplesmente ser netos de um alcoólatra.

Eu comecei a descobrir os verdadeiros valores a meu respeito e, então, algo em minha vida mudou. Na verdade, TUDO começou a mudar!

A primeira coisa de que tomei consciência foi a necessidade de entender a minha identidade. Logo de início, de uma coisa eu tinha certeza: a minha verdadeira identidade não estava relacionada com as mentiras que falavam a meu respeito ou até mesmo com as que eu pensava sobre mim mesmo. Sim, meu pai era alcoólatra, mas pude ver que a vida tinha muito mais a me oferecer. Ao descobrir a minha identidade, pude começar a viver com base em quem eu sou, não nas circunstâncias que me rodeavam.

Essa identidade somente pode ser compreendida quando começamos a nos relacionar com Deus. Eu tinha começado esse relacionamento. Tinha encontrado alguém que, além de me ouvir, estava me ensinando um novo

Ao descobrir a minha identidade, pude começar a viver com

caminho. Meu destino estava começando a ficar claro para mim, e todo aquele processo pelo qual eu tinha passado estava sendo explicado. Na verdade, tudo de que eu precisava era de um Pai. Por meio desse Pai, pude descobrir o meu verdadeiro propósito! Você só descobre o verdadeiro propósito da sua vida quando tem a sua paternidade em Deus bem resolvida. A paternidade revela a identidade; a identidade revela o DNA; o DNA revela o propósito; e o propósito que revela o poder.

base em quem eu sou, não nas circunstâncias que me rodeavam.

Descobrir a sua identidade o faz agir com base em quem você é, não nas suas circunstâncias.

Outra coisa que entendi foi: Até que eu realmente saiba quem eu sou, jamais poderei mudar o meu destino e cumprir o meu propósito. Com isso, de repente, uma frase surgiu, como que por conta própria, na minha mente: *Sem o Deus Pai, não há como entender o propósito; a vida não faz sentido*.

A chave para a mudança na minha vida aconteceu quando aquela vizinha, dona Irene, me convidou para ir a uma igreja. Não quero aqui parecer religioso, dizendo que a igreja mudou a minha vida. O que quero mostrar é que aquele foi o ambiente que me proporcionou conhecer um Pai, o Pai que compreendia a minha situação e que mudou completamente a história da minha vida. Foi no ambiente de uma igreja evangélica que *encontrei um Pai*. E esse Pai me mostrou minha verdadeira identidade, a de filho amado!

Em ambientes de MILAGRES, você descobre que Deus faz GRANDES COISAS com o pouco que você tem!

Aos 13 anos, eu estava completamente desesperado, sem vontade de viver. Eu já podia entrar para a estatística de adolescentes que pensam em suicídio. Eu tinha consciência de que não conseguiria superar nada

sozinho.

Ao entrar pela primeira vez num templo evangélico, ouvi aquela adorável canção:

> [...] Pra te adorar, oh, Rei dos reis,
> foi que eu nasci, oh, rei Jesus;
> meu prazer é te louvar,
> meu prazer é estar na casa do Pai [...].[6]

A minha vida começou a ganhar significado, a ser preenchida de alegria. Eu me senti muito bem, feliz e acolhido. Voltei semana após semana e estendi o convite em casa:

— Mãe, acho que eu encontrei uma saída para a nossa família!

Havia acontecido algo em meu coração que me movia para a mudança. É claro que as coisas não aconteceram repentinamente. A mudança começou primeiro no meu coração e na minha maneira de pensar. Foi uma mudança que aconteceu aos poucos, de dentro para fora.

Nos primeiros dias, eu estava empolgado com o que estava acontecendo comigo, mas a minha família ainda era a mesma. O meu desafio de buscar mudança era muito grande, porque a minha casa ainda era a mesma, o meu pai ainda era o mesmo. O ambiente de casa ainda era o mesmo. Era uma sensação bastante controversa: nada tinha mudado, mas tudo mudara! Ao meu redor, nada havia mudado, mas dentro de mim tudo era diferente. Mesmo diante desse turbilhão em casa, comecei a acreditar que era possível haver uma transformação na minha família.

Tomei consciência de que eu não tinha nascido por acidente. A minha mãe não disse "não" ao aborto por coincidência. Deus tinha um propósito para mim. Era a isso que eu me agarrava todos os dias.

Conforme o tempo passava, começou a mudar o ambiente da minha casa. A minha mãe estava sendo tocada.

Muitas vezes, acreditamos que as coisas vão mudar instantaneamente, o que pode até acontecer, mas na grande maioria dos casos

Quando, e somente quando, Deus se torna o ponto de referência da nossa vida, descobrimos o

acontece o oposto: as coisas até pioram. O grande desafio daquele que crê é manter-se firme na promessa. Deus alinha e direciona as coisas, e ele faz isso o tempo todo. Deus nunca perde as rédeas do Universo.

significado e o propósito de viver.

Nada me impediu de continuar frequentando a igreja.

Eu realmente tinha encontrado um lugar.

Eu finalmente era aceito.

Eu finalmente havia encontrado um lar.

Eu havia encontrado um Pai.

Somente isso importava.

Encontrar um Pai é encontrar tudo!

O Pai celestial também está disponível e ansioso para ser encontrado por você.



O seu encontro com o PAI

O relacionamento mais importante que cada um de nós pode desenvolver com Deus é o de filho. E esse relacionamento só é possível mediante Jesus. Como ele mesmo disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim" (João 14.6). Escolher acreditar que ele é quem alegou ser — o Filho de Deus e o único caminho para a salvação — e recebê-lo pela fé como o seu Senhor e Salvador é o ato mais vital que alguém pode fazer.

Acreditar que ele, e somente ele, pode restaurar a sua identidade de filho de Deus, assim como fez comigo, fará que a sua vida seja transformada para sempre. Deus espera por você. Ele está sempre de braços abertos para o receber e, assim, conceder nova vida. Ele é a vida. E você, o seu filho amado.

Talvez você esteja tão envolvido com as mentiras que circundam sua mente que imagine que iniciar um relacionamento com o Pai seja algo complexo de fazer. Mais um engano! Encontrar o Pai é algo singelo, e apresento para você aqui uma oração, a mesma que transformou a minha vida e pode transformar a sua também neste momento. Você pode fazer isso agora mesmo, caso ainda não tenha entregado a sua vida a Jesus. Convide-o para fazer morada no seu coração:

Jesus, eu creio que tu és o Filho de Deus, que tu morreste na cruz para me resgatar do pecado e da morte e para restaurar meu relacionamento com o Pai. Eu escolho agora me afastar dos meus pecados, da minha vida de orfandade e de todas as partes da minha vida que não te agradam. Eu te escolho. Eu me entrego a ti. Recebo o teu perdão. Peço que tomes o teu lugar de direito no meu coração como o meu Salvador e Senhor. Vem reinar em mim. Enche-me com o teu amor e a tua vida e ajuda-me a tornar-me um filho amado de Deus Pai — uma pessoa como tu és. Somente o teu amor pode enviar para longe de mim o espírito de orfandade. A minha identidade está somente em ti. Eu recebo a totalidade desse teu amor. Restaura-me, Jesus. Vive em mim. Ame por meio de mim. Obrigado, Deus. Em nome de Jesus, eu oro. Amém.

Reflita um pouco sobre essa nova relação e seja bem-vindo à sua nova condição de vida: filho amado de Deus Pai!

---

[1] Augusto Cury.

[2] Disponível em: <https://www.cvv.org.br/>.

[3] Ibidem.

[4] Ibidem.

[5] Pastor da Bethel Church, na Califórnia, EUA.

[6] Ministério Koinonya de Louvor.


12

Encontrei um Pai

Encontrei um Pai! Sim, eu *encontrei um Pai*!

Esse encontro fez a minha mente se abrir. Até então, eu vivia dias escuros e nebulosos. Mas agora tudo aquilo que me paralisava e me tornava fechado e introspectivo tinha se aberto para mim. Era como se, no clima nublado de toda a minha vida, o Sol tivesse finalmente aparecido, seus raios penetrassem por entre as nuvens, a ponto de me trazer alento, novo ânimo e esperança. Uma vida sob o Sol, logo para mim, que achava que esperança nem sequer existia.

Era como se eu estivesse voltando a ter sonhos e, à medida que ia me relacionando com Deus, ele fosse compartilhando mais sonhos comigo. O Sol ia raiando em meio às nuvens de maneira cada vez mais intensa na minha vida.

Ainda que muitas pessoas não acreditassem nos meus sonhos, olhassem para o meu exterior e as minhas circunstâncias e não vissem possibilidades de esses sonhos se realizarem, Deus seguia me empoderando cada dia mais e me mostrando que isso seria possível.

O Pai celestial não via as acusações que o meu pai terreno tinha gerado. Muito pelo contrário, Deus sempre mostrou quanto eu tenho valor, capacidade de vencer as circunstâncias e ir além, de ser alguém com um propósito de vida. Eu aprendi que não estou na terra por acaso ou por mera coincidência do destino. Aprendi que Deus tinha preparado algo extremamente grande. Eu não podia ver naquele momento, mas o Senhor já estava disponibilizando tudo que era necessário.

Entendi, então, que antes eu não poderia ir muito longe, pois não tinha identidade. Ah, mas agora tudo é diferente! Eu tenho uma identidade: sou filho, filho do Deus vivo. Nada é capaz de mudar a minha posição de filho de Deus. Compreendi que, para Deus, não importava o que meu pai terreno tinha feito ou deixado de fazer, a transformação que ele tinha para a minha família começaria por mim. O lar que encontrei em Deus fez que eu sentisse a paz e o amor de que eu tanto necessitava.

Aquele menino quieto,

temeroso,
acuado,
recluso,
triste,
improvável,
filho de pai alcoólatra,
vindo de família totalmente desajustada,
dava lugar a um homem em formação
que tem, em Deus, seu Pai,
seu valor e sua identidade firmados.
Uma nova história Deus construiu para mim!

E, por meio da minha nova história, eu me coloquei à disposição para que Deus alcançasse toda a minha família! Somos parte da narrativa que está sendo construída de forma poderosa e exponencial por Deus.

Infelizmente, como falei anteriormente, a orfandade não afetou apenas a minha vida e a minha família! Ser órfão ou viver em estado de orfandade afeta muitas pessoas. Praticamente todas as pessoas são de alguma forma afetadas por algum estado de orfandade. Reflita sobre a sua vida. Você vive ou viveu em estado de orfandade? Qual tipo de orfandade afeta você? A de nunca se sentir filho? A de se sentir rejeitado, razão de se tornar rebelde? A de se sentir preterido em relação aos irmãos? A de ser comparado com alguém que sempre está à sua frente?

Somos parte da narrativa que está sendo construída de forma poderosa e exponencial por Deus.

A orfandade causa sensação de não pertencimento, de afastamento e de não ser amado nem amável. Surge como uma interferência em nossa maneira de ver a nós mesmos, trazendo distorção da autoimagem e nos afastando da verdade que está em Deus. Também faz crescer a sensação de inadequação, a timidez, o medo e, com isso, desenvolvemos um desejo

de nos escondermos ou não enfrentarmos a realidade. Você entende a extensão de estragos que a orfandade pode causar na vida de uma pessoa?

Em mim, a orfandade fez um estrago enorme. Todavia, eu não estou aqui para remoer dores. Estou aqui nesta jornada com você para dizer que Deus fez muito mais do que consertar a minha vida. Deus colocou a minha casa em ordem! E não falo somente de casa física; Deus colocou meus sentimentos em ordem, meu coração em ordem, minha forma de ver a vida em ordem! Deus me deu uma vida novinha em folha! É por isso que hoje eu posso ajudar a mudar a história de muitas pessoas. A minha vida é o grande exemplo de como alguém pode superar os obstáculos e alcançar a grandeza.

A minha vida é o grande exemplo de como alguém pode superar os obstáculos e alcançar a grandeza.

Somente Deus pode restaurar o que está quebrado na sua vida. Somente o amor de Deus pode tirar você da tristeza que sente agora e criar algo maravilhoso em sua vida. Somente Deus pode trazer paz para aquilo que aconteceu no seu passado. Somente o amor de Deus pode trazer sentido para a sua vida no presente e esperança para o futuro. Os planos de Deus para nós são muito maiores do que os nossos sonhos.

O amor pode mudar tudo!

Sim, você acaba de ler corretamente! O amor pode mudar tudo!

Em certo sentido, é verdade que você só precisa de amor, principalmente quando examinarmos as definições de amor que estão na Bíblia. Então, vamos refletir sobre que amor é esse que pode mudar tudo.

Estou convencido de que as gerações mudariam, os índices criminais cairiam, os divórcios diminuiriam e as imoralidades seriam menos frequentes se a humanidade simplesmente experimentasse a verdade por trás destas palavras: "Existe um Pai que ama você!".

Você é a prioridade de Deus! Você não é tudo que ele tem, mas é a melhor parte da criação dele. Ele o ama tanto que está disposto a contar para você os segredos que os anjos desejam conhecer. Você é herança de

Deus.

O SENHOR confia os seus segredos aos que o temem, e os leva a conhecer a sua aliança.
Salmos 25.14

Você é filho de Deus, parte da família dele. A única criatura que foi criada à imagem e semelhança dele. A única a ser redimida pela morte do próprio Filho de Deus. A única que teve permissão para carregar a glória de Deus. Você é a menina dos olhos dele, a esperança da glória dele. A noiva do Noivo. Deus se agrada de você com alegria. Não existe nada, não existe ninguém que seja capaz de separar você do amor de Deus, nem mesmo você pode fazê-lo. Não há nada nesta vida que você faça que possa levar Deus a o amar menos. Qualquer um que ouse mexer com você terá de responder diretamente a ele. Deus ama você e ponto final.

Não há nada nesta vida que você faça que possa levar Deus a o amar menos.

O amor que provém de Deus é capaz de curar e transformar toda e qualquer pessoa e situação. É incrível testemunhar o poder de cura do amor de Deus. Esse amor clareia os seus olhos e leva luz ao seu coração. Uma luz tão reluzente que é capaz de libertar você da escuridão e de arrancar as mentiras que estão enraizadas em sua vida.

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças. (Isaías 53.4)

O amor de Deus é tão grande em nossa vida que podemos vê-lo em três características.

O amor de Deus é multidimensional. Ele tem largura. É um oceano extenso, repleto de adoração e que cerca você com compaixão, cortejo e admiração. O amor cobre você nos momentos em que está cercado pela escuridão e o protege durante a noite. Ele o saúda pela manhã e sorri para você ao longo do dia. Ele é a esperança para os desanimados e a paz para os perdidos.

O amor de Deus tem comprimento. Ele percorre distâncias. É

impossível cair a uma distância que o amor não possa segurar, ou correr tão depressa que ele não possa pegar, ou se esconder tão bem que ele não possa encontrar. O amor de Deus é melhor que o seu melhor dia, é mais forte que a vontade mais desafiadora e pode perdoar o seu mais terrível pecado. Quando você desiste, o amor continua. Quando você cai, ele segura. O amor é coragem para os medrosos, esperança para os desesperançados e força para os cansados.

Paulo enfatiza essa dimensão do amor de Deus em Efésios 3.20. Ele escreve que Deus é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós. Se você pediu, o amor dá mais; se pensou, o amor sonha além. Se anseia alcançar grandes alturas, o amor anseia mais alto. Se você sonhou com uma família; o amor sonha com um legado. Se pediu por um filho, ele dá milhares. Se você pediu um emprego, o amor dá um destino. Se você esperou ter paz, o amor leva a um ministério. Se você orou pelo céu, o amor proporciona uma cidade a transformar. Vá em frente, pense grande, mas saiba: por maior e melhor que isso pareça, jamais se comparará àquilo que o amor de Deus já planejou para você!

O amor de Deus tem profundidade. Ele é intenso, complexo, profundo e capaz de penetrar a sua alma. A revelação do amor é demonstrada perpetuamente à medida que você espreita a sua substância e experimenta o seu esplendor. Como um oceano muito profundo ou um universo incrivelmente vasto, ele acena para ser descoberto e anseia por ser capturado. À medida que você anda com seu amor, ele derrota os seus medos.

Afinal, o que é o amor? O que é esse misterioso e maravilhoso amor de Deus?

O amor de Deus é a revelação de Deus em mim.

O amor de Deus é o próprio Deus mudando a minha história e trazendo para mim a sensação de pertencimento.

Agora estou integrado a uma família por meio do amor.

Sou chamado de filho porque ele me ama.

Sou capacitado para vencer porque ele me ama.

Eu posso seguir em frente porque o amor de Deus se revelou a mim de tal forma que mudou as minhas raízes.

Agora eu estou enraizado em uma terra que transfere vida, não mais morte.

Agora estou enraizado em uma terra que transfere amor, não mais tristeza.

Esse foi o amor que me encontrou.

Esse foi o amor que me resgatou lá daquele banco da escola.

Foi esse amor que me retirou da escuridão e do isolamento do meu quarto.

Foi esse amor que me salvou de cima do muro.

Foi esse amor que substituiu minha fralda de pano por um abraço.

Foi esse amor que me trouxe segurança.

Esse amor também está disponível para você. O amor de Deus está esperando para resgatar você e o tirar desse isolamento e também desse esconderijo. Ele quer trazer paz e segurança para você. Conforto e ousadia para fazer de você quem realmente é: FILHO!

Quando você receber plenamente esse amor, se tornará uma nova pessoa. Aquelas coisas velhas e más serão retiradas da sua alma. O seu coração será preenchido pelo grandioso amor de Deus. Você se tornará um cidadão real, um nobre e um filho do próprio Rei. Você carregará a natureza divina e terá a mente de Deus, de modo que passará a pensar e a ver da perspectiva das coisas reveladas de Deus.

O amor nunca desiste.
O amor se preocupa mais com os outros que consigo mesmo.
O amor não quer o que não tem.
O amor não é esnobe,
Não tem a mente soberba,
Não se impõe sobre os outros,
Não age na base do "eu primeiro"

Não perde as estribeiras,
Não contabiliza os pecados dos outros,
Não festeja quando os outros rastejam,
Tem prazer no desabrochar da verdade,
Tolera qualquer coisa,
Confia sempre em Deus,
Sempre procura o melhor,
Nunca olha para trás,
Mas prossegue até o fim.

(1Coríntios 13.4-7, *A Mensagem*)

O amor de Deus é o único tipo de amor que transforma as pessoas! É o amor de aliança, que faz que as pessoas sejam plenamente realizadas, porque elas sabem que são amadas além da sua capacidade de desempenho.

Qualquer coisa diferente disso reduzirá a sua capacidade, ou pelo menos retardará o seu destino. O amor de Deus tudo realiza, tudo alcança e tudo transforma. O Pai está convidando você hoje para entender o valor desse amor tão abundante. A despeito de suas experiências, o amor do Pai tem o potencial de o tornar uma pessoa melhor.

Retorno de honra

Chegou a sua hora!

Tudo começa com uma entrega. Basta aceitar Deus como Pai que ele o levará de volta à posição original de filho. Tudo que as mentiras querem é o afastar da posição de filho e fazer de você um órfão. Existe uma nova possibilidade para você: Deus está dando a você agora a oportunidade de viver esse amor que já está disponível.

Quero considerar com você a história bíblica do filho pródigo (Lucas 15.11-32), para mostrar na prática o que a paternidade de Deus promove no coração de seus filhos.

A vida é feita de escolhas e consequências. Toda vez que tomamos uma decisão, optamos por seguir por um destino e, automaticamente, abdicamos de outro. Sempre também teremos de viver as consequências de nossas decisões. Muitas vezes, nossas decisões são baseadas no que não temos. Falta para nós a capacidade de ver o que de fato Deus já nos

deu.

Vou mostrar agora como ver e viver tudo o que Deus tem disponível para você.

O filho pródigo havia tomado uma decisão. Ele escolheu exigir antecipadamente de seu pai a parte da herança que seria dele por direito e ir embora para uma terra distante. Ele partiu da segurança do lar de seu pai e foi "curtir a vida". Todo direito e toda liberdade que ele poderia ter morando na casa do pai tinham ficado para trás. Por decidir continuar a vida sem seu pai, estava dizendo que não importavam as consequências, apenas seus interesses. Importavam somente suas decisões momentâneas e irracionais de que continuar a viver daquela forma poderia lhe trazer algum lucro. Para ele, morar na casa do pai e viver conforme os princípios do pai eram a escolha ruim, algo que trazia a sensação de aprisionamento.

Então, o filho esbanjou todo o dinheiro com diversos tipos de coisas indevidas e começou a sofrer a consequência disso. O distanciamento do pai causou nele um vazio tão grande que ele se viu sozinho numa situação de humilhação. Ele passou a sofrer as consequências de uma vida de desconexão, de distanciamento e de orfandade (todas escolhidas por ele).

Quando você reconhece o seu estado de separação, negação, e confessa Deus, você é aceito novamente. Exatamente como aconteceu com o filho pródigo, Deus cancelará as suas dívidas espirituais, e você ganhará uma nova perspectiva e possibilidade. Assim o filho pródigo da parábola bíblica fez: decidiu retornar à sua posição de filho e viver uma vida de honra.

Contudo, ele ainda acreditava em uma mentira: achava que não poderia ser mais aceito como filho por conta de seus erros. Esse pai, todavia, representa o nosso Deus e, como tal, em nenhum momento o acusou ou questionou, simplesmente o abraçou com todo o amor. O pai também pediu aos seus servos que o vestissem com roupas novas, pusessem sandálias nos seus pés e anel no seu dedo. Isso significa que esse pai lhe estava trazendo: cura e uma nova vida por meio das vestes novas, um novo caminho com as sandálias; e honra com o anel. Quantas vezes já achou que não tinha mais jeito para você por causa de um erro ou pelas circunstâncias vividas pela sua família?

É preciso entender que ninguém muda sem antes voltar para a casa do Pai. Ninguém pode ser transformado sem Jesus. Você precisa receber esse amor que está disponível por meio da oportunidade de salvação. Sentir-se filho é abrir-se para experimentar esse amor e dizer a Deus: "Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho", exatamente como o filho pródigo fez.

Receber a salvação de Jesus significa trocar as mentiras que carregamos por anos a fio pelas verdades que o Pai tem a nosso respeito. Mesmo que você se considere em uma posição tímida e de vergonha, corra para os braços do Pai. Deus o receberá não como servo, mas como filho. Tudo está disponível para você. Deus o quer alcançar e passar a fazer parte da sua vida novamente. Acredite! (Na página 196 deste livro, no final do capítulo anterior, há um modelo de oração para auxiliar você a receber a salvação de Jesus. Se você ainda não orou nesse sentido, pare por alguns minutos e ore.)

A graça de Deus é maior que os seus sentimentos de não pertencimento ou de culpa. Ele já providenciou o sacrifício perfeito que apaga todos os seus pecados, Jesus Cristo! A graça de Deus perdoa você e preenche a sua vida. Deus está esperando pela sua resposta para inundar você com o amor dele. Venha para os braços do Pai.

Receba o amor.

Receba a cura.

Rejeite todo pensamento de negação.

Não sabote a si mesmo.

Viva o privilégio da alegria de Deus.

A filiação é a alegria que o relacionamento com o Pai oferece.

Há uma festa esperando por você.

> Eu digo que, da mesma forma, haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende [...]. (Lucas 15.7)

Somente a restauração do seu relacionamento com Deus é capaz de curar a sua vida e possibilitar essa alegria satisfatória para você.

Há algo maior para você revelado no poder da cura: o relacionamento com o Pai. Relacionar-se com ele é um encontro permanente, cheio de perspectiva e satisfação. A sua vida muda. O seu semblante é transformado. O poder da morte não faz mais parte do seu dia a dia. Há uma vida vibrante que não está mais presa a macas, como em hospitais. Existe uma eterna celebração do nascer do sol.

Quando o filho pródigo voltou para casa, havia uma festa esperando por ele. Havia um sentimento de alegria e paz que aguardava por ele. O filho pródigo não foi recebido como escravo, mas, liberto, retornou para a posição de filho. O filho pródigo já não era mais escravo das consequências e da situação; ele foi liberto e recebeu uma nova vida. A porta que estava aberta tinha se fechado. O perdão aconteceu, e a mentira que estava aprisionando a sua vida foi vencida.

Liberdade é poder escolher não fazer aquilo que destrói a sua vida e poder optar pelos planos e projetos de Deus.

Quando você encontra Deus como Pai, sai da condição de escravo e se torna filho. Você ganha novos calçados e novos caminhos.

Liberdade é poder escolher não fazer aquilo que destrói a sua vida e poder optar pelos planos e projetos de Deus. Viva essa liberdade, viva o prazer de ser livre.

Chegou a hora de você RETORNAR para A CASA DO PAI...

ENCONTRE O PAI!



A libertação da ORFANDADE

O primeiro passo que você precisa dar para encontrar o Pai é fazer a oração de salvação. Como disse anteriormente, você pode encontrar um modelo e orar agora mesmo; basta ir à página 196 deste livro!

Agora convido você a pedir que o Pai celestial se torne completamente seu Pai e o liberte de todo o mal causado pela orfandade, independentemente da origem dela. Ore:

Deus amado, Pai celestial, eu oro neste momento para que a minha vida seja restabelecida e o meu relacionamento de filho contigo seja restaurado. Oro para que o teu amor de Pai — que jamais me abandona, que em tempo algum me abandonou — traga cura, libertação e transformação para a minha vida. Deus Pai, eu me coloco agora nos teus braços como teu filho. Coloco a minha vida nos teus braços de Pai. Coloco todos os meus medos, todas as minhas inseguranças, toda a sensação de abandono que eu trago da minha família no teu coração de Pai.

Quero hoje assumir o teu amor em minha vida. Quero assumir e acolher o teu amor em minha vida, para que o teu amor venha transformar o meu coração de pedra num coração de carne, num coração sensível. Pai amado, eu te peço que venhas agora curar o meu coração de toda ferida do abandono, de toda ferida do desprezo. Cura o meu coração de toda a solidão trazida pelo mundo em que vivo. Vem, Pai, com o teu amor sarar toda ferida emocional que eu trago, que foi causada pelo desamor dentro da minha casa.

Pai, eu clamo que canceles o poder do espírito de orfandade que invade a minha mente, causando sensação de abandono, solidão, alienação e isolamento. Todo sentimento de não pertencimento e de esquecimento, eu clamo que canceles, em nome de Jesus.

Pai amado, cura o meu coração do sentimento de esquecimento que sofri em relação à minha mãe quando eu tinha sido gerado, e ela não sabia que estava grávida. Durante alguns meses, ela não havia percebido que eu estava lá, era como se eu não existisse. Hoje eu entendo que tu estavas lá, dizendo: "Filho, eu vejo e percebo você no ventre da sua mãe. Desde o primeiro segundo da sua concepção, eu senti, gerei e vi a sua vida".

Que esta minha decisão de me tornar teu filho amado cure agora o meu coração de todo sentimento de não existência, de não me sentir importante para as pessoas e até mesmo daqueles momentos em que eu disse: "Não vou àquele lugar porque não sou importante e ninguém vai perceber que não fui", ou: "Não vou àquela festa porque ninguém vai sentir minha falta", ou ainda: "Não vou àquela reunião de família porque não sou importante".

Deus Pai, eu libero perdão ao meu pai terreno e o perdoo por tudo que ele fez. Hoje eu entendo que ele não podia fazer mais do que fez, pois não recebeu mais que isso. Por isso eu libero perdão sobre ele e declaro que o amo.

Querido Pai, eu dou a minha vida a ti para ser preenchido com a tua vida. Restaura este ramo frágil à plena união com Jesus. Restaura a minha união completa com Cristo e a minha filiação contigo. Eu me volto para ti — meu corpo, minha alma e meu espírito; meu coração, minha mente e minha vontade. Deixa a tua vida fluir através de mim. Tu és o Deus Pai que restaura a vida e traz à luz a nossa verdadeira identidade. Ó Deus, enche-me com o poder da ressurreição de Jesus Cristo em meu corpo, em minha alma e em meu espírito e faze-me voltar até que te encontre.

Faço esta oração em nome de Jesus. Amém.

Este é o momento de você que não foi amado deixar que Deus o ame. Dessa forma, você terá condições de amar e perdoar aqueles que não o amaram. Assim, também poderá amar e perdoar aqueles que não acolheram e não entenderam você.

Muitas vezes, você diz: “Fulano não me entende”, “Meu pai não me entende”, “Minha mãe não me compreende”, mas saiba que Deus entende você. Assim também, talvez você repita muitas vezes que o seu cônjuge não o compreende, ou que não se sente acolhido pelas pessoas que são importantes em sua vida, mas Deus, o Pai amado, aquele que criou o céu e a terra, o compreende. Ele o elegeu e escolheu e jamais o abandona. Ele o ama do jeito que você é, com o seu temperamento, com as suas qualidades, com os seus limites e com os seus pecados. Ele o acolhe!

Deus diz agora a você: “Eu jamais esquecerei de você. Mesmo que a sua mãe o tenha esquecido, mesmo que o seu pai o tenha feito, jamais me esquecerei de você”. O Pai está curando o seu coração com o amor que nasce nele e flui dele.

Se você está pensando em suicídio por se sentir rejeitado, veja o tamanho da importância da sua vida para Deus. Ele entregou o seu Filho unigênito para morrer em seu favor. Não existe nenhuma possibilidade de Deus o abandonar! Se ele não abandonou você nem mesmo mediante a cruz, jamais o abandonará em circunstância ou situação alguma.

Convido você a contemplar o amor de Deus e de Jesus. Convido-o a contemplar esse amor do Pai em Jesus e a se deixar curar por ele!


13

Catalisador — Dor transformada em possibilidades

Eu sempre me preocupei em transformar a minha dor e tristeza em algo positivo e, dessa forma, superar os meus complexos. Sempre que olhava para mim e para minha história, eu pensava que havia um propósito maior além de todo aquele sofrimento. Não era possível que tudo aquilo fosse um fim em si mesmo!

Dos 13 aos 22 anos, passei por um processo de cura e transformação muito grande. Durante esse período, o meu entendimento se expandiu e passei por esse processo de Deus me relacionando com o Pai. A cada passo, a cada história, a cada momento, ele revelava em mim áreas que precisavam da cura.

Algo muito interessante começou a acontecer. Da mesma forma que fui sendo resgatado, eu me envolvia no resgate de outras pessoas. Assim como eu tantas vezes me vi em situações de desespero que pareciam não ter fim e, de repente, surgiu uma oportunidade que me levou à cura do meu passado, eu desejava ser um agente de transformação que lança uma corda de salvamento na qual muitos podem se agarrar para não sucumbir.

Deus tem feito isso de um modo que eu nem sequer havia imaginado. É sobrenatural. Cada dia que passa, me vejo diante de novos desafios que só Deus tem o poder de vencer. Na minha vida, decidi dar um basta ao mal porque esta é a mensagem que carrego dentro de mim: POSSO TODAS AS COISAS NAQUELE QUE ME FORTALECE.

O processo de mudança havia começado em mim, mas, quando eu comecei a viver esse amor de Deus, também começou a ser gerada em meu coração a capacidade de amar o próximo.

Lembro-me de que, em 2008, na maior enchente que houve em Itajaí,[1] o meu maior desejo era ajudar todas as pessoas. Conversei com a equipe da empresa onde eu trabalhava para solicitar doações de todos os tipos de alimentos, móveis e eletrodomésticos. Autorizado, juntei tudo que podia e, na garagem da minha casa, instalei um centro de apoio a todas as pessoas que estivessem precisando. Deus tinha despertado algo tão forte em meu coração que eu doava para todas as pessoas que precisavam.

As pessoas que convivem comigo dizem que sempre tive esse coração doador e generoso. Certo é que sempre tive vontade de ajudar a todos,

não somente naquele período de enchente. Contudo, a partir dos meus 22 anos, o desejo de ajudar se tornou cada vez mais recorrente. Por conta de tudo que tinha passado, eu não podia ficar de braços cruzados desfrutando de uma vida boa com satisfação. Para mim, a maior satisfação estava em ajudar outras famílias a não passarem por tudo que eu tinha passado.

Perguntas começaram a brotar na minha mente. E isso gerou uma inquietação dentro de mim. Eu queria fazer mais pelas pessoas.

Lembro-me muito da passagem bíblica da história de Neemias. A cidade de Jerusalém estava destruída por conta da guerra e dos ataques do exército da Babilônia (2Reis 25). Depois de algum tempo, quando o povo de Jerusalém estava vivendo como escravo do rei Artaxerxes, Neemias servia como copeiro do rei, quando recebeu a visita do seu irmão e mais alguns judeus. Eles falaram da situação precária da cidade de Jerusalém e da falta de segurança em razão das péssimas condições dos muros da cidade, destruídos pelas forças babilônicas. Judá estava devastado e, por isso, crescia a desigualdade entre as famílias; aumentava o desejo de lucro pessoal por meio da ganância e da corrupção. A volúpia do lucro também contaminava os líderes religiosos. O cenário de Jerusalém era desolador: o povo estava indefeso, desanimado, derrotado e desamparado. Estavam abatidos e deprimidos. O moral estava no chão. O que faria falta num momento como esse? Uma pessoa catalisadora (Neemias 1).

Mas do que se trata uma pessoa catalisadora? Pensemos nos carros. A função de um catalisador é muito importante no funcionamento do veículo: transformar os gases tóxicos, resultantes da combustão do motor, em gases inofensivos, reduzindo, assim, a emissão de poluentes na atmosfera.[2]

Neemias foi o líder que teve a capacidade de catalisar o relato da destruição, do sofrimento, da derrota do povo e transformar toda essa situação em combustível para mudar a realidade da sua cidade.

No meu caso, não havia uma destruição na minha cidade, mas na minha casa. E eu, quando descobri meu propósito de vida, entendi que não podia ficar de braços cruzados. Precisava ajudar a minha cidade, precisava ajudar as famílias, ajudar os pais, os filhos, contribuir para aliviar suas

mazelas. O meu desejo era ajudar cada cidadão da minha cidade a vencer seus medos, vícios, traumas.

O catalisador promove ambiente de mudança cultural diante do negativismo e da derrota e impulsiona pessoas para cura, transformação e para aquilo que realmente é importante e grande.

Sempre digo para minha mãe: "Mãe, já pensou se tivéssemos esse entendimento, ou alguém assim para nos ajudar, ou nos socorrer?". Claro que tínhamos os vizinhos e amigos que nos ajudavam, mas não tínhamos alguém que pudesse nos socorrer, nos instruir a ponto de transformar a nossa realidade.

Hoje você pode estar se sentindo como nós nos sentíamos anos atrás, sem direção, sem instrução, sem força para transformar sua realidade, porém estou aqui para mostrar que há esperança.

Fomos colocados como povo de Deus no mundo para transformá-lo. E, para que haja essa mudança, precisamos visualizar o que precisa ser transformado. Então, não tenha medo de reconhecer o que está em ruínas, entenda que você foi chamado para mudar essa situação. A coisa mais importante da vida não é a SITUAÇÃO em que estamos, mas a DIREÇÃO na qual nos MOVEMOS. Assim como Neemias, eu aprendi a sentir a dor daqueles que estão sofrendo na minha Jerusalém. Muitos eu não conheço pessoalmente, mas sei que precisam de alguém que trabalhe em favor deles.

A coisa mais importante da vida não é a SITUAÇÃO em que estamos, mas a DIREÇÃO na qual nos MOVEMOS.

Olhe ao seu redor! Sinta a dor dos necessitados! Eles precisam de ajuda! Levante-se e seja mãos e pés de Deus, seja abraço de Deus, seja o amor de Deus materializado!

O envolvimento na obra de Deus depende da CAPACIDADE de cada um de nós de perceber as NECESSIDADES que precisam ser atendidas.

Profetize palavras de fé sobre o seu destino. Não use suas palavras para descrever a situação; use suas palavras para transformar realidades. Acredite que Deus é quem abre as PORTAS, provê os RECURSOS, DESPERTA o povo e dá a VITÓRIA.

Não tenha medo da sua dor. Não tenha medo do seu passado. Essa fase já acabou! Para rebater a minha dor, a maneira que encontrei foi criar projetos sociais e ministeriais capazes de contra-atacar cada pedrada que a vida tinha lançado contra nós. Os projetos que idealizei têm tudo a ver com minha situação.

O Centro de Recuperação Feminino Conviver e os abrigos para crianças e adolescentes são formas de atender pessoas vítimas das drogas e do álcool, bem como vítimas da orfandade. O Lar da Família tem o objetivo de fortalecer as famílias para que encontrem o caminho da verdadeira felicidade. O nosso Mercado Solidário é uma tentativa de ajudar os que passam fome a encontrar uma saída e a aprender a lidar com suas necessidades.

Todos esses projetos sociais, assim como os demais apresentados e os que cremos que virão, são formas de incluir e reinserir pessoas que automaticamente estão fora do convívio da sociedade e longe de viver uma vida digna. Eu não desejo que nenhuma criança ou adolescente passe pelo terrível sofrimento causado pelo *bullying*, se podemos fazer algo para evitá-lo; por isso, criamos os projetos relacionados aos esportes e às artes. Não desejo que as mulheres e seus filhos sofram violência machista como aconteceu com a minha mãe e com toda a nossa família, por isso o Projeto Acolher terá as portas abertas para acolher a família que sofre de abuso sexual, psicológico, emocional e verbal.

Entendendo o processo de cura

Cura é um processo, acontece por etapas!

Para que o processo seja completo, é preciso abrir mão do ego. Deixe o orgulho de lado e admita que você precisa de ajuda.

Lembra-se de que eu expliquei como foi longo no meu caso? A mudança começou primeiro em mim por dentro. No meu coração. Na minha mente. Eu queria ver a mudança logo na minha casa e na minha família, mas isso

não aconteceu. O que aconteceu foi que eu passei a ter esperança de que o processo que me alcançou também os alcançaria, mesmo vivendo em meio ao caos. Eu cri com toda a fé que as promessas de Deus não falham e que minha família também seria transformada. Eu fazia parte dos sonhos de Deus, eu era plano dele. Com o tempo, tudo passou a ser diferente. As mudanças foram chegando, e o plano de Deus se estabelecendo.

Você pode reescrever a sua própria história, não precisa carregar o peso das situações mal resolvidas para o seu futuro. Então, sente-se e reflita. Depois, reveja a história da sua família em conjunto com os seus pais.

Assim como Neemias entendeu o processo da reconstrução dos muros, há também um processo de cura para você. Foi possível com Neemias e Jerusalém, e é possível para você também. Há também um processo para você, um processo de vitória, um processo de conquistas, restauração, de união familiar, de alegria, de satisfação e de muitas outras coisas que Deus ainda tem para o seu futuro.

Tenha um tempo de reflexão. Mantenha em foco que você não é a situação pela qual passou ou está passando. Esteja disposto a abrir o seu coração e a deixar o Espírito Santo cavar bem profundo para mostrar a você onde está a causa da sua dor. Deus não é como seu pai humano. Ele está disposto a ajudar você a sair desse estado de dor e fragilidade. Ele é o maior interessado em fazer você feliz, em dar a você amor, paz e um caminho próspero. Deus nunca decepcionará você, por isso não desenvolva o senso da dúvida de que Deus pode decepcioná-lo. Ele é a cura, não a decepção!

Identificando o problema

Existe aquela máxima que diz "Cada caso é um caso", e isso é verdade também no processo de cura. Cada situação precisará de um tempo diferente para chegar a cabo. Todavia, a jornada rumo ao processo de cura pode não ser tão fácil se você focar sua energia na área errada.

Quando refletimos sobre a história de Neemias, nada foi fácil para ele. Ele enfrentou oposição, enfrentou desafios, teve que lidar com pessoas desacreditadas, pessoas que não tinham a mesma visão de que era possível, mas ele não se abateu. Ele não estava focado nos problemas,

mas naquilo para o qual Deus o havia direcionado: a reconstrução (Neemias 4). Quando entendi que minha vida poderia ser diferente, passei a usar a mesma energia que usava para viver as minhas dores em prol das minhas conquistas. Comecei a focar aquilo que realmente importava.

Quantas pessoas você já não viu que estavam focando energia em resolver problemas como compulsão, ira ou procrastinação? Quantas tentando revolver problemas como vício, traumas ou rejeição?

É preciso ir mais fundo. É necessário abrir o coração para acessar os problemas mais enraizados. Tudo começa na raiz, o fluxo natural das coisas começa pela raiz, e a raiz de todos os males é a orfandade.

A orfandade é o motivo pelo qual sua vida não é diferente. Ela é o motivo de você não conseguir ter uma vida saudável e equilibrada. Por muito tempo, o que me paralisava era essa orfandade. Isso acontecia exatamente porque eu fui, por muitos anos, órfão de pai vivo.

A orfandade é a causa do isolamento e da sensação de punição. Ela nos leva a nos escondermos em cavernas e a nos enjaularmos em grades que são colocadas em nossa mente.

É a causa do medo de nos envolvermos com outras pessoas. A orfandade nos leva a pensar que intimidade é sinônimo de perigo. Ela é a causa de disfunções de personalidade como timidez, apatia, autoestima baixa, autocomiseração, agressividade, pânico ou insensibilidade. Ela é a causa da disfunção de desempenho, da incapacidade de assimilação, do medo de errar, de arriscar, de ceder às pressões e dos comportamentos destrutivos.

A orfandade causa codependência, o que nos leva a replicar maus comportamentos, agressividade e vícios. A orfandade causa ações punitivas. Causa frieza emocional, sentimento de não pertencimento, rejeição. Ela também é responsável por relacionamentos superficiais, quebra da intimidade e pela incapacidade de estabelecer relacionamentos profundos. Ela desenvolve solidão, culpa e religiosidade.

Você consegue perceber o tamanho dos estragos que a falta da "simples presença de um pai" pode causar? Mas nosso foco agora não é esse, já tratamos desse tema. Nosso foco é: "Como, então, quebrar esse mal que está muitas vezes impregnado em nosso coração?".

Mude a maneira de pensar sobre a dor

Uma das ideias mais equivocadas que as pessoas têm sobre a dor é que o tempo é capaz de curá-la. Acreditam que se simplesmente esquecerem e ignorarem o que estão sentindo ou se fizerem vista grossa ao que lhes aconteça, a dor finalmente desaparecerá. Isso não poderia estar mais longe da verdade! Se o tempo curasse, as pessoas que estão em presídios seriam as mais curadas do mundo.

Retomando a história bíblica, havia se passado muito tempo desde a destruição de Jerusalém pela Babilônia, os muros já estavam destruídos por longos anos. E nada havia mudado. O cenário de destruição ainda era o mesmo. Mas, quando Neemias entendeu que Deus estava com ele e que nada poderia paralisá-lo, a mente dele não ficou presa à incapacidade ou procrastinação, mas voltada para a capacidade de que, ao lado do Pai, ele poderia avançar muito, tanto que reconstruiu os muros em 52 dias (Neemias 6.15,16)

O tempo faz duas coisas: revela a dor e dá-lhe ainda mais espaço. Se você plantar uma semente e regá-la, ela crescerá; o mesmo acontece também com a dor. Se você esconder a dor no fundo da sua alma e regá-la com amargura e falta de perdão, com o tempo essas coisas se tornarão como ervas daninhas. Elas crescerão ao redor do seu coração e sufocarão toda a sua capacidade de ser feliz.

Se, porém, você passar pelo processo poderoso de enfrentar a sua dor e arrancá-la do seu coração de forma intencional, então você será curado. Jesus sempre enfatizou que a visão, a capacidade de perceber o resultado do processo, dá um propósito para a sua dor.

Por vezes, carregamos a dor por tanto tempo que finalmente passamos a crer que temos de abrir caminho até a vitória com muita luta e muito esforço. Vivemos presos na escuridão, esperando apenas ser resgatados. Quando enfrentamos a dor, porém, abraçamos o processo da cura verdadeira e temos a vitória da mente. É dessa forma que nos tornamos pessoas impossíveis de serem derrotadas!

Chegada a vitória do enfrentamento mental, precisamos nos permitir sofrer. Talvez você tenha pensado que deveríamos nos acostumar com a dor ou algo do tipo. O que quero mostrar a você é que, ao contrário da

opinião popular, sofrer não significa ficar sentado em um quarto escuro pensando em sua agonia, autocomiseração, até sentir-se irado e derrotado. Isso pode até ser parte do processo, mas com certeza não é o fim do jogo.

O processo do sofrimento é um processo de luto. Leva à cura, tem começo e fim. Como em um funeral, você se sente triste ao reviver a perda. Todavia, as lágrimas lavam a dor à medida que você processa as suas memórias e reconta a sua história. Deus dá a você a oportunidade de ser curado enquanto chora, mas esse choro não é de derrota e de agonia; é um choro que será transformado em oportunidade de cura. A oportunidade dos céus está disponível; mesmo que muitas vezes haja choro, temos a certeza de que seremos consolados e revigorados.

O lugar onde você foi machucado será o lugar onde Deus mais vai usar você para a cura de outros.

Não deixe que seus pensamentos negativos escravizem você. Examine-os. Às vezes, durante o processo de deixar a dor para trás, você ficará tão angustiado que seus pensamentos se parecerão com crianças problemáticas discutindo com seus irmãos. O barulho e a confusão que rondam sua mente podem ser tão grandes que é praticamente impossível se concentrar na voz de Deus. Isso pode fazer que você se sinta só e com medo.

Em momentos como esse, é necessário lidar individualmente com cada pensamento. Separe os seus pensamentos perturbados e confusos. Questione-os, um a um. Diga-lhes que eles não podem paralisar você. Encare-os como "gente grande", como uma pessoa madura. Da mesma forma que um pai amoroso confrontaria seus filhos que estão discutindo para descobrir o que fizeram de errado, confronte seus pensamentos, esteja disposto a se posicionar de frente para eles. Seja como Davi, que disse:

> Tu me serves um jantar completo na cara dos meus inimigos.
> Tu me renovas, e meu desânimo desaparece;

minha taça transborda de bênçãos (Salmos 23.5, *A Mensagem*).

Esse passo de posicionamento maduro muitas vezes é o mais desafiador, porque exige que você cave e vá ao fundo nos seus problemas, enquanto examina seus pensamentos tomados pela ansiedade. Mas, lembre-se, enfrentar a sua dor é a única maneira de encontrar a verdadeira determinação e finalmente encerrar o processo que a causou.

Fortaleça as áreas que estão fragilizadas

Depois de descobrir as dores profundas de seu passado e de enfrentá-lo com maturidade, o passo seguinte é fortalecer as áreas que ainda estão fragilizadas.

Neemias em meio ao caos conseguiu visualizar a cidade restaurada. Por mais que seu semblante estivesse triste, ele estava motivado a cumprir a missão. Ele sabia que a mão do Senhor estava com ele e, por isso, a vitória seria apenas uma questão de trabalho, tempo e submissão à vontade de Deus. Ao identificar que a construção do muro seria o que poderia restaurar a alegria e a paz em Jerusalém, Neemias se dedicou a fortalecer e proteger a cidade. Tudo o que Deus tinha para o povo foi restaurado com a reconstrução dos muros. Tudo o que Deus tinha para Neemias foi possível por causa da sua prontidão em dar esse passo de fé (Neemias 6.15).

Nessa etapa do meu processo de transformação, comecei a procurar por pessoas em que eu confiava para falar com elas. Busquei por ajuda para ser curado. Você precisa se colocar à disposição para ser ajudado por cristãos maduros para trabalhar nas áreas fragilizadas de sua vida e, assim, ter sua cura completa.

Independentemente das razões pelas quais você está sofrendo ou está anestesiado, o caminho de saída é mergulhar fundo no problema e resolvê-lo por completo. Parece contraditório dizer para mergulhar na dor para obter cura, mas é exatamente assim! Ao fazer isso, você se tornará mestre em descobrir as suas dores, em falar sobre elas para dar-lhes um fim e em curar sua alma.

Esse processo é tão poderoso que você se tornará em uma pessoa feliz.

Arrisco dizer que você será tão feliz que contagiará outros. E estará preparado para ajudar outros com a cura que já terá recebido.

Pessoas curadas curam.

Ir fundo na dor é entender que você é capaz de mudar as suas circunstâncias. Lembro-me de que, por muito tempo, eu não conseguia pensar em uma família, não conseguia sequer pensar na possibilidade de me tornar pai. Não me via capaz.

Foi então que eu aprendi uma coisa: ninguém dá aquilo que não tem. Eu não tinha pai, não tinha amor de pai para compartilhar. Então, para mim, isso seria muito difícil. O mais leve pensamento de ter uma família era algo que me paralisava.

Compreendi com isso que eu teria de buscar alguém que me ensinasse o que é o amor. Alguém que poderia me ensinar a ser pai. Alguém que pudesse trocar toda a minha definição de pai. Alguém que me desse amor e me tornasse capaz de amar de forma adequada.

Quem cuidou de cada uma das minhas dores, me amou profundamente, me abraçou, me encorajou, transformou minha capacidade de me relacionar, tirou de mim o estigma de filho de alcoólatra, foi o Pai celestial.

Só o amor de Deus podia resgatar a minha posição de filho! Só o amor de Deus podia me resgatar. Só o amor de Deus pode resgatar você!

Quando eu *encontrei um* P*ai*, tudo em minha vida começou a mudar.

Seja você também abraçado pelo seu Pai.

VOCÊ ENCONTROU UM PAI!

Você é filho!

Você é amado!

Você será diariamente curado!

Você está liberto das dores impostas pela vida!

Você tem um lugar à mesa!

O Pai ama você!

O nosso Pai quer cuidar de você!

Receba o abraço do nosso Pai!

Sinta-se parte da família!

Você nunca mais estará relegado!

Ele tem um lugar especial reservado para você!

Você é amado!

Você é filho!

VOCÊ TEM UM PAI!

---

[1] <https://www.nsctotal.com.br/noticias/tragedia-de-2008-itajai-teve-85-do-territorio-submerso>.

[2] <https://revista.socarrao.com.br/geral/a-funcao-de-um-catalisador/>.



Conclusão

Obrigado por permitir que eu contasse a você a história da minha família!

Como você pôde ler nos capítulos deste livro, a falta de um pai, ainda que ele estivesse vivo e até mesmo aparecesse em casa por algum tempo, causou muitas dores em minha vida física, emocional e espiritual. Ser órfão de pai vivo é um trauma que também tem sido imputado a muitas crianças e adolescentes até os dias de hoje.

Espero que esta leitura tenha levado você a algumas reflexões, entre elas:

- Deus não se agrada do mal que aflige sua criação.
- Deus não se esquece de ninguém.
- Todos os seres humanos foram criados com um propósito.
- O Pai celestial deseja ser seu Pai, independentemente de você ter tido um bom pai terreno ou jamais ter conhecido o seu, ou qualquer forma de paternidade que você tenha conhecido.
- O amor de Deus é plenamente capaz de transformar as suas dores em bem, não somente para você, mas para todos ao seu redor.
- Deus deseja ter um relacionamento pessoal e íntimo com você para sarar suas feridas.

Certamente, e infelizmente, a minha história pessoal não é diferente da realidade de muitas pessoas mundo afora. Este livro poderia ser apenas mais uma história de superação pessoal, mas não é!

Este livro foi escrito para proporcionar a você também a possibilidade da cura: cura da orfandade, cura do *bullying*, cura do medo, cura da timidez, cura da rejeição, cura da situação de vício de sua família, cura da situação de violência que assola sua alma.

Abra diariamente o seu coração para o seu Pai celestial. Lembre-se de que ele preferiu morrer uma violenta, dura e sangrenta morte de cruz a abdicar de um relacionamento pessoal com você. Ele ama você! Ele está ao seu lado! Ele sente as suas dores! E pelas feridas dele você será

diariamente sarado!

Conforme você for curado, estenda essa cura aos que sofrem ao seu redor. Incluímos muitos testemunhos e muitas ideias de como pode ajudar a curar outras pessoas. Você não precisa, necessariamente, desenvolver dezenas de projetos sociais, mas você pode certamente se voluntariar a prover cura por meio dos muitos projetos existentes ao seu redor.

Não posso também deixar de reforçar a necessidade de você buscar por um companheiro cristão em sua caminhada de vida e fé. Eu tive grandes homens de Deus que me orientaram. Não só isso, eu caminho diariamente ao lado de pessoas que podem me aconselhar sabiamente e dividir o meu fardo para que seja leve. São pessoas que me orientam, auxiliam, colaboram com a minha vida e o meu ministério. Siga o exemplo do nosso Mestre, Jesus, e tenha companheiros de jornada!

A transformação de sua vida começou, e você seguirá cada dia em vitória e firmado na Rocha, que é Cristo. Se você não faz parte de uma comunidade de fé, recomendo que busque uma base sadia que o oriente na Palavra e o auxilie na direção do seu novo caminho.

Minha maior alegria, ao finalizar este livro, é dizer que NÓS ENCONTRAMOS O PAI!

Bem-vindo à vida abundante!

E*ncontrei um* P*ai* não é apenas um livro para leitura, mas uma ferramenta para auxiliar você a viver a paternidade que você precisa.

Você pode sair do seu estado de orfandade e negação para a filiação em Deus.

Todos nós temos algo em nossa vida para melhorar. Após esta leitura, provavelmente Deus trouxe algo ao seu coração que você precisa refletir, abandonar ou confessar.

A boa notícia é que podemos agora contar com o nosso Pai celestial. Ao caminhar com ele, você desenvolverá a sua melhor versão.

Como não é possível seguir nesta jornada sozinho, ofereço a você uma parceria de continuidade. Para receber mensagens e devocionais que o fortaleçam e encorajem, você pode acessar o meu site **juniorrostirola.com** e se inspirar ainda mais. Além de conhecer a minha história e tudo que o Pai celestial fez, há também outras ferramentas de auxílio, basta se cadastrar!

Se a sua vida foi transformada ou você recebeu algum direcionamento de Deus, também queremos ouvir o seu testemunho após a leitura deste livro. Envie para testemunho@juniorrostirola.com, ou acesse a aba "Fale com a gente" no site **juniorrostirola.com**.

Para facilitar o nosso contato, use o leitor do seu celular e acesse o código QR que leva direto ao site agora mesmo pela imagem abaixo.



DO SEU ESTADO DE ORFANDADE E NEGAÇÃO PARA A FILIAÇÃO

Junior Rostirola, com sensibilidade e grandeza, nos mostra que existe uma forma de catalisar toda a sua dor em uma história de sucesso. *Encontrei um Pai* mostra que é possível amar após viver num cenário no qual você nunca foi amado e desenvolver uma jornada pessoal de transformação. Tenho certeza de que este livro mudará a sua vida. Recomendo esta leitura.

—**Deive Leonardo,**
YouTuber com o maior canal de pregação individual do mundo, com quase 2 milhões de inscritos

Encontrei um Pai trata de uma realidade difícil e desafiadora, mas com um final bem diferente dos traumas e revoltas que encontramos na maioria das pessoas. Você verá a beleza de ações extraordinárias que foram impulsionadas pelas deficiências e dores de alguém que encontrou em Deus suporte para vencer. Jesus poderia ter dito *Meu Pai*, mas disse *Pai nosso*. Indico este livro.

—**Claudio Duarte,**
Pastor e conferencista

Ao abrir *Encontrei um Pai*, você depara com o testemunho de alguém que tem encontrado a verdadeira paternidade e ajudado muitos a vencer o espírito de orfandade que assola nossa sociedade.

—**J.B. Carvalho,**
Bispo líder da Comunidade das Nações em Brasília, DF, conferencista e autor

Em *Encontrei um Pai*, Junior Rostirola nos apresenta com profundidade, por meio de seu próprio testemunho, a verdadeira saída e solução para todas as gerações. É possível ter um Pai de amor que pode revelar o seu destino e mudar a sua realidade.

—**Damares Alves,**
Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos

Ao ler *Encontrei um Pai*, você vai perceber que em Deus podemos suprir todas as nossas carências paternas e ainda transformar a história daqueles ao nosso redor.

—**Lucinho Barreto,**
Pastor líder da juventude da Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte, MG

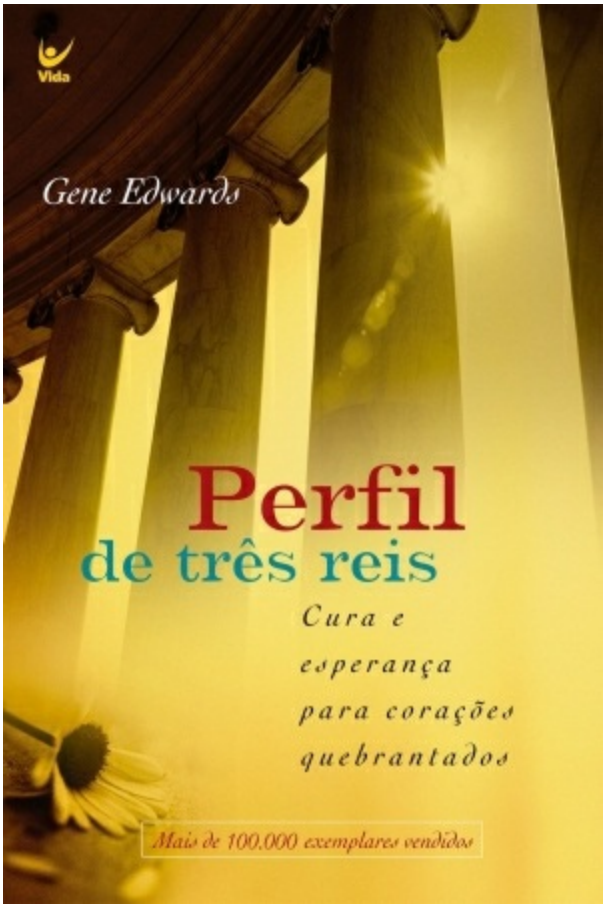
Vida

www.editoravida.com.br

eBook disponível

ISBN: 978-85-383-0392-3

Categoria: VIDA CRISTÃ: Biografia/Testemunho


Vida
Gene Edwards
Perfil
de três reis
Cura e
esperança
para corações
quebrantados
Mais de 100.000 exemplares vendidos

Perfil de três reis

Edwards, Gene
9786555840292
96 páginas

Compre agora e leia

Mais de 99 mil exemplares vendidos. Um clássico moderno sobre quebrantamento, obediência e autoridade. Muitos cristãos experimentam dor, perda e angústia nas mãos de outros crentes. Outros carregam histórias terríveis e quase inacreditáveis de danos profundos em suas vidas. A história emocionante deste livro proporcionará conforto, cura e esperança aos que foram feridos diante de um tratamento injusto que sofreram em suas igrejas. Perfil de três reis é um conto baseado nas figuras bíblicas de Davi, Saul e Absalão. Um livro transformador que vai inspirar os leitores a buscar a verdadeira paz em Jesus.

Compre agora e leia


GUSTAVO BESSA &
ANA PAULA VALADÃO BESSA
O CAMINHO DA
FELICIDADE
NÃO ESTÁ LONGE DE VOCÊ
Vida

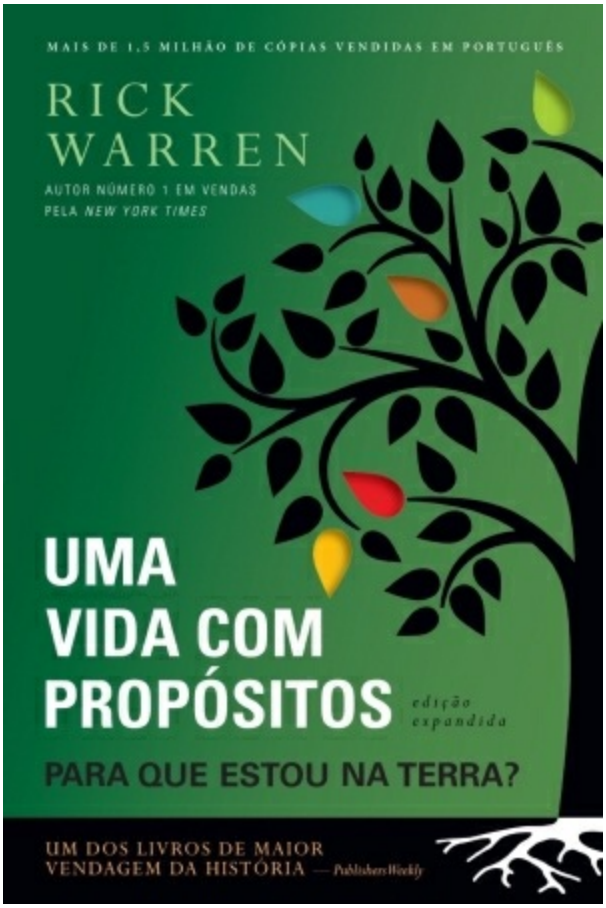
O caminho da felicidade

Valadão Bessa, Ana Paula
9786555842890
168 páginas

Compre agora e leia

O QUE É A FELICIDADE? Felicidade é um tema complexo com diversas nuances, mas o que é na prática? Diversos filósofos cunharam suas próprias definições de felicidade. Este livro está baseado na única pessoa que pode nos apontar o verdadeiro caminho da felicidade: Jesus. Inicialmente, Gustavo e Ana Paula apresentam a descrição de Jesus para felicidade no Sermão do Monte. Para expandir a visão bíblica do tema, apresentam diferentes pontos de vista, todos baseados nas Escrituras, com o apóstolo Paulo e com João. Em uma abordagem prática, estão presentes os temas do cultivo de uma vida feliz, colocando em foco a importância do descanso e mostrando a felicidade presente no nosso cotidiano em capítulos sobre o casamento e o trabalho. De uma maneira que prende o leitor do início ao fim, O caminho da felicidade chegou para mostrar que é possível ter uma vida feliz quando a vivemos diante do trono.

Compre agora e leia


MAIS DE 1,5 MILHÃO DE CÓPIAS VENDIDAS EM PORTUGUÊS
RICK
WARREN
AUTOR NÚMERO 1 EM VENDAS
PELA NEW YORK TIMES
UMA
VIDA COM
PROPÓSITOS
edição
expandida
PARA QUE ESTOU NA TERRA?
UM DOS LIVROS DE MAIOR
VENDAGEM DA HISTÓRIA — Publishers Weekly

Uma vida com propósitos

Warren, Rick
9786555840162
400 páginas

Compre agora e leia

"Uma vida com propósitos é sem dúvida um clássico. Um livro inspirador, ao mesmo tempo pragmático e profundo, que nos leva a uma reflexão sobre o real sentido da vida e nosso posicionamento diante dela." — Adérson O. M. C. Damião, médico, professor da Faculdade de Medicina da USP, consultor médico e científico da Nestlé Healthcare Nutrition Brasil "A maneira que mais encontro para apoiar executivos, em minhas atividades de mentoria, é despertandoos a ter um sentido maior para a vida que ultrapasse a atividade profissional. Percebo claramente a falta de propósitos e a ausência da razão de ser. A brilhante contribuição de Rick Warren em Uma vida com propósitos certamente supre essa necessidade". — Carlos Fernando Damberg, consultor de Recursos Humanos da Diaknósticos Consultoria e exvicepresidente da Siemens O foco não é você! O propósito de sua vida é muito maior que a realização pessoal, a paz de espírito ou mesmo a felicidade. É muito maior que a família, a carreira ou mesmo os mais ousados sonhos e ambições. Muito antes de o Universo ter sido criado, Deus já tinha um plano para você. E os propósitos que ele tem para sua vida vão muito além dos poucos anos que passamos neste mundo. Você foi criado para viver eternamente. A maioria dos livros de autoajuda sugere que descobriremos o significado e o sentido da vida quando procurarmos dentro de nós mesmos. No entanto, em Uma vida com propósitos, Rick Warren mostra que não é aí que devemos iniciar a busca. Nosso foco deve começar em Deus, o Criador. Você foi criado por Deus e para Deus e, até que compreenda plenamente essa verdade, a vida

jamais fará sentido.

Compre agora e leia


MAHESH CHAVDA
O poder secreto da
ORAÇÃO
E DO JEJUM
Liberando o
poder da igreja
que ora
Vida
Mais de 60 mil
exemplares vendidos

O Poder secreto da oração e do Jejum

Chavda, Mahesh
9786555840278
175 páginas

Compre agora e leia

Você tem em mãos uma bomba de poder espiritual e revelação. Deus tem uma maneira de transformar derrotas em vitórias e fortalezas demoníacas em caminhos de amor e poder. Quando enfrentar a derrota, O poder secreto da oração e do jejum dará a você poder para liberar o Espírito Santo em seu interior! Seja problema físico, seja financeiro ou familiar, Mahesh Chavda enfrentou vitoriosamente esses ataques e viu o poder de Deus ganhar cada batalha. O estilo de vida de Mahesh Chavda é marcado pelo jejum e pela oração, por isso inspira você a lutar o bom combate, e Deus lhe dará a solução. Traga a glória de Deus para sua vida, igreja, cidade e nação por meio do poder secreto da oração e do jejum.

Compre agora e leia


À PROCURA
DA FELICIDADE
COMO SOBREVIVER
NA SOCIEDADE DO CANSAÇO
E DO ESGOTAMENTO
ISMAEL SOBRINHO

À procura da felicidade

Sobrinho, Ismael
9786555842760
296 páginas

Compre agora e leia

VOCÊ ESTÁ CANSADO E SOBRECARREGADO? Sabia que quase todas as pessoas da sociedade atual também estão assim? A busca incansável pela felicidade sem direcionamento ou sentido tem gerado cada vez mais pessoas infelizes! Ismael Sobrinho, com toda a sua experiência na área de psiquiatra com mais de vinte anos de atendimento ambulatorial, nos traz uma obra repleta de preciosidades para desmistificar a tal procura da felicidade, mostrando-nos que é possível ser feliz quando entendemos o propósito da vida. Dividido em três partes, À procura da felicidade aborda na Parte 1 um panorama da sociedade que gera tanto cansaço e esgotamento. Na Parte 2, o autor aponta algumas estratégias e saídas espirituais para a verdadeira felicidade. Já na Parte 3, o leitor encontra um conteúdo mais prático, voltado à melhora física e emocional. Com base nas Escrituras e com conteúdo completo, À procura da felicidade prepara o corpo, a mente e o espírito do cristão para a volta do Senhor Jesus Cristo.

Compre agora e leia